



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CHARLENE MARIA DOS SANTOS

PERCURSO TEMÁTICO E FIGURATIVO NA LITERATURA DE CORDEL

RECIFE

2016

CHARLENE MARIA DOS SANTOS

PERCURSO TEMÁTICO E FIGURATIVO NA LITERATURA DE CORDEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia

Linha de Pesquisa: Memória da informação científica e tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Fabio Assis Pinho

RECIFE

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S237p Santos, Charlene Maria dos
Percurso temático e figurativo na literatura de cordel / Charlene Maria dos Santos. – Recife, 2016.
113 f.: il., fig.

Orientador: Fábio Assis Pinho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2017.

Inclui referências.

1. Literatura de cordel. 2. Memória. 3. Semântica discursiva. 4. Percurso temático e figurativo. 5. Organização do conhecimento. I. Pinho, Fábio Assis (Orientador). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2017-50)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

CHARLENE MARIA DOS SANTOS

Percurso temático e figurativo na literatura de cordel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 29/02/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dra Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a D^{ra} Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (Examinador Externo) Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus queridos pais e irmãos pelo apoio e aos amigos por compreenderem a minha ausência em alguns momentos importantes.

Ao André por seu companheirismo, paciência, parceria, atenção, afeto, carinho, por me incentivar a ir cada dia mais longe e pelos cafés. Eu poderia escrever milhares de páginas e mesmo assim não conseguiria exprimir o quanto sou grata por essa dedicação. Sou muito feliz por ter você ao meu lado.

Agradeço aos membros da banca avaliadora, as professoras Anna Elizabeth e Beth Baltar, por toda a contribuição dada na qualificação.

Ao meu orientador Fábio Pinho, por mais uma parceria, pela a orientação sempre agradável e pelo apoio.

Aos queridos colegas de turma, vocês são incríveis! Foi uma honra imensa conviver com todos, obrigada pela união, amizade e pelo apoio de sempre. Já sinto saudade de todos! Não poderia deixar de agradecer à uma colega em especial: Bia, obrigada pela a companhia nas aulas, pela parceria nos trabalhos e por dividir as angústias, torço muito por você.

Aos professores do PPGCI/UFPE pelos ensinamentos.

Agradeço também ao meu casal: Silla e Gui, e aos queridos Tudor e Cynthia por estarem sempre presentes. “Vocês são meus e o boi não lambe ”!

Ao longo desses dois anos, muitos amigos sempre me perguntavam como eu estava, como estava a pesquisa, se eu poderia ir à uma festa, se poderiam ir à minha casa, se poderíamos viajar... Queridos, eu só posso agradecer pelo carinho e compreensão pelo meu “sumiço” da vida de vocês: Amélia, Túlio, Cíntia, Pietro, Marcelinho, Gabriel, Rafael e Ana Cecília (vocês não poderiam faltar aqui), Gracy, Denynho, Helena, Nelson, Josyane, Gleibson, Abson, Juliete, Amandinha, Maria, Jon, Carol Silva e Jailton. Muito obrigada!

Um agradecimento especial às minhas “pérolas”, Lili, Paulinha, Nina, Polly e Dan. Meninas, mesmo longe fisicamente vocês fizeram estes dois anos mais leves! Obrigada pelas conversas filosóficas, pelas risadas e pelas “sessões de terapia”.

Agradeço especialmente ao conselho da amiga e professora Edilene Silva, um dos mais valiosos que já recebi e que me manteve firme o tempo todo. Minha querida, muito obrigada!

Não posso deixar de agradecer de maneira especial ao meu irmão Charlon, por ter me auxiliado de maneira incansável nessa pesquisa, por todas as idas e vindas com o material a ser pesquisado e com a bibliografia, além do incentivo de sempre. Obrigada Lon!

Obrigada!

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes”.
(Cora Coralina).

RESUMO

Apresenta um estudo interdisciplinar entre Ciência da informação e Linguística, com a finalidade de promover melhorias nos procedimentos de análise de assunto desenvolvidos nas atividades de representação temática de documentos complexos como o folheto de cordel, utilizando a Linguística Semântica, mais precisamente, o Percurso Gerativo de Sentido e seus processos. O objetivo geral da pesquisa é propor a aplicação da análise de assunto - leitura técnica e extração de conceitos - em cordéis de J. Borges, com base nos procedimentos semânticos de tematização e figurativização do percurso gerativo de sentido. Como objetivos específicos temos: a) realizar um levantamento dos cordéis de J. Borges no Memorial J. Borges; b) identificar os temas e as figuras nesses cordéis; c) averiguar a adequação dos procedimentos de tematização e figurativização para a análise de assunto em cordéis. Os pressupostos teóricos adotam teorias da Ciência da Informação: organização do conhecimento, representação da informação, representação temática e análise de assunto; da Linguística: semiótica, percurso gerativo de sentido e percurso temático e figurativo; e dos estudos da memória e da cultura: patrimônio cultural, cultura popular e literatura de cordel. A pesquisa é do tipo documental com abordagem qualitativa, tendo como *locus*, o Memorial J. Borges, que funciona como ateliê do poeta, espaço para realização de oficinas, galeria pessoal, gráfica e loja. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 10 títulos, dos 48 títulos disponíveis no Memorial, tendo como critério de escolha, as obras mais citadas de J. Borges, nos diferentes meios de comunicação, tanto científica, como não-científicas. A análise dos cordéis escolhidos foi realizada de acordo com os passos: a) leitura integral dos cordéis; b) identificação das figuras; c) reprodução da sextilha, setilha ou décima onde a figura foi identificada, no quadro referente à obra; d) enquadramento da figura ao tema pertinente. Os resultados apontam que a utilização dos procedimentos de tematização e figurativização do percurso gerativo de sentido em conjunto com a análise de assunto, possibilitou resultados satisfatórios nas ações de leitura técnica e extração de conceitos, que por sua vez, trará eficiência e qualidade no processo da representação temática. Por fim, espera-se que a pesquisa contribua com os estudos referentes às questões da análise de assunto desenvolvida sob o enfoque do o percurso temático e figurativo do percurso gerativo de sentido.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Memória. Semântica Discursiva. Percurso Temático e Figurativo. Organização do Conhecimento.

ABSTRACT

Presents an interdisciplinary study of Information Science and Linguistics, in order to promote improvements in the subject analysis procedures developed in thematic representation activities of complex documents such as the cordel pamphlet, using the Linguistic Semantics, more precisely, the sense generative course and its processes. The overall objective of the research is to propose the application of the subject analysis - technical reading and extraction of concepts - in cordel pamphlets of J. Borges, based on semantic procedures thematization and figurativization the sense generative course. The specific objectives are: a) conduct a survey of J. Borges cordéis at Memorial J. Borges, b) identify the themes and figures in these cordéis, c) ascertain the adequacy of the thematization and figurativization, procedures for the subject analysis in cordel pamphlet. The theoretical background adopt theories of Information Science: knowledge organization, information representation, thematic representation and subject analysis; from Linguistics: semiotics, sense generative course and thematic and figurative journey; and studies of memory and culture: cultural heritage, popular culture and cordel literature. The research is documental type using a qualitative approach having as *locus*, the Memorial J. Borges, which works as a studio of the poet, space for workshops, personal gallery, graphic and shop. The *corpus* of the research consisted of 10 titles, of the 48 titles available at the memorial, having as criterion of choice, the most mentioned works of J. Borges, in different means of communication, both scientific, as no scientific. We performed the analysis of the cordéis in accordance with the stages: a) full reading of cordel; b) identification of the figures; c) Reproduction of sextilha, setilha or décima that identifies the figure in the table for the work; d) contextualization figure the relevant theme. The results indicate that the use of the procedures thematization and figurativization of the sense generative course in conjunction with the subject analysis has enabled satisfactory results in technical reading actions and extraction concepts, which in turn, will bring efficiency and quality in the thematic representation process. Finally, we hope that research contributed to the studies relating to subject analysis of the questions developed under the approach of the thematic and figurative course of the sense generative course.

Keywords: Cordel Literature. Memory. Discursive Semantic. Thematic and Figurative Course. Knowledge Organization

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Modelo Y de Peirce	41
Figura 2	Modelo de patamares	49
Figura 3	Quadrado semiótico	50
Figura 4	Mapa conceitual: A Filosofia do peido	82
Figura 5	Mapa conceitual: A chegada da prostituta no céu.	83
Figura 6	Mapa conceitual: O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu.	85
Figura 7	Mapa conceitual: Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte.	86
Figura 8	Mapa conceitual: O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem.	88
Figura 9	Mapa conceitual: Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade.	89
Figura 10	Mapa conceitual: A moça que dançou depois de morta.	91
Figura 11	Mapa conceitual: O exemplo da mulher que vendeu os cabelos e visitou o inferno.	93
Figura 12	Mapa conceitual: A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas.	95
Figura 13	Mapa conceitual: A mulher que botou o diabo na garrafa.	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Compilação do conceito de Organização do Conhecimento	31
Quadro 2	Critérios de análise para os textos narrativos	36
Quadro 3	Textos figurativos v. temáticos	53
Quadro 4	Exemplo prático de texto figurativo e temático	54
Quadro 5	Autores que mencionam J. Borges	67
Quadro 6	Características das figuras e dos temas	68
Quadro 7	Sextilhas e figuras da obra “A filosofia do peido”	72
Quadro 8	Sextilhas e figuras da obra “A chegada da prostituta no céu”	72
Quadro 9	Sextilhas e figuras da obra “O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu”	73
Quadro 10	Sextilhas e figuras da obra “Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte”	74
Quadro 11	Sextilhas e figuras da obra “O verdadeiro aviso de frei Damião sobre os castigos que vem”	75
Quadro 12	Setilhas e figuras da obra “Conselhos de frei Damiao em favor da humanidade”	76
Quadro 13	Sextilhas e figuras da obra “A moça que dançou depois de morta”	77
Quadro 14	Sextilhas e figuras da obra “O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e foi pro inferno”	78
Quadro 15	Sextilhas e figuras da obra “A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas”	79
Quadro 16	Sextilhas e figuras da obra “A mulher que botou o diabo na garrafa”	80
Quadro 17	Figuras e temas da obra “A filosofia do peido”	81
Quadro 18	Figuras e temas da obra “A chegada da prostituta no céu”	83
Quadro 19	Figuras e temas da obra “O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu”	84
Quadro 20	Figuras e temas da obra “Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte”	86

Quadro 21	Figuras e temas da obra “O verdadeiro aviso de frei Damião sobre os castigos que vem”	87
Quadro 22	Figuras e temas da obra “Conselhos de frei Damiao em favor da humanidade”	89
Quadro 23	Figuras e temas da obra “A moça que dançou depois de morta”	90
Quadro 24	Figuras e temas da obra “O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e foi pro inferno”	92
Quadro 25	Figuras e temas da obra “A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas”	94
Quadro 26	Figuras e temas da obra “A mulher que botou o diabo na garrafa”	96

LISTA DE ABREVIACÕES

ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

CDD - Classificação Decimal de Dewey

CRG - *Classification Research Group*

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISKO - *International Society for Knowledge Organization*

PN - Programa Narrativo

UNESCO - União das nações unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	19
2.1	Organização do Conhecimento	21
3	VERTENTES SEMIÓTICAS	38
3.1	A Visão Semiótica de Peirce	39
3.2	O Signo de Saussure	42
3.3	A Semiótica Estruturalista de Greimas	44
4	PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO	48
4.1	Percurso Temático e Figurativo	53
5	DÍALOGOS ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL, CULTURA POPULAR E LITERATURA DE CORDEL	56
5.1	Memória e Patrimônio Cultural	56
5.2	Cultura Popular e Literatura de Cordel	59
6	MÉTODO	64
6.1	Contextualização	64
6.2	<i>Corpus</i> da Pesquisa	66
6.3	Procedimentos Metodológicos	68
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	71
7.1	Primeiro Momento da Análise	71
7.1.1	Figurativização da obra: A Filosofia do Peido	72
7.1.2	Figurativização da obra: A Chegada a prostituta no céu	
7.1.3	Figurativização da obra: O Encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu	73
7.1.4	Figurativização da obra: Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte	74
7.1.5	Figurativização da obra: O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem	75
7.1.6	Figurativização da obra: Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade	76
7.1.7	Figurativização da obra: A moça que dançou depois de morta	77
7.1.8	Figurativização da obra: O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno	78
7.1.9	Figurativização da obra: A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas	79
7.1.10	Figurativização da obra: A mulher que botou o diabo na garrafa	80
7.2	Segundo Momento da Análise	81
7.2.1	Tematização da Obra: A Filosofia do Peido	81
7.2.2	Tematização da obra: A chegada da prostituta no céu	82
7.2.3	Tematização da obra: O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu	84
7.2.4	Tematização da obra: Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte	85

7.2.5	Tematização da obra: O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem	87
7.2.6	Tematização da obra: Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade	88
7.2.7	Tematização da obra: A moça que dançou de pois de morta	90
7.2.8	Tematização da obra: O exemplo da mulher que vendeu os cabelos e visitou o inferno	92
7.2.9	Tematização da obra: A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas	94
7.2.10	Tematização da obra: A mulher que botou o diabo na garrafa	95
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Considerada como “uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meio de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso” (BORKO, 1968, p.3), a Ciência da Informação, busca construir maneiras de representar a informação registrada, tornando-a fácil de ser recuperada e utilizada. De caráter multidisciplinar, ela tem consolidado uma estreita ligação com a linguística ao empregar seus métodos e processos para a descrição dos documentos.

Nessa concepção, a Ciência da Informação tem procurado, por meio das pesquisas realizadas na área, conceber mecanismos que favoreçam o acesso à informação. Diante dessa condição, a Ciência da Informação se utiliza dos estudos da Organização do Conhecimento, para atingir esse intento.

Dentre as áreas de atuação da Organização do Conhecimento, daremos especial destaque ao tratamento temático da informação, que segundo Dias e Naves (2007, p.9), “procura descrever o conteúdo (o assunto) do documento”. Para os autores, a análise de assunto é considerada como

[...] etapa intelectual por excelência do trabalho do indexador, catalogador de assunto ou classificador. A **análise de assunto** é o processo de ler um documento para extrair conceitos que traduzam a essência de seu conteúdo. Essa tarefa está sujeita à interferência de diversos fatores ligados à pessoa daquele profissional, como nível de conhecimento prévio do assunto de que trata o documento, formação e experiência, subjetividade, além de fatores linguísticos, cognitivos e lógicos (DIAS; NAVES, 2007, p.9, **grifo nosso**).

Ressaltamos que a expressão análise de assunto sofre variações terminológicas, estando relacionada principalmente ao termo “análise de documentária”. Contudo, nesta pesquisa adotaremos o termo “análise de assunto”, definida por Dias e Naves (2007), como estratégia de ação adotada no processo de representação temática da informação, composta por três etapas: leitura técnica, extração de conceitos e determinação da atinência, que são utilizadas para auxiliar na definição do conteúdo temático de documentos propiciando a recuperação da informação neles contida.

Entretanto, apesar da consolidação da estratégia de análise de assunto em processos de representação temática de documentos, existem situações em que elas não atuam de forma satisfatória quando se deparam com documentos da literatura de cordel.

A literatura de cordel é “uma forma de poesia popular impressa. [...] Sua origem está ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas orais presentes na cultura popular, chamados romances” (ALBUQUERQUE, 2011, p.29).

A especificidade e a dificuldade de estabelecer os procedimentos da representação temática em cordéis, já foram sinalizadas em pesquisas desenvolvidas na área da Ciência da Informação, por autores como: Moraes (2005), Antonio (2008), Guimarães (2008), Albuquerque (2011) e Gaudêncio (2014), que estabeleceram estudos interdisciplinares utilizando recursos teóricos da Linguística, no caso, o percurso gerativo de sentido da semântica discursiva, a fim de buscar soluções para estabelecer a representação temática de forma satisfatória nestes documentos.

Corroboramos com o pensamento dos autores citados no que compete a necessidade de rever a aplicação dos procedimentos da análise de assunto, relacionando-o a teorias linguísticas como no caso, o percurso gerativo de sentido, que se apresenta como “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido” (FIORIN, 2006, p. 17), onde, no patamar discursivo, se destaca o percurso temático e figurativo, que exerce uma relação de interação entre elementos concretos e abstratos, com o objetivo de diminuir a subjetividade de um texto.

Essa redução da subjetividade é fundamental para a análise de assunto, uma vez que o indexador precisa identificar os trechos mais relevantes do texto, sem que precise fazer uma leitura morosa do documento, identificando o assunto de forma mais objetiva e eficaz.

Consideramos a literatura de cordel de extrema importância enquanto patrimônio cultural, sendo um gênero literário popular tão próprio da cultura brasileira, sobretudo do povo nordestino. Desta maneira, por ser tão popular e característico, o cordel foi eleito para ser estudado nesta pesquisa.

Cientes da necessidade de estabelecer estudos interdisciplinares entre Ciência Informação e Linguística, para a melhoria dos procedimentos de análise de assunto, estabelecidos nas atividades de representação temática de documentos complexos de alto valor semântico, fazemos o seguinte questionamento: em que medida o percurso temático e figurativo pode contribuir para a análise de assunto em literatura de cordel?

Para responder este questionamento, esta pesquisa tem como objetivo geral propor a aplicação da análise de assunto - leitura técnica e extração de conceitos - em cordéis de J. Borges, com base nos procedimentos semânticos de tematização e figurativização do percurso gerativo de sentido.

Para alcançar esse objetivo, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) realizar um levantamento dos cordéis de J. Borges no Memorial J. Borges;
- b) identificar os temas e as figuras nesses cordéis;
- c) averiguar a adequação dos procedimentos de tematização e figurativização para a análise de assunto em cordéis.

Esta pesquisa se justifica pelo fato de presumirmos que os estudos relacionados à utilização de ferramentas de análise de assunto estão em grande parte, limitados às linguagens documentárias e pouco utilizam metodologias advindas de outras áreas do conhecimento que colaborem para o tratamento próprio de obras escritas em verso, a fim de que o tema seja consolidado. Poucas pesquisas no âmbito da Ciência da Informação investigam a conexão existente entre o objeto de estudo (o cordel), e a abordagem metodológica escolhida para esta pesquisa (a semântica discursiva).

A escolha pela obra do poeta popular J. Borges¹ se deu por acreditarmos na valorização dos poetas locais, no reconhecimento da cultura regional, pois ao reconhecermos o valor de obras desse porte, estamos contribuindo para a preservação da memória popular, possibilitando que esse tipo de obra não se torne algo imêmore. O *lôcus* da pesquisa será Memorial J. Borges situado no município de Bezerros e inaugurado em dezembro de 2002.

De modo amplo, esperamos contribuir para os estudos desenvolvidos nas áreas da Ciência da Informação com a interface da Linguística, notadamente, no que se refere às questões da análise de assunto desenvolvida sob o enfoque teórico do percurso gerativo de sentido, especificamente o percurso temático e figurativo.

A dissertação está estruturada em 8 capítulos, juntamente com as referências. O capítulo 1 “**Introdução**” apresenta o tema da pesquisa, o questionamento que motivou a investigação, o objetivo geral e os específicos e a justificativa. O capítulo 2 “**Ciência da Informação**” apresenta alguns aspectos a respeito da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento, suas origens, definições e influências. O capítulo 3 “**Vertentes semióticas**”, discute as vertentes semióticas, a influência das semióticas americana e francesa; o estabelecimento da semiótica estruturalista proposta por A. J. Greimas (1917-1992). O capítulo 4 “**Percurso gerativo de sentido**” discorre sobre o percurso gerativo de sentido e o percurso temático e figurativo, eixos de estudo fundamentais para a semântica discursiva. O capítulo 5 “**Diálogos entre memória e patrimônio cultural, cultura popular e literatura de cordel**” apresenta os conceitos de memória, patrimônio cultural, cultura popular e literatura de cordel;

¹Apesar de J. Borges ser mundialmente conhecido por suas duas formas de expressão artística (o cordel e a xilogravura), nesta pesquisa o trataremos por poeta, nomenclatura utilizada para designar o artífice do cordel, tendo em vista que esta pesquisa analisou os cordéis de sua autoria.

suas definições, suas cronologias e a coexistência dessas áreas. O capítulo 6 “**Método**” delimita os percursos metodológicos utilizados pela pesquisa mostrando o tipo de pesquisa, o método e os procedimentos de coleta de dados. O capítulo 7 “**Análise e discussão dos resultados**” interpreta os resultados, revelando que as hipóteses foram verificadas e que os objetivos propostos foram atingidos. O capítulo 8 “**Considerações finais**” apresenta o conjunto das conclusões discutidas no texto, respondendo aos objetivos propostos.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A informação é um elemento presente em toda a sociedade humana, desde seus primórdios, apesar de ter adquirido maior ênfase e interesse por parte dos cientistas a partir do século XX.

Ao analisar as ações humanas em seu contexto social, perceberemos que os sujeitos constituem uma interação com os signos através da representação dos objetos, de forma particular, e as implicações dessa relação resultam na geração de conhecimento, para, a partir daí, propagar informações ante os indivíduos da sua sociedade.

O signo não é uma entidade física e palpável, mas uma entidade abstrata, existente na consciência de indivíduos que compartilham uma mesma cultura, já que, prescinde de uma característica relacional entre os transmissores e receptores destas entidades. Ao mesmo tempo em que é necessária a relação entre os envolvidos em um grupo social (AZEVEDO NETTO, 2002).

Desde que o homem se entende como ser social, ele procura demonstrar suas ações de forma a registrá-las e expô-las aos outros iguais a ele, através da produção de linguagens verbais: signos linguísticos, e não verbais como: pinturas, gravuras, esculturas etc. Em outras palavras, a representação da informação está presente no universo humano desde sua origem.

Cassirer (1977) concebe o homem como um animal *symbolicum* que não vive num universo puramente físico posto que a linguagem, a vida, a arte, a religião e a experiência humana, por exemplo, tecem e fundamentam uma rede simbólica.

A percepção de signo percorre a qualidade de uma ação comunicacional entre os fatos do mundo, para fixar-se em outros modos de representação que o indivíduo concebe do seu universo. Azevedo Netto (2002, p. 3) define signo como sendo “um feixe de relações em que ocorre uma relação triádica entre objeto, veículo e interpretante, dentro da construção da significação e do processo de comunicação”. Concordando assim com o conceito triádico de Peirce.

A partir do controle de sua cognição o homem cria linguagens para representar seus feitos e quando ele a utiliza para informar os demais sujeitos do seu grupo social, surgem as linguagens complexas, sendo elas provenientes das ações e das relações desempenhadas entre os indivíduos em seu meio social.

O desenvolvimento do conhecimento ocorre quando ele é conduzido ou viabilizado pela linguagem ou suportes informacionais, sendo materializado para os indivíduos em forma de informação que se viabiliza no processo de comunicação.

“O conhecimento constitui-se com um produto autônomo e às vezes não intencional das ações humanas, carece de toda transparência e imediatismo para seus próprios produtores, apesar de seus efeitos de retrocarga sobre as esferas das subjetividades” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1993, p.220).

O registro do conhecimento começa a surgir a partir do momento que ocorre um crescimento proporcional dos indivíduos e a complexidade das relações entre eles. A partir daí o homem procura tornar material essa linguagem complexa (código linguístico) e as primeiras tentativas são lápides de pedra que agora podem ser transportadas pelos grupos, diferente das pinturas das cavernas.

O processo de aquisição da informação perante os indivíduos exige alguns mecanismos necessários para a sua viabilização e existência: emissor, receptor, suporte, veículo e código (linguagem reconhecível pelo receptor), e a materialização, ou seja, condição da informação perceptível os sentidos humanos.

A informação não existe fora do tempo, fora do processo: ela aumenta, diminui, transporta e conserva-se no tempo [...]. O modo, o transporte, a criação e a mudança da informação dependem da diferença de informação entre dois níveis (designados habitualmente pelos conceitos de fonte e destinatários da inovação e do tempo [...]). No processo de construção do conhecimento, a informação sofre várias transformações em seus campos, onde os focos de conhecimento mais frágeis são abafados e os mais fortes são reforçados [...]. A evolução da sociedade humana está ligada a uma reviravolta progressiva, onde no início, o homem depende inteiramente da natureza, e posteriormente, por sua atividade de pensamento e de trabalho, ele começa a retornar, a criar, a ser ele próprio uma fonte de informação, de entropia negativa de ordem (ZEMAN, 1990, p. 165).

Na Ciência da Informação - CI, o conceito de informação pode ter definições diferentes, que varia de autor para autor, representando valores e significados relacionados ao estudo ou convergência da área em certos períodos. Faz-se necessário mencionar alguns conceitos de informação a partir da concepção da CI para compreendermos suas peculiaridades e compreendermos ainda que na maior parte das vezes os conceitos não se invalidam, eles se completam.

González De Gomez (1993, p. 221) alega que a informação, como conceito, reproduz os deslocamentos culturais do *locus* da relação do pensamento com o real. “Temos assim a informação concebida *in re*, como estrutura ou atributo de estados de coisas no mundo; a informação como *image*, no campo do intelecto ou da consciência e finalidade, a informação *in dito*, função da linguagem, do texto ou da razão escrita”.

Para defender suas ideias a autora utiliza o pensamento de Ranganathan, que em meados da década de 30 já estabelecia condições de organização e de representação dos registros do

conhecimento na área da Biblioteconomia, visando o estabelecimento de condições de geração, organização e socialização do próprio conhecimento.

Podemos observar que o autor Azevedo Netto (2002, p. 10) formula o conceito de informação de acordo com o contexto social, pois, para ele, “a informação é vista como um fenômeno explicitamente humano, ligado a uma estruturação sociocultural, socialmente disseminado a partir daquilo que é interpretado e constituído no indivíduo”, ou em outras palavras, deve ser entendido como aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos.

O contexto social é levado em consideração por outros autores, Saracevic (1996) argumenta que “o campo das Ciências da Informação dedica-se às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação”.

A informação e o conhecimento exercem uma função primordial no que compete à promoção do desenvolvimento dos indivíduos ou grupo social, visto que, a necessidade informacional é constante e se faz presente no seu cotidiano.

Nesse cenário, cresce a *responsabilidade social* dos profissionais da informação, tanto como produtores de conhecimento no campo científico quanto como *facilitadores* na transferência do conhecimento científico para usuários que dele necessitem, independentemente dos espaços sociais onde vivem e dos papéis que desempenham no sistema produtivo. Pois embora a informação sempre tenha sido uma poderosa força de transformação, o capital, a tecnologia, a multiplicação dos meios de comunicação de massa e sua influência na socialização dos indivíduos deram uma nova dimensão a esse potencial. Com isso, crescem as possibilidades de serem criados instrumentos para transferência efetiva da informação e do conhecimento, de modo a apoiar as atividades que fazem parte do próprio núcleo de transformação da sociedade (FREIRE, I., 2002, p.12)

A Recuperação de informações que remetem à memória do patrimônio imaterial da sociedade é uma das preocupações da CI, que provoca reflexões sobre a necessidade de pensar a organização e veiculação desses conteúdos informacionais capazes de promover uma formação cultural e intelectual nos indivíduos que a utilizarem.

Ao pensarmos na organização desses lugares de memória, sob a ótica da CI devemos recorrer às práticas de organização, salvaguarda e modos de como localizar a informação, relacionando as informações dispersas a fim de potencializar a sua recuperação.

2.1 Organização do Conhecimento

Cientes da relevância da Organização do Conhecimento para a Ciência da Informação é imprescindível uma abordagem sobre seus aspectos históricos, intentando compreender o processo que conduziu ao seu desenvolvimento teórico, assim como sobre seu escopo e objeto de estudo.

Desde os primeiros agrupamentos de indivíduos, que deram origem às civilizações, o homem tem se empenhado em registrar o conhecimento produzido à sua época. Esse registro evoluiu dos blocos de argila até o ambiente digital. Essa evolução na maneira como as civilizações se comunicavam e replicavam seus valores e suas histórias, permitiu que as sociedades posteriores fizessem uso do conhecimento detido e repassado por gerações.

A vivência em grupos sociais influenciou os indivíduos a partilharem os seus conhecimentos. No meio social, os acontecimentos corriqueiros eram repassados através da oralidade e da pintura. Entretanto, a fala se perde no espaço/tempo e, com a evolução da humanidade, as pinturas nas cavernas já não exerciam o seu papel. Deste modo, havia a necessidade de criar uma tecnologia que aprimorasse o modo como o conhecimento vinha sendo registrado, esse artifício era a escrita.

A escrita é o equivalente gráfico do discurso, consolidando a oralidade de maneira permanente, superando assim as condições de tempo e lugar. Para Le Goff (1996), com a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva foi profundamente transformada, assim como a própria evolução dos indivíduos.

Concordamos que a escrita está na fonte de todo progresso humano. Para Diderot:

[...] sem escrita, privilégio do homem, cada indivíduo, reduzido à sua própria experiência, seria forçado a recomeçar a carreira que o seu antecessor teria percorrido, e a história dos conhecimentos do homem seria quase a da ciência da humanidade (*apud* MARTINS, 1996, p. 70).

Destarte o registro do conhecimento humano evolui quando a oralidade é substituída pela escrita e desenvolve-se sempre que a maneira de lidar com suportes muda.

A revolução provocada pela invenção da imprensa, mudou o paradigma da escrita, essa nova tecnologia, que tem por base o uso dos tipos móveis e da prensa, impulsionou novamente a forma como a humanidade lidava com o registro do conhecimento. Antes da popularização do invento de Gutemberg os textos eram reproduzidos por meio de cópias manuscritas. Com a chegada da imprensa, a velocidade de reprodução dos textos foi ampliada facilitando a propagação da informação.

Nonato (2009, p. 21) evidencia que:

[...] a quantidade de livros e suas cópias aumentou e o leitor passou a ter maior acesso às teorias e informações antes restritas a certos grupos de pessoas consideradas intelectualmente superiores. O aumento significativo da produção do conhecimento registrado fez surgir a preocupação e a necessidade com a organização da informação: começam a surgir as primeiras bibliotecas organizadas da forma como se conhece hoje.

Desde a origem da existência humana, as atividades que necessitam de ordenação fazem parte do cotidiano dos indivíduos. Deste modo, percebemos que organizar e representar não são atividades atuais, são inerentes à humanidade desde sempre e a inquietação a esse respeito evoluiu junto com a sociedade, que está sempre fazendo uso do conhecimento registrado.

Os sistemas de organização e representação foram influenciados por filósofos que entendiam que para a compreensão do mundo era necessária a divisão do conhecimento, contribuindo assim de forma valiosa para o seu desenvolvimento. Podemos destacar alguns dos principais filósofos que são reconhecidos por esse aporte: Platão (427-347 a.C), que se empenhou em classificar as ciências; Aristóteles (384-322 a.C), que dividiu a ciência segundo suas aplicações teóricas, práticas e poéticas.

Sobre Aristóteles, Burke (2003, p.90) certifica que “Aristóteles expusera um sistema de 10 categorias gerais (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, condição, ação e paixão). Essas categorias eram largamente conhecidas e utilizadas [...]”. Posteriormente Francis Bacon (1561-1626), que desenvolveu estudos na área da filosofia da ciência, dividiu as ciências em memória, imaginação e razão.

No entanto a reflexão sobre a organização do conhecimento não ficou só a cargo dos filósofos, Dahlberg (1993) afirma que a necessidade de sistematização e organização do conhecimento sempre fora reconhecida pela humanidade, muito embora na Antiguidade tenha sido tarefa exclusiva de estudiosos em geral, sendo mais à frente atribuída também a autores de enciclopédias, como Avicenna e Vicente de Beauvais, além de educadores como Comênio, Johann Heinrich Alsted e Wolfgang Ratke

Em consonância com essa afirmação, Pinho (2009, p.23) observa que

A criação de esquemas e sistemas de organização e representação do conhecimento² vai ao encontro de uma outra expectativa do ser humano ao longo da evolução da sociedade: saber tudo o que se tem publicado pelo mundo.

² Destaca-se que existe a classificação enquanto instrumento (sistemas de classificação), a classificação enquanto processo mental (ato de classificar), enquanto área do conhecimento (atualmente denominada Organização do Conhecimento), enquanto operação (atribuição de uma notação) e como atividade (caracterização geral de um fazer em um universo social) (PINHO,2009, p.24).

Desta maneira, os sistemas de organização passam a fazer parte também das bibliotecas, já na antiguidade, pode-se observar o pioneirismo de Calímaco que, de acordo com Pinho (2009, p.25) “por volta de 250 a.C. elaborou seus Pinakes [Tábulas], onde registrava o número de linhas de cada obra, as palavras iniciais e os dados bibliográficos dos autores”. Alguns estudiosos consideram o trabalho de Calímaco como sendo um catálogo, no entanto não se sabe ao certo se de fato consistia em catálogo, uma bibliografia ou ambos, pois não existem mais evidências dessas obras (MEY, 1995).

No que diz respeito aos catálogos, Mey (1995) cita os feitos da biblioteca de Richenau (na Alemanha do século IX), que compilou diversos catálogos, indicando as obras contidas em cada volume e o número desses volumes. Alguns séculos mais a frente, na Inglaterra do século XIV, surge uma lista organizada pelos frades agostinianos de York, essa lista classificada separava as obras do autor quando os assuntos eram diferentes e registrava as palavras iniciais da segunda folha de cada volume (SOUZA, 2009).

Ortega (2009), observa que a elaboração de remissivas surgiram no século XV, entre os anos 1410 e 1412, em um catálogo compilado por Amplonius Ratnick de Berka, a partir de então, esse método passou a ser reproduzido por outras bibliotecas. Ainda sobre a evolução dos catálogos, Mey (1995) destaca também a criação, no final do mesmo século, de um catálogo organizado cronologicamente, que apresentava em apêndice, pela primeira vez, um índice alfabético de autor.

Em 1545 o bibliógrafo e naturalista suíço Konrad von Gesner (1516-1565), publica a obra *Bibliotheca universalis*, com esse trabalho, Gesner tinha a intenção de classificar livros e animais. Após essa publicação um índice de assunto, relativo à essa obra, denominado *Pandectae* (1548) foi publicado (PINHO, 2009).

Com o bibliotecário Gabriel Naudé (1600-1653) em sua obra de 1643 *Bibliotheca Cordesiana Catalogus*, os sistemas de organização e representação do conhecimento adentram na área da biblioteconomia. A obra estabeleceu um esquema de classificação dividido da seguinte maneira: teologia, medicina, bibliografia, cronologia, geografia, história, arte militar, jurisprudência, direito canônico, filosofia, política e literatura. Naudé assinalava a importância dos instrumentos de representação como meios de encontrar os assuntos desejados identificando-os bibliograficamente (MEY, 1995, p. 17).

Podemos observar que a forma como Naudé estruturou seu trabalho assemelha-se com os aspectos trabalhados na contemporaneidade, deste modo, percebemos a clara contribuição e influência dada por ele aos sistemas de organização do conhecimento que surgiriam posteriormente.

De acordo com Smiraglia (2002, p.333), podemos constituir o prólogo da teoria da Organização do Conhecimento a partir do aporte das obras de Anthony Panizzi (1841), Charles Ammi Cutter (1876) e Melvil Dewey (1876), que seriam os agentes do “início de nosso atual pano de fundo da teoria sobre a organização de catálogos, relações entre sujeitos, e a organização do conhecimento em si”.

De acordo com Mey (1995, p. 20),

Anthony Panizzi (1797-1879), advogado italiano que, forçado ao exílio político radicou-se na Inglaterra e lá, atuou como bibliotecário assistente no British Museum (1831– 1837), tornando-se bibliotecário diretor em 1856, empreendeu esforços para a área em relação aos instrumentos de organização e representação alfabéticos e classificados. Em 1839, elaborou 91 regras de catalogação junto à comissão do museu, que foram aprovadas posteriormente, em 1841 sob o título: *Rules for the compilation of the catalog*.

Barbosa (1978) destaca que as principais características desse conjunto de regras são: a valorização da página de rosto, com a escolha do cabeçalho de entrada de um autor e a introdução do conceito de autoria coletiva. Além disso, conforme Ortega (2011, p. 51), Panizzi procurou elaborar um catálogo que possuísse uma estrutura coerente que proporcionasse ao leitor:

- [identificar] as obras de um autor de modo que [fosse possível] conhecer todas as obras deste autor;
- identificar e distinguir determinadas edições, traduções, etc. de uma obra, de forma que estas diferentes edições, traduções etc., de uma determinada obra, não sejam confundidas entre si;
- reunir todas as edições etc. de uma obra de forma que um usuário que esteja procurando por determinada publicação não apenas a localize, mas também seja apresentado a esta publicação, a todas as edições etc. da obra representada por ela, como também a obras a ela relacionadas.

As regras que Panizzi elaborou influenciaram tanto a biblioteconomia inglesa como a americana, se fixaram na área e serviram de base para catálogos subsequentes, e de elementos de catalogação digitais, como Dublin Core.

Com as diversas contribuições que surgiram, os estudos e práticas relacionados à classificação e indexação dos livros nas bibliotecas toma *status* profissional (PINHO, 2009). Desta maneira, Pinho (2009, p.11) destaca alguns pesquisadores que cooperaram de maneira efetiva para a ampliação dos estudos acerca da Organização do Conhecimento: Charles Ami Cutter (1837- 1903), Melvil Dewey (1851-1931), Henry E. Bliss (1870-1955) e S. R. Ranganathan (1892-1972), e outros.

Charles Ammi Cutter, norte-americano, bibliotecário do Boston Atheneum, publicou em 1876 a obra “*Regras para um Catálogo Dicionário*”, Pinheiro (2009, p. 32) destaca que, no seu tratado, Cutter estabeleceu “objetivos formais para um catálogo e identificou quais seriam os meios descritivos que levariam ao alcance de tais objetivos”.

Tais objetivos, ainda segundo Pinheiro (2009), seriam:

- a) permitir a uma pessoa encontrar um livro do qual ou o autor, o título ou o assunto seja, conhecido;
- b) mostrar detalhadamente a composição do acervo da biblioteca a partir dos critérios autor, assunto ou tipo de literatura;
- c) auxiliar na escolha de um livro através do seu caráter, que poderia ser literário ou tópico.

Posteriormente, Cutter criou um sistema de classificação, o *Expansive Classification*, era constituído por sete classificações, cada uma delas mais detalhada que a anterior, com a finalidade de acompanhar a expansão do assunto (PINHO, 2009). O objetivo dessa classificação era ser adequada a qualquer biblioteca existente, não importando o seu tamanho ou especialidade, e dessa maneira, serviu de base para a criação da classificação da *Library of Congress*. Sua concepção foi baseada na inversão da classificação de Bacon influenciando outros sistemas de classificação (PIEIDADE, 1983).

Cutter concebeu também, uma tabela para notação de autor, que ainda é muito utilizada atualmente. A ‘Tabela de Cutter’, emprega a lógica de organização alfabética, apresentando-se como um dos determinantes para determinar a posição correta de um material de um autor no acervo. Podemos observar que na obra de Cutter, há uma mudança na lógica de organização, de ordem sistemática para a ordem alfabética.

Desta maneira, “observa-se, nesse sentido, que os princípios específicos, de uso e sindético preconizados por Cutter continuam a ser, ainda hoje, um dos alicerces sobre os quais se assenta a indexação alfabética” (PINHO, 2009, p. 27).

Melvil Dewey, assim como Cutter, também instituiu normas simplificadas de catalogação, porém o seu notório reconhecimento irrompeu com a publicação de sua classificação decimal. Em 1876 ele publicou anonimamente a primeira edição que utilizava na sua classificação de assuntos uma divisão decimal, reunindo na mesma notação enfoques temáticos e físicos do material. A Classificação Decimal de Dewey (CDD) é o sistema mais utilizado no mundo, totalizando mais de 135 países e traduzido para mais de 30 línguas (OLSON, 2002). Dewey colaborou com o progresso profissional e científico da área, sua influência foi crucial para a expansão da profissão bibliotecária, do ensino da Biblioteconomia, para a fundação de associações, entre outros.

Baseados no sistema de classificação decimal elaborado por Dewey os belgas Paul Otlet (1869-1944) e Henri de La Fontaine (1854-1944) organizaram e publicaram em 1905, o *Manuel du Repertoire Bibliographique Universel*, em seguida renomeada de *Universal Decimal Classification* (MEY, 1995).

Esse sistema adicionou à notação decimal sinais gráficos, permitindo que as possibilidades de classificação se expandissem tornando-a mais flexível. Para Piedade (1983, p. 74), a Classificação Decimal Universal “é um sistema hierárquico, com base filosófica, mas no qual, graças à utilização de sinais gráficos, diz-se que surge a tentativa de classificação em facetas, cujo primeiro emprego consciente apareceu na Classificação de Dois Pontos, de autoria de Ranganathan”. Otlet e La Fontaine tinham uma perspectiva inovadora a respeito dos registros do conhecimento, elaborando feitos importantes para a Ciência da Informação, como observa Pinho (2009, p. 28),

[...] destaca-se, também, a preocupação dos idealizadores da CDU, Paul Otlet e Henri La Fontaine, com o resgate do conhecimento registrado até então disponível - por meio de sua Bibliografia Universal - aspecto que lançou as bases para a Documentação e para o Controle Bibliográfico Universal. Nesse momento é interessante apontar que Dewey pensou em uma classificação bibliotecária (organização de livros) e Otlet estava voltado para uma classificação bibliográfica (organização de informação).

Ainda no entendimento da Organização do Conhecimento, a atuação do bibliotecário alemão Julius Otto Kaiser (1868-1927) merece destaque. Kaiser foi um dos estudiosos que se dedicou aos estudos da classificação e indexação. Ele publicou em 1911 a obra *Systematic Indexing*, na qual, segundo Sales e Guimarães (2010, p. 23),

[...] o autor apresenta uma maneira sistemática para a realização do processo de indexação de assuntos de documentos, o universo do tratamento da informação, até então familiarizado com a classificação e com a catalogação alfabética de assuntos, direciona também a atenção para a indexação alfabética de assuntos, prática esta que foi revigorada com o sistema de Kaiser.

Essa obra inovou ao evidenciar a indexação alfabética de assuntos de modo sistemático, já os estudiosos anteriores ao autor, concentravam os seus estudos unicamente na classificação e na catalogação alfabéticas de assuntos. Para Sales e Guimarães (2010), a obra de Kaiser apresenta certa relação com os estudos de Cutter no que concerne a catalogação de assunto.

O que na época de Cutter era denominado cabeçalhos de assuntos (*subject headings*), Kaiser chamou de enunciado (*statement*). O enunciado, a exemplo do cabeçalho de

assunto, nada mais era do que uma palavra ou grupo de palavras que expressavam o conteúdo de um documento (SALES; GUIMARÃES, 2010, p. 23).

Kaiser institui que o assunto em si, de que trata determinado livro, é o Concreto, e o que é dito a respeito disso, é o Processo. Para o autor, por não ser possível determinar o que são os Concretos, é preciso dar atenção aos seus Processos, onde os Concretos seriam entidades, ao passo que os Processos seriam operações (SALES; GUIMARÃES, 2010). A obra de Kaiser passou a dar destaque para a indexação de assuntos, nela encontram-se regras que contribuem na estruturação de maneira sistemáticas de “sentenças terminológicas que melhor representassem o assunto de um livro” (SALES; GUIMARÃES, 2010, p. 23).

Kaiser aproxima-se dos entendimentos atuais de indexação ao distinguir o procedimento de identificação do assunto da sua tradução para uma linguagem específica e apropriada ao contexto no qual está inserido. A proposta de análise em facetas feita por Kaiser marcou os estudos teóricos acerca da indexação alfabética vislumbrando ainda que de maneira embrionária a análise de assunto, tema que será tratado mais adiante.

A noção de organização do conhecimento registrado já era percebida, ainda que de maneira implícita, em obras anteriores às publicações do bibliotecário estadunidense Henry Evelyn Bliss somente após a publicação de *The organization of knowledge and the system of sciences*, em 1929, onde Bliss cunhou o termo “Organização do Conhecimento” a expressão ganhou corpo e passou a ser utilizada amplamente, nessa obra Bliss já evidenciava sua preocupação com os fundamentos da classificação. Sobre a contribuição de Bliss, Dahlberg (1979, online) afirma que

Sua contribuição real para a teoria da classificação foi ter posto a classificação bibliográfica novamente em contato mais estreito com os princípios filosóficos da classificação, por exemplo, com os fundamentos conceituais da formação, divisão e partição de classes. Entretanto, também é justo afirmar que Bliss não descobriu nem formulou, ele próprio, grande número de novos conceitos na teoria da classificação. Pelo fato de termos hoje o privilégio de poder observar o passado, podemos afirmar que a contribuição real e visível de Bliss, em seus três livros mencionados, foi ter proporcionado ao classificacionista indiano Ranganathan a mais fértil das inspirações.

Em 1935, Bliss publicou a *Bibliographic Classification* também conhecida por “*Classificação Bibliográfica de Bliss*”, que para Piedade (1983, p. 74) é “apontada como perfeita no desenvolvimento, quanto ao escalonamento e à subdivisão dos assuntos”, pois seu arranjo admitia que um mesmo assunto pudesse ser classificado em diferentes pontos dentro do sistema. A obra completa possui 4 volumes, o primeiro publicado em 1940 e o último em 1953. Bliss publicou ainda *The organization of knowledge in libraries*, em 1933.

Influenciado pelos estudos de Bliss, o matemático indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, promoveu estudos comparativos sobre as classificações existentes à época e cooperou para que a classificação, até então somente uma prática bibliotecária, fosse alçada ao status científico, com a publicação da obra: “*Filosofia da Classificação Bibliográfica*”. Nesta obra, Ranganathan tratou acerca dos campos dos quais o objeto de estudo é o conhecimento, como a Filosofia, Epistemologia entre outros (PINHO, 2009).

A partir dos seus estudos comparativos, Ranganathan elaborou um sistema próprio, a *Colon Classification*, criada em 1933, deu origem ao Sistema de Classificação Facetada, ou como também é conhecida, Classificação dos Dois Pontos, em que, como evidencia Pinho (2009, p. 29), “o número de classificação é formado por símbolos unidos pelo sinal dos dois pontos, relacionando os assuntos que constam na obra”. O sistema criado por Ranganathan, segundo Straioto e Guimarães (2004, p. 117), “significou expressivo avanço na área, pela possibilidade de inter-relação de conceitos, rompendo com a tradição demasiadamente hierárquica”.

A Classificação dos Dois Pontos foi elaborada com quarenta e duas classes principais/áreas do conhecimento, formadas por tabelas que futuramente seriam conhecidas por facetas. O que distingue o sistema de classificação apresentado por Ranganathan dos demais é a utilização de uma estrutura dinâmica, multidimensional, com a introdução do termo faceta que ficou sendo, nos modernos estudos sobre teoria da classificação, o substituto de característica (BARBOSA, 1969 *apud* ARAÚJO, 2006).

Os estudos de Ranganathan entusiasmaram um grupo de estudiosos, entre eles Jason Farradane, Douglas Foskett, e Brian Campbell Vickery, a criarem, em Londres no ano de 1952, o *Classification Research Group* (CRG) (MARTINS, 2014). Cujo intento, além de dar prosseguimento aos estudos de Ranganathan, era aprimorar os esquemas de classificação já existentes para a classificação da informação científica e tecnológica. De acordo com Oliveira (2014, p.30) “foi somente a partir de então que a organização do conhecimento ganha espaço, e passando a ser reconhecida a necessidade de seu desenvolvimento enquanto campo de estudo específico”. Com o fim das atividades do CRG os estudiosos da classificação criaram um ambiente onde os estudos voltados para a Organização do Conhecimento pudessem ser realizados.

É nesse cenário que é criada em 22 de julho de 1989, em Frankfurt/Main, na Alemanha, por Ingetraut Dahlberg a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO). A ISKO é uma sociedade científica internacional, interdisciplinar voltada para a reflexão e o desenvolvimento teórico dos temas concernentes à Organização do Conhecimento, cuja a

missão é estimular a ampliação de trabalhos conceituais a respeito da Organização do Conhecimento nas mais diferentes formas, em diversas propostas, nos mais distintos formatos e suportes. É composta por pesquisadores de áreas variadas como a Ciência da Informação, a Filosofia, a Linguística, as Ciências da Computação, etc. (PINHO, 2009).

A criação da ISKO proporcionou para a Organização do Conhecimento a ampliação dos seus estudos, como observa Fujita (2008, p. 4), quando assegura que:

embora a área de Organização do Conhecimento tenha suas origens mais remotas na Teoria do Conhecimento desde a Antiguidade, o reconhecimento de sua própria identidade e das questões ligadas aos princípios de uma área científica [...] está definitivamente ligado à criação da ISKO. Desde então, os avanços da área têm se pautado no fortalecimento de sua área teórica, processos, produtos e métodos a partir do conhecimento e reconhecimento da relevância científica e social adquirida ao longo dos tempos, tendo em vista resultados como os sistemas de classificação universais, tabela Cutter, a análise facetada, mudanças tecnológicas etc.

Isto posto, podemos compreender como a Organização do Conhecimento surgiu e alcançou seu ápice na qualidade de área de estudo que pesquisa, além de outros enfoques, o tratamento temático da informação, dessa maneira é imprescindível compreender o que vem a ser Organização do Conhecimento. Para isso, é fundamental entendermos o que vem a ser o conhecimento.

Segundo Aranha e Martins (2003) “o ato de conhecer é a relação que se estabelece entre a consciência de quem conhece e o objeto a ser conhecido”

O conhecimento se dá a partir da cognição do indivíduo, faz parte da sua inteligência, de como ele percebe o que acontece à sua volta, sendo gerado com base em informações. É um processamento mental dessa informação pelo receptor e incluído, de forma natural, à memória individual ou social.

Conforme Dahlberg (1995 *apud* PINHO, 2009, p. 34) “conhecimento é a certeza subjetiva e objetivamente conclusiva da existência de um fato ou do estado de um caso. Conhecimento não é transferível. Ele pode somente ser adquirido por alguém através de sua própria reflexão”. Como o conhecimento só advém da cognição individual dos sujeitos, o que é transferível é a informação.

De acordo com Guimarães e Silva (2006, p. 11) o conhecimento

[...] é o conjunto complexo de ideias (ou de informações) que pode ser objetivado em um suporte para lhe dar a materialidade que possibilitará toda a praticidade documental que conhecemos (permanência no tempo, manuseabilidade, possibilidade de organização etc.).

Portanto, a materialidade do conhecimento se dá por meio do documento, por sua vez, é através dele que o conhecimento é socializado, transmitindo informações que, por conseguinte, estão presentes nos documentos, é uma dimensão cíclica. Nessa perspectiva, é mister que o conhecimento tenha seu escopo esclarecido, sendo a Organização do Conhecimento uma área de estudos relevante para a sociedade.

Nesse sentido, Pinho (2009) admite que a necessidade de organizar o conhecimento registrado é reconhecida, envolvendo representantes de diversas áreas, uma vez que essa organização tem a finalidade de disponibilizar o conhecimento para ser recuperado e assimilado, para gerar novos conhecimentos.

Desta maneira, a Organização do Conhecimento, se compromete com a recuperação, o acesso e a apropriação da informação, fazendo uso de representações da informação e do conhecimento cujos fundamentos, para serem melhor assimilados, necessitam de conceitos introdutórios, como apresentaremos a seguir.

Ao explorarmos a bibliografia da área, são apresentadas diversas denominações da Organização do Conhecimento, realçando que, como observa Pinho (2009, p. 35), “os pesquisadores apresentam definições de Organização do Conhecimento com algumas dúvidas em relação ao seu alcance e significado”. Partindo dessa observação o autor traçou uma relação coesa entre as definições de Organização do Conhecimento, a serem observadas no quadro a seguir.

Quadro 1 - Compilação do conceito de Organização do Conhecimento

AUTORES	DEFINIÇÃO
Hjørland (2003, p. 87)	“Significa especialmente a organização da informação em registros bibliográficos, incluindo índices de citação, texto completo e internet”.
Smiraglia (2002, p. 331)	No âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação é “o ramo do conhecimento da construção de ferramentas para o armazenamento e recuperação de entidades documentárias” (grifo do autor)
Barité (2001, p. 41)	“como disciplina dá conta do desenvolvimento de técnicas para a construção, a gestão, o uso e a avaliação de classificações científicas, taxonomias, nomenclaturas e linguagens documentárias”.
Sigel (2000)	“Organização do Conhecimento é uma atividade cultural interdisciplinar que adiciona valor informacional às coleções que contém conhecimento” (grifo do autor).

Anderson (1996, p. 337)	“a descrição de documentos, seu conteúdo, características e propósitos, e a organização destas descrições, para fazer destes documentos e de suas partes acessíveis às pessoas, buscando-os ou as mensagens que eles contêm” (grifo do autor).
García Marco (1995, p. 220)	“uma disciplina científica (isto é, sujeita ao método científico) e social, de caráter aplicado”.
Esteban Navarro (1995, p. 66)	“Organização do Conhecimento apresenta-se como uma plataforma de integração das ciências documentais” (grifo do autor).
Miranda (1999, p. 69)	“a Organização do Conhecimento se constitui em disciplina científica, inter e transdisciplinar, cujo objetivo é gerir e difundir em nível de excelência a informação no âmbito dos arquivos, bibliotecas, centros de informação/documentação e museus. Pressupõe análise, reflexão e aplicação de fundamentos científicos”.

Fonte: (PINHO (2009, p. 35-36).

De maneira ampla, a organização do conhecimento é o modo como o conhecimento é organizado em assuntos sendo ordenado de forma sistemática para ser recuperado e apreendido suscitando novos conhecimentos.

Logo, esses conceitos, congregados, fornecem aos estudiosos uma perspectiva que compreende os processos ligados à Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, a aplicação das suas ferramentas e técnicas para a recuperação de documentos e informações em unidades de informação e lugares de memória.

Nesse sentido, no âmbito da Organização do Conhecimento está o tratamento temático da informação. Pinto-Molina (1993) a considera como sendo o processo responsável em gerar subprodutos de um documento a partir das suas representações temáticas, que serão utilizados também como instrumentos de busca. Guimarães (2008) completa a afirmação de Pinto-Molina ao considerar o tratamento temático da informação uma atividade elementar para a Organização do Conhecimento, conseguindo, de maneira simultânea, desenvolver um proveitoso diálogo com disciplinas de interface, sem perder de vista a disciplinaridade - a análise, a síntese e representação para fins de recuperação - que o permeia.

Por sua vez, Dias (2004) assegura que o tratamento temático da informação é o processo de análise para determinar o modo como o assunto do documento será representado a partir de simulacros para ser inserido na coleção de um sistema de informação ou de recuperação. Sua execução é fundamental para o fluxo informacional já que a necessidade da busca por assunto é a ação mais utilizada pelos usuários.

Podemos concluir que, de acordo com Guedes (2009, p.22),

o tratamento temático da informação demonstra-se como um processo em que são conjugadas atividades de cunho teórico e prático, que necessitam cada vez mais para atender satisfatoriamente às demandas de informação, de embasamento conceitual e aprofundamento da discussão em torno da formulação de seus procedimentos.

No que se refere ao contexto histórico do tratamento temático da informação devemos observar três correntes teóricas: a da catalogação de assunto (*subject cataloguing*), de influência norte-americana, a da indexação (*indexing*), de influência inglesa e a da análise documentária (*analyse documentaire*), de influência francesa (GUIMARÃES, 2008).

A catalogação de assuntos, com atuação direcionada para a atividade profissional em bibliotecas, influenciada pela Escola de Chicago, reporta-se as concepções de Cutter, e aos cabeçalhos de assuntos elaborados pela *Library of Congress*. Os produtos resultantes dessa abordagem são os catálogos.

A indexação, com foco na utilização de linguagens para a elaboração de produtos como os índices, foi influenciada pelos trabalhos desenvolvidos no *Classification Research Group*. Os estudos desta corrente superam a atuação em bibliotecas tradicionais e abrangem também os centros de documentação e editoras.

A análise documentária reúne os processos relacionados ao tratamento temático da informação, concentrando-se nos produtos gerados para a representação da informação. Guimarães (2008, p.83) afirma que os estudos da análise documentária tiveram forte interface com a Linguística e a Lógica, a partir dos trabalhos pioneiros de Coyaud e Gardin.

Para Chaumier (1988, p.63) a indexação se apresenta como a

[...] parte mais importante da análise documentária, conseqüentemente é ela que condiciona o valor de um sistema documentário. Uma indexação inadequada ou uma indexação insuficiente representam 90% das causas essenciais para a aparição de “ruídos” ou de “silêncios” em uma pesquisa.

O processo de indexação é composto por diferentes etapas, variando de número dependendo dos autores. Para o UNISIST (1981), Chaumier (1988), e Lancaster (2004) a indexação abarca duas etapas: análise de assunto - etapa da leitura e seleção dos termos que representam o documento - e tradução dos termos por meio de linguagens documentárias. A indexação para a ABNT 12676 (1992) conta com três etapas e, por fim, para Robredo (2005), o processo consiste em quatro etapas.

Devido as diferentes concepções, os autores discordam no que tange ao número de etapas da indexação. Entretanto, as etapas abordam, de maneira geral, os mesmos procedimentos: **análise**: leitura e separação do texto a fim de identificar e selecionar os

conceitos; - **síntese**: elaboração do texto documentário com os conceitos elegidos. Relaciona-se diretamente com a elaboração de resumos; - **representação**: que se dá através de linguagens documentárias.

Kobashi (1994) reitera que a análise, a síntese e a representação atuam como constituintes do processo de representação de documentos, podendo ser apresentados em diferentes níveis, uns mais compactos, como no caso da indexação, que se limita a termos descritores ou expressões, ou níveis menos sintéticos tais como os resumos, que praticamente se caracterizam uma obra nova em novo formato, visando abarcar os pontos principais da obra original.

Segundo Hjørland (2007),

[...] a compreensão e interpretação de documentos são baseadas na interpretação de diferentes tradições e compreensões no meio [...]. A análise de assuntos envolve atos hermenêuticos e também análises pragmáticas dos objetivos, valores e consequências [...]. Os princípios da análise de assuntos são basicamente apoiados em opiniões epistemológicas.

Para evitar problemas de cunho terminológico, utilizaremos a expressão, “análise de assunto”, para definir o processo de tratamento temático que, do ponto de vista do indexador é

[...] é iniciado com a fase de leitura do texto. Para isso, é necessário que se conheçam tipos e estruturas de textos para iniciar-se a sua leitura com fins específicos. Após essa leitura, passa-se à fase da extração de conceitos que possam representar o conteúdo temático do texto, para se chegar ao momento da fase de representação da atinência, em que são definidos os termos em linguagem natural (DIAS; NAVES, 2007, p. 11-12).

De acordo com os autores, o processo de análise de assunto é dividido em três fases, a saber: leitura técnica, extração de conceitos e determinação da atinência e deve atender minimamente aos conceitos de consistência e relevância da indexação, onde:

- a) a consistência está relacionada a problemática da quantidade de termos que são utilizados para “representar o conteúdo de um mesmo documento num mesmo sistema, [...] resultante do momento da expressão de conceitos, que é feita de diferentes maneiras e em diferentes níveis de especificidade, o que ocorre durante o processo de análise de assunto” (DIAS; NAVES, 2007, p.32);
- b) a relevância está relacionada ao “julgamento feito pelo indivíduo ao se confrontar com o resultado de sua busca em um sistema de recuperação da informação. Seria a conexão existente entre situações de usuários e a informação contida nos documentos” (DIAS; NAVES, 2007, p.33).

A seguir, apresentaremos as etapas leitura técnica, extração de conceitos, a serem utilizadas na pesquisa.

Iniciaremos com a leitura técnica, prática inicialmente desenvolvida em bibliotecas e “principalmente voltada para livros, [...] significando uma forma de leitura do conteúdo de documentos que fosse apropriada para a realização das demais tarefas da análise de assunto: identificação dos conceitos; seleção dos conceitos” (DIAS; NAVES, 2007, p.51).

A leitura técnica consiste

[...] numa leitura direcionada para certas partes do documento onde vai-se encontrar elementos especialmente importantes para a identificação do assunto ou assuntos do documento. As partes mais comumente citadas nos manuais de catalogação e indexação são as seguintes: título, subtítulo, sumário, resumo, introdução, prefácio, apresentação, títulos dos capítulos e bibliografia (DIAS; NAVES, 2007, p.52).

Percebemos que as partes textuais enfatizadas pelos autores, relacionam-se diretamente aos documentos de tipo científico, o que acaba constituindo certo problema no processo de leitura técnica que os documentos não atendem a esses padrões, já que, essa é a etapa crucial da análise de assunto, por servir de base para a próxima etapa utilizada: extração de conceitos.

A extração de termos, também conhecida como extração de conceitos, é definida por Dias e Naves (2007, p.66-68)

[...] como produto um assunto, que representa o conteúdo informacional de um texto. Parece uma coisa óbvia explicar o que é assunto. No entanto, para muitos, esse termo é considerado ambíguo. É um conceito impreciso e difícil de definir e ensinar. A essência do tema e sobre o que o autor escreveu são outras formas de designar assunto. Uma pessoa pode usualmente, selecionar um assunto de um item que ela compreende, pode parafraseá-lo e registrá-lo. Mas não pode estar apto a dizer como (por qual processo) ela seleciona e parafraseia o assunto. [...] A noção de assunto de um documento é indeterminada, pois há casos em que é impossível, em princípio, decidir qual, de duas diferentes e igualmente precisas descrições, é a descrição do assunto, ou se o documento tem dois assuntos, ao invés de um. De duas descrições, que não são descrições de uma mesma coisa, pode ser impossível dizer qual precisamente, descreve o assunto. Quanto mais vaga e geral nossa representação de assunto de um documento, menos ela é aberta a questões, e quanto mais exatos e precisos tentamos ser, mais provável é que várias descrições igualmente exatas, de diferentes coisas, serão formuladas, dentre as quais não se pode escolher uma, exceto agindo arbitrariamente. Isso significa que há sérias dificuldades na escolha de um assunto que seja considerado o principal de um documento, deixando-se outros, que ele inclua, em plano secundário.

De forma específica, os autores apresentam a extração de conceitos como atividade da análise de assuntos que:

[...] identifica a (s) ideia (s) principal (ais) do texto e exige a capacidade de compreensão de seu conteúdo, que está ligado a processos cognitivos;
 [...] varia de um leitor para outro, sendo consideradas duas categorias de informação importante: a textualmente importante (a informação é importante porque o autor a apresenta como tal) e a contextualmente importante (a informação pode ser importante porque o leitor a considera como tal, devido à sua intenção de leitura).
 [...]. Define o número de termos para representar um documento conforme a complexidade do assunto, levando em consideração: a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, ou a transdisciplinaridade (DIAS; NAVES, 2007, p.69-71).

Como vimos, as etapas da análise de assunto são procedimentos que atuam para promover êxito no processo de representação de documentos por meio de termos descritores. Contudo, estes processos ainda não são satisfatórios quando se trata de documentos que fogem dos padrões dos textos científicos, como por exemplo, os cordéis que se caracterizam como textos narrativos.

As discussões sobre tipologias textuais são inúmeras e abrange diversos autores, por exemplo: Van Dijk (1977; 1978), Koch e Fávero (1987), Fiorin (2006), entre outros.

De acordo com Antonio (2008, p. 53) em relação ao trabalho de Van Dijk (1977; 1978), a autora afirma que,

o autor trabalha com a noção de superestrutura que seriam as estruturas globais responsáveis, independentemente do conteúdo, pela caracterização do tipo do texto. Os textos se adaptariam a esses esquemas formais que são adquiridos culturalmente. Segundo essa noção, esquemas prévios devem ser seguidos para a construção de um texto e, os mesmos fazem com que o leitor tenha a compreensão no ato da leitura. Seriam esses esquemas que caracterizariam a tipologia do texto.

Dessa maneira, Van Dijk (1977) e Koch e Fávero (1987 apud ANTONIO, 2008, p. 54) indicam a utilização da sequência apontada no quadro abaixo, visando a identificação do texto narrativo.

Quadro 2 - Critérios de análise para os textos narrativos

Superestrutura	Na narrativa predominam as ações. Na estrutura clássica da narrativa, a situação espacial e temporal, bem como as personagens e os contextualizadores, são introduzidos no resumo; seguem-se os acontecimentos, que envolvem a complicação, a avaliação e a resolução.
Macroestrutura	O tema envolve uma pessoa, um ser animado, ou uma coisa definida antropologicamente. Pressupõe uma ideia de ação, de mudança de estado, de transformação ou de acontecimentos. A sequência temporal é fundamental.
Dimensão linguística de superfície	Predominam relações subordinativas, com um verbo de mudança no passado e indicadores de tempo e lugar.

Fonte: (ANTONIO, 2008)

Devemos elucidar que de acordo com Fiorin (1995) a semiótica compreende que qualquer texto tem uma narrativa, mesmo que ínfima, desde que se entenda a narratividade como qualquer transformação de estado. Já que implícita ou explicitamente, todos os textos trabalham com transformações.

Ao longo da sua trajetória, visando a identificação do tema dos documentos, a Ciência da Informação realizou diversos estudos que tinham como desígnio a concepção de métodos e criação de instrumentos para analisar assuntos.

Segundo Antonio (2008), estes estudos foram realizados com o intento de auxiliar na indexação dos assuntos dos documentos, sendo eficazes no que concerne à materiais que se adequem em uma composição textual apropriada para a aplicação dessas análises metodológicas, que, normalmente, são constituídas por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, relações de pré-coordenação, proporcionando assim, a análise e a avaliação na busca do assunto.

Consideramos que, os cordéis trazem consigo estruturas linguísticas diferenciadas que não são contempladas quando submetidas à etapa de leitura técnica e extração de termos. Estas etapas da análise assunto são de interesse da pesquisa, que busca aplicá-las nos cordéis de J. Borges, com a finalidade de demonstrar que sua relação com a semântica discursiva, mais precisamente com os processos de figurativização e tematização podem contribuir de forma satisfatória nos levantamentos de assuntos.

Discutiremos posteriormente, o percurso gerativo de sentido e a semântica discursiva, que se mostram como um caminho para trabalhar a literatura de cordel no âmbito da análise de assunto.

3 VERTENTES SEMIÓTICAS

A ciência que na atualidade é conhecida por semiótica, no transcorrer do seu desenvolvimento, foi muitas vezes confundida com outras ciências de radical análogo e de objetos de estudo avizinados. O termo, procedente do grego *semêion*, pode ser traduzido por signo, sema ou sinal, esse entendimento da semiótica, possivelmente, responde pela ambiguidade na determinação das suas fronteiras com outras ciências afins, como a semântica e a semiologia.

Para entendermos o conceito de semiótica e sua evolução, é necessária uma abordagem cronológica do seu desenvolvimento.

Para autores como Bizzocchi (2001); Fidalgo e Gradim (2005); Nicolau et al. (2010); Malmberg (1976) e Santaella (1983), a origem dos estudos semióticos tem seu início na Grécia Antiga, com Platão, para ele o verdadeiro saber não é de natureza simbólica, mas só através dos símbolos se chega a esse saber. Os estudos sobre o símbolo e o signo também despertaram o interesse de Aristóteles, dos Estóicos e dos Epicuristas.

Conforme Ciaco (2000), Eco (2001) e Barbosa e Descardecí (2012), no ano 394 do século IV d.C., Santo Agostinho, influenciado por seus estudos em Platão e nos Epicuristas, começou seu estudo a partir da linguagem verbal para chegar a essência e a operatividade das linguagens não-verbais. Segundo Nöth (2008), E. Coseriu o considerou como sendo “o maior semioticista da antiguidade e o verdadeiro fundador da semiótica”. Porém, nessa época, o estudo realizado por Santo Agostinho ainda não era conhecido por Semiótica.

Avançando para o século XVII, “o filósofo alemão Johannes Schulteus concebeu uma doutrina do signo e significado, sob o título *Seimeologia Metaphysikê*” (NÖTH, 2008). Em 1690 o filósofo empirista John Locke, em um dos seus principais trabalhos *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, construiu um estudo dos signos ao qual nomeou *Semeiotikê*. Assim como Locke, outros importantes pensadores como Descartes, Leibniz e Bacon também se dedicaram a estudos que abordavam de alguma maneira, a semiótica.

Até então a maioria dos estudos realizados estavam ligados à Filosofia, já no século XIX, as ciências tomaram para si outro modelo, a biologia. A Teoria evolutiva de Darwin influenciou diversas áreas, entre elas as línguas, de acordo com Batista (2003, p.61),

[...] permitindo distinguir línguas mortas e vivas, línguas mãe e filhas, o que foi severamente criticado por linguistas posteriores que não acreditam na morte da língua, mas numa transformação, ocasionada por um processo contínuo de mudança linguística.

O estudo do signo revelou as figuras de Hegel que estabeleceu a diferença entre signo e símbolo e a de Humboldt que o fez, de um lado, com relação a substância e forma; de outro, com sistema e uso da linguagem (BATISTA, 2003).

Diante do contexto histórico da semiótica pode-se perceber que ela não foi estudada de maneira isolada e por uma única vertente, Iasbeck (2010, p.28) indica que “existem três vertentes da semiótica que arrebata, maior número de pesquisadores: a semiótica norte-americana, de inspiração peirceana; a semiótica francesa, de vertente saussuriana e greimasiana e a semiótica da cultura, de inspiração eslava”.

Essas vertentes se desenvolveram a partir do final do século XIX, começando pela Doutrina Geral dos Signos formulada por Charles Sanders Peirce (1839-1914), que atuava, segundo Batista (2003, p. 61), “ainda no âmbito dos estudos filosóficos”. O início do século XX corresponde ao período em que Ferdinand de Saussure (1857-1913) ministrou seus cursos na Universidade de Genebra, ponto que deu origem à divulgação mais ampla de uma ciência Linguística (SANTAELLA, 1983).

A seguir, apresentaremos as correntes da semiótica mais estudadas e conhecidas: a americana, representada por Charles Sanders Peirce e a francesa, da qual o maior expoente é o suíço Ferdinand de Saussure.

3.1 A Visão Semiótica de Peirce

A primeira corrente exposta, a corrente peirceana, é fundamentada na obra do filósofo pragmático e lógico norte-americano C. S. Peirce (1839- 1914), que diz respeito a uma teoria de bases filosóficas que trata da natureza dos signos (índice, ícone, símbolo...) e sua assimilação (primeiridade, secundidade, terceiridade), assim como da relação que ocorre entre o referente e os objetos do mundo real (SANTAELLA, 1983).

A contribuição de Peirce é perceptível especialmente, em três pontos: na definição de signo, na definição da semiose e na visão multisemiótica do mundo, tendo em vista que Peirce atuou em diversas áreas como: matemática, química, física, espectrografia, geologia, entre outras. Essa multiplicidade de áreas de estudo fica enfatizada em diversos períodos de sua obra, como o próprio Peirce (2000, p.64) afirma que,

[...] nunca estive em meus poderes estudar qualquer coisa – matemática, ética, metafísica, gravitação, astronomia, psicologia, fonética, economia, a história da ciência, jogo das cartas, homens e mulheres, vinho, meteorologia — exceto como um estudo de semiótica.

O entendimento de outras áreas contribui para que Peirce pudesse visualizar o signo de maneira peculiar. De acordo com Batista (2003, p.62),

Peirce concebeu o signo de forma triádica (como muitos o fizeram desde Platão), só que constituído de um *representamen*, o elemento perceptível ao receptor, ou o significante da teoria saussuriana; o objeto que é o referente, a coisa material ou mental que o *representamen* representa e o interpretante, que é a significação do signo, melhor dizendo, o efeito do signo na mente do intérprete. A interpretação do signo é um processo dinâmico na mente do receptor: cada signo gera um interpretante que, por sua vez, funciona como *representamen* de um novo signo. A semiótica deixa de ser o estudo do signo para sê-lo da semiose, definida como o processo durante o qual o signo atua sobre o interpretante, isto é, o processo de interpretação do signo pelo interpretante e sem o qual aquele não A consideração do interpretante ressaltou o fazer interpretativo do discurso que caminha ao lado do fazer persuasivo (referente ao enunciador) destacado nos estudos semióticos modernos.

No que se refere à nomenclatura, Nöth (2008, p.66) afirma que o termo semiose foi adaptado por Peirce de um tratado do filósofo epicurista Filodemo. Para Peirce, "semeiosis significa a ação de quase qualquer signo, e a minha definição dá o nome de signo a qualquer coisa que assim age". O autor reuniu em três classes gerais e universais todos os fenômenos e os nomeou: primeiridade, secundidade e terceiridade.

Primeiridade: Em síntese, a primeiridade é a ideia do momento presente e atemporal, e é experimentada como para a emoção de 'tout ensemble'. É a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência.

Secundidade: Todo conhecimento do mundo dos fatos e dos aspectos mais práticos da vida humana - como abrir uma porta, fazer uma chamada telefônica e lançar um balão - implica forçosamente segundos. A secundidade entra em jogo cada vez que fazemos um esforço, tomamos uma decisão, descobrimos algo, nos orientamos no espaço e no tempo, ou quando somos tomados de surpresa.

Terceiridade: Representa a lei geral que rege o sentimento (primeiridade) e a ação (secundidade), outorgando-lhe continuidade. Como esta lei geral estabelece explicações racionais, toda atividade intelectual é um terceiro (PEIRCE, 2000, p.47).

Sobre as categorias estabelecidas por Peirce, Santaella (1983, p.9) observa que

[...] as categorias, portanto, dizem respeito às modalidades peculiares com que os pensamentos são enformados e entrecidos. Enfim: camadas interpenetráveis e, na maior parte das vezes, simultâneas, se bem que qualitativamente distintas. Essas três categorias irão para o que poderíamos chamar três modalidades possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno. Certamente há infinitas gradações entre essas modalidades. Elas se constituem, no entanto, nas modalidades mais universais e mais gerais, através das quais se opera a apreensão-tradução dos fenômenos.

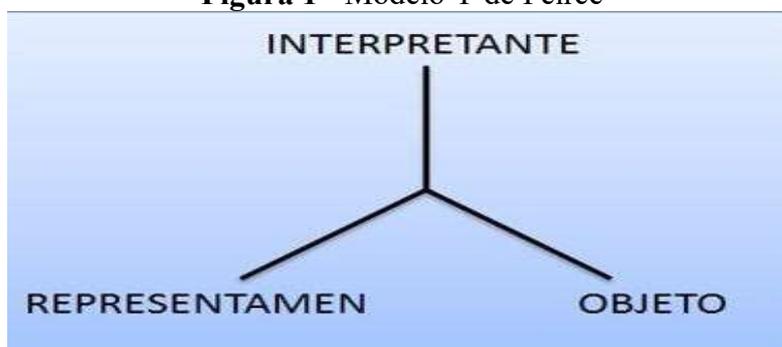
Em paralelo às categorias, Peirce desenvolveu a noção de signo. A priori, ele estabeleceu três tricotomias do signo. A primeira abarca o caráter material do signo, acontece em relação

ao signo com ele mesmo através de uma característica, uma particularidade ou uma lei geral. Tornando-o de tal modo, um quali-signo, um sin-signo ou um legi-signo. A segunda expõe a relação do signo com seu objeto. Desta maneira, um signo pode se tornar um índice, um símbolo ou um ícone. A última tricotomia estabelece uma relação do signo com o seu interpretante. Tornando o signo um rema, um dici-signo ou um argumento.

Para Peirce a relação triádica compõe o signo perfeito, convivendo com as três categorias. Aperfeiçoando o conceito do elo triádico, observa-se o entendimento de Silveira (2007, p. 62), “cujas relações do signo para consigo mesmo, ou relações de *representamen*; as relações do signo para com seu objeto dinâmico e as relações do signo com seu interpretante final”.

Deste modo, para ele, o signo denota a união dessa tríade e se distingue de acordo com a relação entre os elementos que constituem um signo e de sua atuação específica (*ou semiose*). Essa união triádica sugerida por Peirce pode ser observada no Modelo Y adaptado por Mai (1997):

Figura 1 - Modelo Y de Peirce



Fonte: (MAI, 1997, p. 57).

Como podemos observar na figura 1, um signo ou *representamen* é algo que, de certa maneira, indica algo para alguém, é dirigido a esse alguém; eventualmente, constrói na mente desse indivíduo um signo análogo ou, até mesmo mais desenvolvido. Essa concepção de signo foi chamada por Peirce de interpretante. O signo representa sempre, seu objeto. A palavra Signo é empregada para representar um objeto compreensível, que se pode imaginar ou mesmo difícil de ser imaginado em certo sentido ou contexto. Sobre o signo em Peirce, Santaella (1992, p. 77), explica que,

[...] para funcionar como signo, algo tem que estar materializado numa existência singular, que tem um lugar no mundo (real ou fictício) e reage em relação a outros existentes de seu universo. Assim como também não há existente que não tenha um

aspecto puramente qualitativo, sua qualidade que o faz ser aquilo que é, tal como é. Essas três gradações, baseadas nas categorias [...] são onipresentes.

A teoria dos signos, formulada por Peirce, exerce um papel importante nos mais diferentes estudos do campo da comunicação e da informação. Peirce irrompeu a dicotomia apoiada na relação significante/significado, elucidando o método de significação, com sua noção de interpretante.

Além do vulto de tais contribuições para o estudo da produção de sentido, da filosofia e da psicologia, Peirce vai nos legar uma teoria semiótica ao mesmo tempo simples e complexa, pragmática e falível, e infinitamente progressiva (IASBECK, 2010, p.33).

3.2 O Signo de Saussure

A segunda, corrente surgiu na Europa e foi estabelecida pelo filósofo e linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), sua teoria possibilitou o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma, exercendo influência nos estudos da teoria da literatura e da cultura.

A semiótica europeia teve seu início com Ferdinand de Saussure. Considerado por muitos como o pai da linguística científica, ele desempenhou uma importante função no desenvolvimento do estruturalismo, que idealizou a língua como um todo composto de partes que se solidarizam e são interdependentes exercendo uma função em relação a ele.

Sua principal obra o *Curso de Linguística Geral*, foi editado pela primeira vez em 1916, por Bally e Séchehaye, o livro é uma compilação das aulas, que ele ministrou na Universidade de Genebra entre anos de 1907 a 1911, feita a partir das anotações de seus alunos, já que Saussure falecera em 1913.

O momento intelectual no qual Saussure começou seus estudos estava em constante movimento, no início do século XX as ciências naturais e algumas ciências humanas já estavam instituídas. No entanto Saussure, que depreciava a escassez de cientificidade de alguns estudos, estava interessado em considerar a linguagem com rigor científico. Essa inquietação impeliu Saussure a elucidar a língua, evidenciando a sua complexidade e o seu cunho social. Talvez influenciado por dois expoentes da sociologia a sua época, o alemão Karl Marx (1818-1883) e o francês Émile Durkheim (1858-1917), já que sua obra tem evidências do pensamento social formulado por eles.

Sobre os feitos de Saussure, Paveau (2006, p.63) ressalta que é Saussure quem inaugura a chamada linguística moderna, já que a sua obra constitui o que a autora chama de “corte

epistemológico”, ou seja, “uma maneira radicalmente diferente de se considerar os fatos da linguagem”.

Saussure retomou a concepção de paridade do signo dos antigos, para ele, o Significado seria o conceito e o Significante, algo que nos evoca um fonema para um conceito: a imagem acústica. O que evoca conceito é o significado do signo linguístico, são coisas diferentes que se relacionam e que precisam uma da outra para fazer sentido, mas são distintas. “Não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Na semiótica Saussuriana, os dois elementos – significante e significado – constituem o signo e estão ligados. São correlatos e indivisíveis, pois sem significante não existe significado e sem significado não há significante. Em relação ao signo linguístico de Saussure, Mendes (2011, p. 178) afirma que

Saussure chama a imagem acústica de significante e o conceito de significado, elementos que, unidos, dão origem ao signo linguístico. Salientamos que um significante não representa um significado, nem vice-versa: o signo linguístico é resultado da associação dessas duas grandezas. O primeiro princípio do signo é a arbitrariedade, já que não existe nenhum laço natural que una um significante a um significado.

Essa imagem acústica seria associada arbitrariamente a um conceito. Quanto ao princípio da arbitrariedade, Saussure (2006, p. 83) esclarece que arbitrário

[...] não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

Entendemos que Saussure compreendia a língua como um sistema no qual cada elemento só adquire função em oposição a outros. Dessa forma, os elementos se afirmam e geram sentido nas relações intrasistêmicas. Ao partilharmos de um mesmo código de relações obtemos a competência de nos comunicarmos. Saussure contrapõe à língua - conjunto social articulável de convenções - a fala - sistema singular de comunicação onde o que tem ação social interatua com fins particulares. Essa é a base da “langue/parole”, a famosa dicotomia saussuriana, que vai exercer uma intensa influência sobre a semiologia europeia em todas as suas vertentes. “Através de langue e parole, foi possível considerar a diferenciação entre sistema e uso” (BATISTA, 2003, p. 62).

Desta maneira concordamos que “o pensamento saussuriano, portanto, como nenhum outro, não é fruto do acaso, mas foi historicamente desenvolvido a partir de toda produção intelectual e teórica obtida sobre a linguagem até aqueles dias e, à qual, o estudioso teve acesso” (MILANI, 2000, p. 17).

Assim, de acordo com Iasbeck (2010, p. 27) “a semiótica surgiu de uma necessidade: o advento de uma ciência que fornecesse explicações sistemáticas sobre os mecanismos que operam na/a mente humana para gerar a produção de sentido na comunicação”. Ela trata dos conceitos, das ideias, examina como os organismos de significação atuam naturalmente e em sua cultura. De maneira oposta da linguística, a semiótica não centra suas pesquisas apenas no campo verbal, ela a expande para qualquer sistema sógnico, entre os quais, a Fotografia, o Cinema, a Música, entre outros.

Saussure construiu um legado importante para a semiótica, segundo Iasbeck (2010, p.34), “os conceitos linguístico-semióticos desenvolvidos e ampliados pelos continuadores de Saussure acabaram por formar aquilo que Santaella (1994, p.73) denomina “o núcleo de futuras semióticas especiais”.

Um desses seguidores, o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965), se dedicou a aplicar os princípios metodológicos propostos por Saussure à teoria literária, expandindo esses estudos para outras áreas do conhecimento. Desenvolveu a acepção de signo primeiramente sugerida por Saussure, reconhecendo que ele pode ser mais que uma palavra, podendo ser constituído por uma frase ou um discurso num ato de fala, esse processo Hjelmslev nomeou de semiose. Em 1943, publicou seu livro *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* em que expõe uma trama de relações dispostas hierarquicamente e composta de dois planos de articulação: —expressão e conteúdo, esses planos servem de fundamento para o percurso gerativo do sentido, proposto por Algirdas Julien Greimas, que especificaremos posteriormente, nesta dissertação.

Entre as semióticas especiais ou especializadas destacamos para a presente abordagem a semiótica francesa de A. J. Greimas, influenciada por Saussure e Hjelmslev, a ser tratada a seguir.

3.3 A Semiótica Estruturalista de Greimas

Para contextualizar melhor o cerne deste trabalho devemos esclarecer que compreendemos a semiótica como uma teoria da significação, focada na construção de sentido nos múltiplos textos. E sem preterir a obra de Peirce, esclarecemos que a semiótica greimasiana

dispõe de meios capazes de realizar a tarefa de análise e interpretação de signos narrativos ou discursivos de modo muito mais proveitoso (SANTAELLA, 2004).

Algirdas Julien Greimas (1917-1992), linguista e semioticista lituano radicado na França considerado um discípulo dos trabalhos realizados por Saussure e Hjelmslev, é também apontado, junto com Roland Barthes, o mais relevante dos semiólogos franceses. Greimas lançou as bases para a Escola de Semiótica Paris, entre as suas principais contribuições para a semiótica estão a semiótica do mundo natural, o modelo atuacional e o conceito de quadrado semiótico.

O caminho que Greimas percorreu para chegar à semiótica foi peculiar: em 1936 ele estava decidido a estudar Direito na Universidade Vytautas Magnus em Kaunas, na Lituânia. Nesse mesmo ano ele recebeu uma bolsa para cursar francês na Universidade de Grenoble, onde acabou desviando-se para a linguística, formando-se em 1939 com um diploma em dialetos Franco provençais. Em 1945 matriculou-se para o estudo de pós-graduação na Sorbonne, em Paris especializando-se em lexicografia, recebeu um PhD em 1949 ao escrever uma tese sobre o vocabulário da moda, sob o título: *A moda em 1930. Ensaio do vocabulário vestimentar segundo a imprensa especializada em moda da época*. Sua carreira acadêmica começou em lexicologia e ele lecionou em universidades em Paris, Alexandria e Ancara. A partir de 1965 ele encabeçou a pesquisa semiótico-linguística em Paris, instituindo os alicerces da Escola de Semiótica de Paris. Ainda em 1965 Greimas lançou, aquela que seria segundo com J.C. Coquet (1985) “A obra fundadora do que viria a ser semiótica”, o livro *Semântica estrutural*, dominado de referências a Hjelmslev e a Brondäl. Durante esse percurso, conheceu os textos de Saussure e, especialmente em um grupo de discussões que se reunia na França e do qual Roland Barthes também fizera parte, descobriu os trabalhos de Roman Jakobson, Hjelmslev, Lévi-Strauss, Lacan e Merleau-Ponty (HÉNAULT, 2006).

A teoria apresentada no livro *Semântica Estrutural* tem como base abranger teoria, prática e epistemologia em uma proposta de estudo lógica e atenta. No plano da prática, caracteriza-se a utilidade de constatar o “ganho de inteligibilidade” (HÉNAULT, 2006, p. 130) que os conceitos obtêm ao exercerem um suporte para a análise e o entendimento de uma série de práticas e objetos semióticos.

Esses conceitos, por sua vez, vêm de um nível teórico, “que assume para Greimas um valor eminentemente descritivo, caracterizado por sua aptidão a realizar análises concretas, em rigorosa coerência com a base epistemológica” (HÉNAULT, 2006, p.131). Notaremos já nessa obra, uma preocupação peculiar com a aplicação dos conceitos e com a composição de um método coeso que descreva o sentido, integrando teorias que possibilitem a análise, afinal a

significação só surge se a linguagem for transformada. Nessa linha, verifica-se que “quando um crítico fala da pintura ou da música, pelo próprio fato de que fala, pressupõe ele a existência de um conjunto significante ‘pintura’, ‘música’, e sua fala constitui, em relação ao que vê ou ouve, uma metalíngua” (GREIMAS, 1973, p. 23). Greimas institui dessa maneira os domínios da semiótica, como um exercício de descritivo e analítico é que essa metalíngua se estabelece como tal.

Dessa maneira, no contexto greimasiano a teoria não se opõe à prática; ela deve ser validada pela prática ao passo que o nível epistemológico da teoria é o que funda intelectualmente o método (HÉNAULT, 2006, p. 131), principalmente ao ponderarmos que para Greimas, toda situação pode ser avaliada se for lida como um texto. Desse modo, o método fundamenta-se pela descrição de uma linguagem estabelecida, por uma metalinguagem que considera o objeto a ser estudado e o estabelece como corpus, esgotando as normas da sua composição. Através de uma descrição suficientemente independente para avaliar os mais diversos textos, é que a significação pode ser estudada.

Já o nível epistemológico é o constructo que se forma através de uma visão direcionada nas estruturas transfrásticas da oração, ou seja, nas normas lógico-semânticas que fogem ao padrão formal e evidente da frase e asseguram, de maneira mais densa, a coerência do discurso. O que é apreendido na primeira etapa da leitura é o enfoque sensorial do texto, sua expressão; após essa primeira abordagem, é fundamental raciocinar e categorizar para mensurar as grandezas na profundidade do texto. Através dessa análise, afora da aparente superficialidade do plano, estruturam-se as unidades mínimas do sentido.

Concentrado em assentar o estudo da significação e da constituição da semântica como campo científico, Greimas começa a erguer sua teoria a partir de uma estrutura de significação com um princípio maior que garanta a hipótese da constituição do sentido. Desse modo, independente da maneira pela qual o texto se manifeste, ele sempre terá uma essência intrínseca, basilar, de natureza lógico-semântica, que assegure sua significação.

Refletindo não somente a respeito das oposições semânticas agentes da constituição do sentido, mas ao mesmo tempo acerca das operações responsáveis que as geram, Greimas idealiza o percurso gerativo do sentido, que segue uma técnica contínua, do nível mais simples para o mais complexo.

No nível profundo, reconheceu-se a pertinência do modelo constitucional, no nível intermediário, chamado de narrativo, as estruturas características da narratividade comandavam toda a constituição dos enunciados, no nível superficial discursivo, o dos atores e das figuras de temporalidade e da espacialidade, podiam-se postular novas

regularidades que, naquela época, permaneciam obscuras, mas que vinham se tornando desde então uma prioridade da pesquisa (HÉNAULT, 2006, p. 145).

Dessa maneira, a semiótica greimasiana inclinava-se em uma teoria do discurso que era, além disso, uma ponderação sobre o fazer discursivo.

A partir de 1980, Greimas voltou a atenção de seus estudos para o campo do sentimento e da experiência estética dos textos, percebendo a figuratividade como uma “superfície da aparência cuja virtude consiste em entreabrir-se, em deixar-se entrever, graças ou por causa de sua imperfeição, como uma possibilidade ulterior de sentido” (GREIMAS, 2002, p. 87). Seus derradeiros postulados estão publicados nas obras: *Da imperfeição*, de 1987, e *Semiótica das paixões*, de 1991.

O trajeto da semiótica greimasiana, também conhecida como semiótica francesa ou semiótica do discurso, apresentou desdobramentos significativos que colaboraram para a concepção do percurso gerativo do sentido. Baseando-se no pensamento saussuriano, Greimas aprimorou os conceitos de signo e símbolo, e, sob a perspectiva de Hjelmslev; as acepções de plano de expressão e de conteúdo. Partindo desses estudos, foram determinados os domínios desses planos que transformaram os estudos semióticos.

A Semiótica expõe princípios de análise bem vastos, lidando com diversas contextualizações e aproveitamentos em várias especificidades. Ela disserta de maneira eficaz os processos de significação, que são estudados mais frequentemente no âmbito da Ciência da Informação, nos processos pertinentes à organização e representação do conhecimento e da informação. Nessa perspectiva, Monteiro (2006, p. 43) expõe que “a Linguística, a Semiologia e outras semióticas estruturalistas, como a greimasiana”, contextualizam seus estudos de forma hermenêutica, sendo mais amplamente adotados como subsídios de estudos no âmbito da CI.

No próximo capítulo apresentaremos o percurso gerativo de sentido.

4 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Como teoria da significação, a semiótica interessa-se por tudo que faça sentido para o ser humano. Toma a linguagem como sistema de significações, de relações, e procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, primeiramente, de seu plano de conteúdo (HERNANDES, 2006, p. 26).

De acordo com a semiótica, é indispensável que ocorra no texto uma união de conteúdo e de uma expressão. O conteúdo que se configura como sendo “o que se diz” no texto e a expressão representa “como se diz” algo no texto. Dessa maneira para se transmitir uma mensagem (o conteúdo) é necessário um plano de expressão, que pode ser um bilhete, uma música, um poema, etc. Entre os dois planos, para a teoria de Greimas, o plano de conteúdo tem maior importância, pois é nele que se localizam os sentidos.

Na busca de uma estruturação do plano de conteúdo, Greimas (1973) idealizou o percurso gerativo de sentido, que é encarregado de levar o leitor à compreensão integral do texto analisado. Barros (2003, p. 188) detalha como texto, plano de conteúdo e sentido, se conectam

[...] a teoria semiótica procura, portanto, explicar os sentidos do texto. Para tanto, vai examinar, em primeiro lugar, os mecanismos e procedimentos de seu plano de conteúdo. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo.

No que diz respeito à sua estrutura, Lara e Batistote (2009)³ ressaltam que o percurso gerativo de sentido

[...] vai do mais simples e abstrato (nível fundamental) ao mais complexo e concreto (nível discursivo), passando por um nível intermediário – o narrativo. Cada um desses níveis é dotado de uma sintaxe, entendida como o conjunto de mecanismos que ordena os conteúdos, e de uma semântica, tomada como os conteúdos investidos nos arranjos sintáticos.

O percurso gerativo de sentido, indica que a significação se situa na essência do texto. Segundo Fiorin (2006, p. 4) “a noção de percurso gerativo de sentido constitui um simulacro metodológico para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo”.

³ Documento da internet não paginado.

O percurso representa uma construção teórica ideal. Como observa Bertrand (2003, p. 48), “cada um dos níveis desse percurso é uma janela aberta para um conjunto de problemáticas que foram objeto de inúmeras investigações entre os semioticistas”.

Greimas e Courtés (1983, p. 206) apontam os três níveis do percurso: profundo (ou fundamental), narrativo e discursivo, como mostra a figura abaixo.

Figura 2 - Modelo de patamares

PERCURSO GERATIVO			
	componente sintático		componente semântico
Estruturas sêmio-narrativas	nível profundo	SINTAXE FUNDAMENTAL	SEMÂNTICA FUNDAMENTAL
	nível de superfície	SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE	SEMÂNTICA NARRATIVA
Estruturas discursivas	SINTAXE DISCURSIVA		SEMÂNTICA DISCURSIVA
	Discursivização actorialização / temporalização / espacialização		Tematização Figurativização

Fonte: (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 209)

As estruturas semio-narrativas que formam o plano mais abstrato do percurso gerativo, são constituídas por um nível profundo e outro superficial, neles coexistem duas sintaxes e duas semânticas (fundamental e narrativa). As estruturas discursivas são responsáveis por tornar os elementos das estruturas anteriores em discurso, a partir da enunciação. Esse nível, que é o menos profundo, é formado por uma sintaxe discursiva e uma semântica discursiva.

Conforme Fiorin (1999)⁴ “Vale lembrar que estamos no domínio do conteúdo. As estruturas discursivas serão manifestadas como texto, quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Cada um dos níveis do percurso tem uma sintaxe e uma semântica”. Em concordância com Fiorin (1999), Antonio (2008, p.62) destaca que “cada nível possui um componente sintático e um elemento semântico. A sintaxe estuda a estrutura do

⁴ Documento da internet não paginado.

Ainda em relação as estruturas semio-narrativas temos o **nível de superfície ou narrativo**, que é a segunda instância do percurso gerativo de sentido, é formado por uma sintaxe e uma semântica narrativas e dispõe uma configuração discursiva para as substâncias do texto que são passíveis de manifestação. Nesse nível, a narrativa é disposta a partir do ponto de vista de um sujeito, sugerindo a sucessão, o encadeamento e a transformação de estados.

Segundo Barros (1988), a sintaxe narrativa faz uma análise da ação dos indivíduos no mundo, a partir de dois entendimentos da narratividade que se unem: narratividade como transformação de estados e narratividade como ciclo de afirmações e de quebra de acordos entre emissor e destinatário.

A sintaxe narrativa possui um sintagma elementar, chamado de programa narrativo (PN), que é formado por um enunciado de fazer, que rege um enunciado de estado (GREIMAS; COURTÉS, 1983).

Esses enunciados são determinados por Fiorin (2006, p. 23) como:

- a) **enunciados de estado:** são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto. Podemos observar essa relação no exemplo: “Alice é feliz”, percebe-se a existência de uma relação de conjunção, indicada pela forma verbal “é” entre o sujeito “Alice” e o objeto “felicidade”. Já em “Alice não é feliz”, existe uma relação de disjunção, revelada pela negação e pela forma verbal “é” entre o sujeito “Alice” e o objeto “felicidade”.
- b) **enunciados de fazer:** são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro. Essa relação se dá nesse exemplo: Em “Alice ficou triste”, há uma transformação de estado inicial “não triste” num estado final “triste”.

A semântica narrativa trata da analogia entre os valores virtuais estruturados no nível fundamental que estão acessíveis e a atualização destes através da conexão com os sujeitos da sintaxe narrativa de superfície.

Além disso, os textos narrativos⁵ se alicerçam em uma sequência canônica composta por quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção. Conforme Fiorin (1999)⁶ “As transformações narrativas articulam-se numa sequência canônica, assim chamada, porque,

⁵ Não é recomendado ajuizar que, por conta de o nível ser o narrativo, o percurso gerativo de sentido atenda exclusivamente à textos narrativos, ele pode ser aplicado em tipos textuais diversos, pois a semiótica compreende que qualquer texto tem uma narrativa, mesmo que ínfima.

⁶ Documento da internet não paginado.

de um lado, revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa”.

É no terceiro e último nível, o **discursivo**, que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude” (FIORIN, 2006, p. 29). O nível discursivo está no patamar mais superficial e é responsável por transformar, por meio da enunciação, os componentes das estruturas de superfície em discurso. De acordo com Tasso e Barbosa (2009)⁷, o nível discursivo

[...] é formado por uma sintaxe e uma semântica discursivas. A primeira consiste num conjunto de procedimentos que põem em discurso as estruturas narrativas, pelos mecanismos da actorialização, temporalização e espacialização. Em outros termos, instaura-se, por esses procedimentos, um eu, um agora e um aqui, que podem ser projetados tanto para fora da enunciação (debreagem), quanto para o seu interior (embreagem). A segunda dá conta de converter um percurso narrativo em um percurso temático ou figurativo, produzindo discursos abstratos ou figurativos.

Na sintaxe do nível discursivo, são expostas as ações dos personagens no tempo e no espaço, e na sua semântica, a individualização dos seus personagens. O nível discursivo se apresenta como uma estrutura de manifestação, produzindo e organizando os significantes.

Barros (2003) esclarece que o nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, embora seja o mais próximo da manifestação textual; as estruturas discursivas são mais específicas e mais complexas semanticamente que as estruturas narrativas e as fundamentais; e as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação.

De acordo com Fiorin e Savioli (1990, p. 89) Os textos figurativos “produzem um efeito de realidade, e por isso representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos”; os textos temáticos “explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades”.

O nível discursivo caracteriza-se pela construção de um percurso temático e figurativo:

[...] Há de se verificar qual é a predominância que existe no texto, elementos concretos (figuras) ou elementos abstratos (temas), com o intuito de se verificar de que forma ocorre a interação entre estes elementos, ou seja, de que maneira se verifica o percurso temático ou o percurso figurativo, sempre tendo em mente que concreto e abstrato não se opõem mutuamente, mas sim constituem um *continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto (MORAES, 2012, p. 62).

⁷ Documento da internet não paginado.

4.1 Percurso Temático e Figurativo

Ao percebermos que os esquemas narrativos abstratos podem estar revestidos de temas e figuras, entendemos que a figurativização e a tematização são níveis que consolidam o sentido no texto e que os textos agregam um tema ao nível narrativo, que pode ou não ser figurativizado.

Dessa maneira, identificamos duas formas básicas de discurso, os concretos (construídos com figuras) e os abstratos (construídos com temas), que não se configuram como opostos e que progressivamente partem do abstrato para o concreto (ANTONIO, 2008).

Concreto, (portanto, figurativo) é todo o termo que remete a algo presente no mundo natural, estando ligado à realidade. Devemos também entender por “mundo natural” o mundo construído, no caso, o texto em verso onde as coisas se comportam como na realidade, com todas suas ações, etc. Abstrato, (temático) indica algo que não está presente de fato no mundo natural, é uma categoria que ordena o que está nele se manifesta.

Neste sentido “concreto” e “abstrato” não são categorias da realidade, e sim da linguagem. De tal modo, o mundo natural não é o que se vê e o que toca, mas o referente da realidade criada pelo discurso.

Fiorin (2006, p.91) explica que o tema é um “investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc.”

Ainda sobre o tema indaga “como encontrar o tema subjacentes às figuras? Não é com o significado de uma figura isolada que vamos até o tema, pois se procedermos assim, chegaremos a interpretações fantasiosas que não encontram amparo no texto” (FIORIN, 2006, p. 94). Para tanto, é preciso entender quais as ações que os dois tipos de textos impõem à narrativa. Como exemplifica o quadro abaixo.

Quadro 3 - Textos figurativos v. temáticos

TEXTOS FIGURATIVOS	TEXTOS TEMÁTICOS
Efeito de realidade; Representam o mundo; Criam uma imagem do mundo; Criam imagens dos seres; Criam acontecimentos do mundo; Referem-se ao concreto; Tem função representativa; Constroem simulacro da realidade; Tem função descritiva ou representativa.	Explicam a realidade; Classificam e ordenam a realidade; Estabelece relações e dependências; Tem função predicativa ou interpretativa; Faz comentários sobre as propriedades do mundo; Um grande tema abarca temas principais; Dá coerência ao texto principal.

Fonte: (ANTONIO, 2008)

Para maior esclarecimento, o quadro abaixo apresenta uma demonstração das diferenças narrativas entre as duas tipologias textuais.

Quadro 4 - Exemplo prático de texto figurativo e temático

<u>FIGURATIVO</u>	<u>TEMÁTICO</u>
“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.	“Ao ser persistente o indivíduo consegue vencer as dificuldades”.

Fonte: (Dados da pesquisa).

Compreendemos que a figuratividade e a temacidade não abrangem de maneira total um texto, elas atuam de forma predominante, mas não em termos absolutos, os termos coexistem dominando elementos abstratos e concretos, mas não são exclusivos.

De acordo com Fiorin (2006, p. 96),

[...] em todo texto, temos um nível de organização narrativa, que será tematizado. Posteriormente, o nível de organização temática poderá ou não ser figurativizado. O nível temático dá sentido ao figurativo e o nível narrativo ilumina o temático. A tematização pode ser manifestada diretamente, sem a cobertura figurativa. Temos então os textos temáticos. No entanto, não há texto figurativo que não tenha um nível temático subjacente, pois este é um patamar de concretização do sentido anterior à figurativização.

Na análise do texto o encadeamento das figuras e as relações que elas estabelecem é primordial. Esse encadeamento é chamado por Fiorin (2006, p. 97) de tecido figurativo, e a rede relacional, de percurso gerativo. O autor ainda indica que “para que um conjunto de figuras ganhe um sentido, precisar ser a concretização de um tema, que, por sua vez, e o revestimento de enunciados narrativos. Por isso, ler um percurso figurativo é descobrir o tema que subjaz a ele”.

De acordo com Antonio (2008, p. 67) “um texto pode ter mais de um percurso figurativo, a depender dos temas que se queira manifestar. Ele deve manter uma coerência interna, pois a quebra dessa coerência produz a chamada inverossimilhança no texto”.

O percurso temático (encadeamento dos temas) ocorre apenas nos textos temáticos. Essa tipologia textual possui a característica de ser predominantemente dissertativa,

sendo escrita na forma impessoal e tem natureza dinâmica. A respeito dos percursos temáticos é preciso perceber esse encadeamento dos temas e depreender a unidade subjacente à diversidade. Os encadeamentos temáticos também devem manter uma coerência interna. Quebrá-la significa construir um texto incoerente ou alterar o tema geral” (FIORIN; SAVIOLI, 1990, p.101).

Para que haja sentido na construção dos percursos temáticos e figurativos é necessário que exista um elemento que atue de forma a reuni-los e esse elemento é a isotopia, aquilo que “assegura um plano de leitura, sendo responsável pela homogeneidade do discurso, tem a propriedade de substituir os enunciados por outros análogos no plano do conteúdo, mesmo sendo díspar no plano da expressão” (LARA; MATTE, 2009, p.70). O termo isotopia designa, em Semiótica, a reiteração, recorrência de traços semânticos que garantem a coerência de um texto (BARROS, 1988, p. 124).

O termo, emprestado da física, foi cunhado na semiótica por A. J. Greimas e apareceu pela primeira vez em *Sémantique structurale*. A isotopia permite que o leitor faça diversas leituras à um mesmo texto, essas leituras já estão inscritas no texto através da coerência semântica, que lhe transmite reiteração, redundância, repetição, recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. (ANTONIO, 2008).

Isto posto, a semântica discursiva, através do percurso temático e figurativo, torna-se um caminho viável para a análise de assuntos da literatura de cordel. Discutiremos mais a respeito no capítulo reservado à metodologia.

5 DIÁLOGOS ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL, CULTURA POPULAR E LITERATURA DE CORDEL

A globalização com seu sentido de unificação teve um efeito contrário no que diz respeito à cultura. Valoriza-se mais a cada dia, a estima pelo local, pela singularidade, pelo simbólico e pela memória social. A cultura popular deve ser vista como um construto da memória de um povo, pois através dela as manifestações culturais se perpetuam. Dentro desse conceito de cultura popular encontramos a literatura de cordel, manifestação artística com base na oralidade, que resiste aos tempos atuais repassando para as gerações futuras uma tradição de muitos séculos atrás.

5.1 Memória e Patrimônio Cultural

Ao pensarmos na palavra memória nos remetemos à diversos significados, pois diversas áreas têm seu próprio conceito de memória. Comumente relacionamos a memória a ideia de passado, na Ciência da Informação o seu conceito vai além disso e traz a ideia de armazenamento de informação, de memória coletiva, de patrimônio cultural, cultura material, lugares de memória, memória social, memória individual e demais temas correlatos. Para Barreto (2007, p. 119)

A memória trabalha sobre o tempo, porém sobre um tempo experienciado pela cultura. Nela, o tempo passado é reconstruído e revivenciado, o que traz um efeito restaurador ao existir humano, uma vez que permite a resignificação do sentido existencial, atualizando conteúdos experimentados. A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e enlaçando-se em novas possibilidades existenciais.

Podemos afirmar que a memória é um dos bens mais importantes na constituição histórico-cultural de um povo. Protegida desde os primórdios da humanidade através das pinturas rupestres, passando pelos mais diversos formatos, como as tábuas de argilas, pergaminhos, códices, livros e atualmente o meio digital, conservar a história das civilizações tem sido uma das grandes inquietações ao longo do percurso vislumbrado pelo homem.

A informação que constrói a memória de uma sociedade está muitas vezes representada em tipos específicos de suportes que, por sua vez, estão armazenados em locais conhecidos por lugares de memória, que na perspectiva de Pierre Nora (1993) são ambientes criados quando a tradição é suplantada pela modernização, onde a memória está cristalizada nos arquivos, museus, bibliotecas e galerias de artes.

Aprofundando nessa ambiência, Pierre Nora (1993, p.15) classifica e conceitua lugares de memória segundo as perspectivas de suas reflexões.

Os lugares de memória são, em primeiro lugar, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Em contrapartida, Lopes, Santos e Duarte (2010, p.15), afirmam que:

[...] os *lugares de memória* não são apenas físicos, são também mentais, espaços imaginários onde quase não há preocupação utilitária, onde habitam coisas e não seres. Esses *lugares*, refúgios para os indícios, as marcas, os sinais do que se passou, permitiriam uma visão, ou melhor, uma *re-visão* da memória, pois, através do que neles está contido, nos seria possível apreciar o que é lembrado ou esquecido em relação ao passado.

Ao levar esse entendimento para a salvaguarda de manifestações populares, a correspondência é ainda mais evidente, pois tudo o que se designa como sendo o “espírito do lugar” ou o “caráter do lugar” transcorre não somente da feição material e da paisagem de um ambiente, mas também da vivacidade cultural e da tradição sociocultural que têm lugar nos modos e costumes da localidade e em sua sabedoria popular

Nesse contexto, preservar é a palavra-chave, pois, quando pensamos em memória, remetendo a ideia de proteção, cuidado, respeito. Preservar não é apenas guardar algo, mas também fazer levantamentos, cadastramentos, inventários, registros, etc. (MAIA, 2003, p.39).

Existe uma concordância eminente entre os teóricos das diversas áreas do conhecimento no que seria preservar, e na necessidade de fazê-lo, observa-se isso na Carta de Burra apresentada na Austrália nos anos 80.

A preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural é necessária, pois esse patrimônio é o testemunho vivo da herança cultural de gerações passadas que exerce papel fundamental no momento presente e se projeta para o futuro, transmitindo às gerações por vir as referências de um tempo e de um espaço singulares, que jamais serão revividos, mas revisitados, criando a consciência da intercomunicabilidade da história (ICOMOS, 1980, p.17).

Torna-se crucial no atual contexto social, a necessidade de preservação do patrimônio cultural de uma sociedade, entendendo que preservação é um conjunto de procedimento e medidas destinadas a assegurar a proteção, a conservação e a historicidade de uma determinada

sociedade através das informações verbais e não verbais materializadas presentes em museus, arquivos, bibliotecas etc.

Preservar a muito deixou de ser apenas uma questão de manter em bom estado de conservação física os suportes em que a informação é registrada. Quem tem por função preservar informação registra, mesmo em ambiente tradicional, dominado pelo suporte de papel, saber que preservar implica também garantir que a informação permaneça completa, inteligível, utilizável para os propósitos que justificam a sua conservação continuada (BORBINHA, et. al. 2002, p.79).

O conceito de patrimônio cultural se entende como incluindo não somente as expressões materiais das diferentes culturas do mundo, mas também as manifestações intangíveis, aí compreendidas as tradições orais, as artes do espetáculo e o saber tradicional (UNESCO, 2009, p.8)

A preservação do patrimônio cultural, tanto material, como imaterial, com suas maneiras de criar e estimular o imaginário das sociedades, está cada vez mais presente no cotidiano.

Os bens materiais remetem às construções tidas como referenciais e exemplares da memória, incluindo os chamados bens imóveis (conjuntos arquitetônicos) e bens móveis (artesanatos ou obras de arte); as áreas de proteção ecológica, assim como a paleontologia, a arqueologia, e as ciências em geral, também são consideradas patrimônio material. Os bens imateriais aludem à identidade, às obras e à memória da sociedade, presentes nas maneiras de expressão, nos meios de viver, fazer e criar; na manifestação artístico-cultural; nos aglomerados urbanos e nos ambientes de valor histórico-científico.

O Patrimônio cultural é repassado aos indivíduos de geração a geração e costumeiramente recriado pela sociedade em função do ambiente, da interação que a sociedade tem com a sua história, suscitando a identidade e a continuidade, promovendo assim, a deferência à diversidade cultural e à criatividade humana.

No Brasil, culturas externas foram acrescidas ao costume local ao longo dos anos, originárias de países de contexto sociopolítico e cultural distintos. Tal fato ocasionou em uma reunião cultural que faz do país ao mesmo tempo único e plural. Essa diversidade cultural se comprova ao percebemos o quanto certas manifestações da cultura externa são tão presentes no cotidiano da sociedade brasileira, um exemplo dessa mescla é a literatura de cordel.

Entende-se que, a importância de preservar informações em quaisquer tipos de suporte decorre da precisão de resguardar o passado, com a finalidade de entender o presente e fazer estimativas para o futuro baseando-se nas experiências vividas anteriormente.

[...] tem o dever de considerar livros, manuscritos, imagens e sons produzidos no passado como instrumentos para a construção de uma compreensão ampla do tempo presente, garantindo a cada povo e nação uma identidade cultural integrada e legítima, diversa e unitária (CASTRO, 2005, p.25).

O profissional da informação tem muito a contribuir nos estudos que envolvam:
Memória, Patrimônio cultural,

[...] acredita-se que o processo de formação e qualificação desse profissional pode ser apreendido como uma realidade dinâmica e inacabada, fruto das transformações advindas da contemporaneidade. As competências requeridas para a sua atuação inserida na nova configuração da sociedade são, sobretudo, o conhecimento interdisciplinar, a capacidade de contextualização e conceituação, o domínio de ferramentas e de tecnologias de informação, a gerência, a adaptação ao novo, a flexibilidade, a comunicação, a versatilidade, o relacionamento interpessoal e a consciência coletiva para o trabalho em equipe (RIBAS; ZIVIANI, 2007, p.54).

Frente ao avanço tecnológico inserido no meio social recai sobre o profissional da informação a tarefa de dispor mecanismos que facilitem o acesso à informação, estabelecendo uma “ponte” entre informação e sujeitos. Apoiando-se na perspectiva multidisciplinar tão pertinente na Ciência da Informação.

5.2 Cultura Popular e Literatura de Cordel

O conceito de cultura sempre esteve ligado às classes sociais e aos embates advindos da dinâmica dessa relação, com a cultura popular sendo vinculada ao povo, às classes sociais menos abastadas e a elite socioeconômica ligada à cultura erudita.

Como as relações em sociedade são cíclicas, a definição do que é cultura tem se expandido e de acordo com Burke (2005, p. 42),

atualmente, o conceito de cultura tem um sentido bastante dilatado, abrangendo praticamente tudo que pode ser apreendido em uma sociedade – desde uma variedade de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) até práticas cotidianas (comer, beber, andar, falar, ler, silenciar).

Sobre o conceito de cultura, concordamos com a definição da UNESCO que a considera como um “conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver junto, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2003, p. 1).

Assim como o conceito de cultura, o conceito do que é popular também tem suas inconsistências, constantemente vinculamos a ideia de popular ao que é massivamente propagado pela indústria cultural, ao populismo político, ao que é barato e facilmente consumido, ao que é folclórico e à outras concepções elementares.

Para Catenacci (2001, p.31) o popular, “olhando pelo prisma do folclore, é o que se refere à tradição, o depósito da criatividade camponesa, da suposta transparência da comunicação cara a cara, da profundidade que se perderia com as mudanças exteriores da modernidade”.

Essa variabilidade de conceitos abarca também a cultura popular, de acordo com Abreu e Soihet (2003, p.1) o conceito de cultura popular “desde o final do século XVIII; foi utilizado com objetivos e em contextos muito variados, quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas”.

Para Câmara Cascudo a cultura popular “é o saldo da sabedoria oral na memória coletiva. Difícil fixar as distinções específicas porque ambas exigem a retenção memorial, atendem a experiência, têm bases universais e há um instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado" (CASCUDO, 1973, p. 301).

Dessa maneira, concordamos com a visão do que é popular postulada por Catenacci (2001) e a definição de cultura popular de Cascudo (1973) pois elas se relacionam com a maneira como a literatura de cordel se manifesta.

No desenvolvimento da humanidade, a literatura popular sempre esteve presente, uma vez que o homem sentia (e sente) necessidade de contar seus feitos, caçadas, lutas, desafios perante a natureza, suas conquistas, sua rotina. E conforme a humanidade evoluiu, a técnica de usar a oralidade para fazer relatos, se desenvolveu até o aparecimento dos versos e rimas.

A literatura de cordel se origina dos romancistas da Península Ibérica e da França, em Portugal recebe a alcunha *folhas volantes* ou *avulsas*, na Espanha, *pilégos sueltos*. De acordo com Albuquerque (2011, p.23),

a literatura popular impressa existiu em diversos países e o cordel corresponda na França à chamada *Littérature del colportage* (literatura volante) ou os *Cannard*. Na Inglaterra eram denominados *Cock* ou *Catchpennies* (estórias imaginárias), *Broadsiddes* (folhetos de época ou acontecidos); na Holanda, *Panflet* (estórias sobre política, economia e militares); nas Américas, os *Corridos* ou *Compuestos*.

O cordel recebeu este nome, pois, em Portugal, eram exibidos presos em pequenos cordões ou barbantes, eram comercializados em mercados populares e nas ruas (SAMPAIO, 2008).

Muitas pesquisas conferem uma ascendência ibérica ao cordel, porém alguns pesquisadores atribuem a sua origem ao povo árabe. O que se sabe ao certo a respeito dos primórdios desse gênero é que seu surgimento se deu a partir da cultura oral, e só após a criação da imprensa, no século XVI, ele passou a ser divulgado na forma escrita (RAMIREZ; DINIZ, 2014).

Albuquerque (2011, p. 25) observa que “não existe consenso entre os estudiosos de literatura popular quanto à origem do cordel no Brasil, entretanto é inegável a influência do cordel português na constituição do folheto brasileiro.”

Os folhetos vindos de Portugal chegaram ao Brasil por volta de 1769 e 1782, pelas mãos de agentes como, por exemplo, a livraria Garnier⁸, Romero (1977) afirmava que os cordéis portugueses podiam ser encontrados no Brasil nas principais cidades do Império, grande parte desse material foi bastante divulgado nos rincões do Nordeste. Dessa maneira, o cordel encontrou no Nordeste brasileiro, região onde a influência dos colonizadores era massiva, representatividade e aceitação tornando-se parte da expressão do seu povo.

No Brasil, assim como em Portugal, passou a ser vendido em feiras, tornando-se bastante popular e acessível (LUYTEN, 2007). No Nordeste brasileiro, o cordel desempenhou um papel de extrema importância, pois os livros além de raros, eram caros e a taxa de analfabetismo era alta, ler os folhetos era uma das poucas atividades de erudição, já que estes eram mais acessíveis. Assim, os alfabetizados liam as histórias ali contadas para os analfabetos, fazendo assim com que estes também tivessem acesso ao conhecimento ali abarcado (GALVÃO, 2001). Esse foi, talvez para muitos, o primeiro contato com a informação vinda de fora de suas cercanias, já que o jornal ainda não era amplamente difundido, e o rádio não era tão frequente na vida das pessoas, principalmente as menos abastadas, o cordel era a fonte de informação primordial, pois através dele o povo tinha conhecimento dos acontecimentos. Luyten (1988, p.45) corrobora que:

[...] isso se explica com certa facilidade: sobretudo, no interior, os folhetos de cordel eram, nas décadas passadas, o meio mais barato que se destinava à leitura e seu conteúdo chamava atenção, pois apresentava tanto histórias tradicionais como novidades políticas e sociais.

Para Menezes (1988, p. 47-49)

a partir de uma bem fundada reconstituição histórica de nossa Literatura de Cordel, seria possível identificar pelo menos três períodos bem característicos: [...]

⁸ Livraria e editora localizada no Rio de Janeiro, esteve em atividade entre os anos de 1844 e 1934.

no primeiro período apresenta-se com a aparência de uma recusa da história: boa parte dos textos dessa época concentram-se em torno da velha tradição medieval dos romances de cavalaria e, de modo mais específico, gravitam à volta da figura de Carlos Magno e de seus Pares. [...]O segundo período é o da clara aceitação da história, ou talvez, mais precisamente, o da incorporação nela do herói popular nordestino, tipicamente rural, embora já se inicie desde então um processo de urbanização de temas e personagens. Nesse período, predominam os textos em que vários grandes poetas populares. [...]. Por fim, o período mais recente, que parece caracterizar-se pelo domínio de folhetos que contam a história *acontecimental* do presente, revelando vários sintomas de ruptura da unidade e da identificação de suas velhas matrizes sociais criadoras, bem como de sua crescente *folclorização*.

Ainda sobre a nomenclatura utilizada para dar nome ao cordel, Maxado (1980) aponta que ele pode ser denominado de: folhetos, abecês, romances, histórias, pasquim ou arrecife. Arrecife, porque a cidade do Recife foi a primeira cidade brasileira a ter tipografias especializadas na publicação de folhetos de cordel.

O folheto de cordel tem suas características físicas bem específicas, de acordo com Santos (2008, p. 60) “O termo folheto de feira é empregado tradicionalmente para designar esse pequeno livro, cujo número de páginas varia de 08 a 48 (podendo chegar, excepcionalmente até 64 páginas), com um formato médio de 11x16cm”.

No seu percurso histórico, o cordel teve seu ápice no início do século passado, como observa Albuquerque (2011, p. 26) “O auge da literatura de cordel, no Brasil, deu-se entre as décadas de trinta e cinquenta do século XX, quando João Martins de Athayde introduziu inovações na impressão dos folhetos, o que atraiu a atenção dos poetas.”

Atualmente o foco da literatura de cordel ainda se mantém no Nordeste. Os folhetos continuam a serem comercializados em feiras, mercados populares, e locais dedicados ao artesanato.

O cordel tem sua difusão através da memória o povo, provocando assim a sua preservação na cultura popular. Da mesma maneira como ocorre com a literatura escrita, já que as duas são resultado dos afazeres de várias gerações. Dessa maneira é importante destacar o cordel como sendo objeto de preservação da memória popular.

Partindo dessa perspectiva, entendemos que a literatura de cordel pode se afirmar como um registro da memória coletiva. No âmbito da Ciência da Informação, como fonte informacional, o cordel auxilia na visualização da memória construída através da produção dos poetas populares.

Ao disseminar informações, narrar acontecimentos, descrever técnicas de trabalho, fazer referências a cidades, e feitos dos homens, ao falar de religião e dos costumes sociais, a literatura de cordel reúne em suas obras, um construto da sociedade brasileira, sobretudo no Nordeste do país. Mantendo viva a história cultural desse povo, se legitimando no que tange à

preservação da sua memória e narrativa, por meio da poesia popular os poetas de bancada mantiveram vivas a memória e a oralidade do seu povo.

Na pesquisa para o livro *História do Brasil em cordel*, Curran (2001) descreveu que pode aprender muito sobre o Brasil, seu povo e cultura lendo o cordel. Por meio do cordel de circunstância, ele pode detectar as semelhanças entre os livros de história do Brasil e os relatos poéticos que os escritores registravam em suas obras. Dessa maneira percebemos a literatura de cordel como parte importante da construção da memória, tendo essa forte associação com a informação.

Por meio do sentido produzido por bens simbólicos, como no caso o cordel, que o conhecimento é suscitado e repassado. Tendo um grande espaço nos chamados lugares de memória, que partem da iniciativa de preservar e custodiar um patrimônio cultural.

Há alguns anos a Literatura de Cordel pleiteia o título para se tornar patrimônio imaterial brasileiro, em 2009, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) fez uma proposta para registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Imaterial do Brasil, pedido este que foi acatado pela Câmara Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Após ter sido considerado pertinente pela Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial do IPHAN, o processo carece de um Dossiê de Registro, sendo necessária a elaboração de um Inventário Nacional, com a participação de vários pesquisadores e poetas populares de todo o Brasil, como parte principal do processo de registro.

Espera-se que com essa iniciativa, possa ser criada uma rede instituições detentoras de acervos; para a consolidação destes e de uma bibliografia temática; e ainda, a condução de ações específicas com vistas ao tombamento dos acervos de folhetos no Brasil. Desta maneira, contribuindo ainda mais para o reconhecimento da literatura de cordel como parte da memória cultural brasileira.

6 MÉTODO

Através desta pesquisa, procuramos aprofundar o estudo sobre a análise de assuntos em folhetos de cordel, visando promover a representação da literatura de cordel por meio dos procedimentos semânticos de tematização e figurativização. Para tal, desenvolvemos o que Oliveira (2007, p. 69) define como pesquisa documental, descrita por ele como aquela que se caracteriza “pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Ludke e André (1986, p.38), constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

De acordo com Dalfovo, Lana e Silveira (2008) podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

Esse tipo de pesquisa tem uma dinâmica mais voltada para os aspectos sociais, segundo Minayo (1995, p.21-22):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

É a partir do estabelecimento do método que construímos a tipologia da pesquisa, o seu contexto, corpus e procedimentos metodológicos, no caso dessa pesquisa, apoiados na semântica discursiva.

6.1 Contextualização

Os cordéis a serem analisados são de autoria de José Francisco Borges, conhecido nas artes plásticas e na literatura por J. Borges, importante poeta popular e xilogravurista pernambucano. Aclamado, no ano de 2005 como “Patrimônio Vivo de Pernambuco” (AMORIM, 2010), título concedido pelo Governo do Estado de Pernambuco a fim de reconhecer os mestres da sua cultura popular, de notório saber, reconhecidos como Patrimônio

Imaterial do Estado, que recebem este título através de um concurso público apoiado na Lei do Registro do Patrimônio Vivo (Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002).⁹

J. Borges nasceu em 1935, em Bezerros, no agreste de Pernambuco. De origem humilde, seus pais eram agricultores, trabalhou durante toda sua infância e adolescência, mal frequentou a escola, aos 12 anos teve uma passagem rápida pelo ambiente escolar, apenas dez meses, no entanto aprendeu a ler e escrever, ajudado também pela literatura de cordel, o único produto cultural e informativo que seus pais podiam pagar, já que naquela época só os mais abastados possuíam rádios e a televisão ainda não existia. Foi através do cordel que J. Borges, se encantou pela literatura, e com esse pouco estudo, aos vinte anos, começou a produzir seus cordéis (BORGES, 2007).

Tendo passado por diversos empregos, somente em 1964 J. Borges publica seu primeiro cordel, com capa ilustrada pelo Mestre Dila, de Caruaru, “*O Encontro de Dois Vaqueiros no Sertão de Petrolina*” transformou-se no seu primeiro grande sucesso. Após esse sucesso o autor resolveu fixar-se na literatura de cordel e, por ter dificuldades com questões ligadas à gravura para seus folhetos, a partir de 1965, incentivado pelo poeta popular Olegário Fernandes, decidiu também enveredar pela xilogravura, e então escreve e faz a capa de “*O verdadeiro Aviso de Frei Damião sobre os Castigos que Vêm*”, seu segundo folheto. Outros trabalhos desse período foram “*A Mulher que Vendeu o Cabelo e Visitou o Inferno*” e a “*A Chegada da Prostituta no Céu*”, que se tornaram clássicos do gênero. J. Borges possui atualmente mais de uma centena de poemas publicados (SANTOS, 2009).

Como muitos dos mestres da cultura popular, a sua fama de J. Borges ultrapassou as fronteiras da sua cidade, o poeta percorreu o mundo recebendo prêmios e participando de exposições, tendo seu trabalho reconhecido foi para a França participar da exposição itinerante “*O universo da literatura de cordel*”, na condição de principal homenageado, [...] e figurou no calendário da ONU de 2002 com a gravura “*A vida na floresta*” (AMORIM, 2010).

As obras de J. Borges são de considerável relevância, pois revela a rotina do homem do Nordeste, suas crenças, sua tradição, seu imaginário, seu folclore e a sua luta, sendo estes, elementos constitutivos da cultura e da memória de um povo.

O *locus* da pesquisa, como dito na introdução é o Memorial J. Borges, que funciona como ateliê do poeta espaço para realização de oficinas, galeria pessoal, gráfica e loja. Na

⁹ PERNAMBUCO (Estado). Lei nº 12.196, de 02 de janeiro de 2002. Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco – RPV-PE, e dá outras providências. Lei do Rpv-pe. Recife, PE, 02 jan. 2002. p. 1-3. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B2YP09QZ02hzVmxrVnpRSDNCWDg/view>>. Acesso em: 31 jun. 2015.

galeria pessoal estão expostas obras a respeito de sua vida e produção (a maioria esgotada) e matrizes originais de diversas de suas obras. Na loja, estão disponíveis para a venda (empacotados em blocos nas estantes) cordéis de sua autoria e de outros poetas (produzidos na gráfica do próprio Memorial), xilogravuras, matrizes de madeira, quadros, camisetas e postais. Além de objetos vendidos como souvenirs: imagens gravadas em azulejos, porta-lápis, caixas, canecas, e outros objetos ilustrados com suas gravuras.

J. Borges publicou mais de 295 títulos diferentes de folhetos de cordel¹⁰, dos mais variados temas, incluindo cordéis produzidos por encomenda que geralmente tem como foco campanhas eleitorais, histórias de casamento e louvações de personagens e empresas.

O Memorial tem características de local de trabalho e comércio, não se configurando como um lugar de memória¹¹, e por essa razão os mais de 295 títulos de autoria do poeta não estavam disponíveis no local, no entanto, foram localizados 48 títulos diferentes de autoria de J. Borges, para formar o *corpus* da pesquisa foram escolhidos 10 títulos.

6.2 *Corpus* da Pesquisa

Barthes (1967 *apud* BAUER; AARTS, 2002, p. 44) define *corpus* como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar”.

Em concordância, Bauer e Aarts (2002), definem que o *corpus* de um tema é composto pelos materiais identificados como fontes importantes para que o aluno/pesquisador possa fundamentar seu texto, adequando ao caráter científico necessário à sua monografia.

Dos 48 títulos de cordéis de autoria de J. Borges disponíveis no Memorial, foram escolhidas para análise 10 obras, o critério para a escolha desses folhetos foi estabelecido a partir das obras mais citadas do autor, nos diferentes meios de comunicação, tanto científica (artigos de periódicos, teses, dissertações, etc.) como não-científicas (entrevistas, vídeos documentários, etc.).

Para melhor ilustrarmos onde as obras foram mencionadas, elaboramos o quadro a seguir com o título dos folhetos e os autores que o mencionaram.

¹⁰J. Borges. Direção de Mauricio Corrêa da Silva. Bezerros: 3 Brasis Comunicação Cultural, 2002. (23 min.), son., color. Série mestres. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KhHMut4xFIo>>. Acesso em: 25 set. 2015.

¹¹ Pierre Nora (1993, p.15)

Quadro 5 - Autores que mencionam J. Borges

TÍTULOS	AUTORES
A chegada da prostituta no céu	REBOULET, 2012; CALDAS, 2003; VIEIRA, 2015; MARCHIORO, 2014; SILVA, 2008; OLIVEIRA, 2011; CORDEL, 2013; SANTOS, 2014; BORGES e COIMBRA, 1993, ALBUQUERQUE, 2011.
A moça que dançou depois de morta	MARCHIORO, 2014; MARQUES, 2011; SILVA, 2008; BORGES e COIMBRA, 1993
A filosofia do peido	CALDAS, 2003; ALBUQUERQUE, 2011; BORGES, 2007
A mulher que botou o diabo na garrafa	SILVA, 2008; BIÃO, 2009; OLIVEIRA, 2011
A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas	BORGES e COIMBRA, 1993
Nazaré e Damião: o triunfo do amor entre a vingança e a morte	SILVA, 2008; BORGES e COIMBRA, 1993
Conselhos de frei Damião em favor da humanidade	ALBUQUERQUE, 2011; SANTOS, 2014
O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno	MARCHIORO, 2014; SILVA, 2008; SALLES, 2002; BORGES e COIMBRA, 1993
O encontro de Pinto do Monteiro com zé Limeira no céu	SANTOS, 2014
O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem	SANTOS, 2014; CORDEL, 2013; NEIVA, 2006; BORGES, 2007; CLADAS, 2003; BORGES; COIMBRA, 1993.

Fonte: (Dados da pesquisa).

Dessa forma, por considerarmos a importância dessas citações, dado o enfoque direto dado por elas à obra de J. Borges, delimitamos o corpus da pesquisa, tornando-a executável e ao mesmo pertinente para contribuir nas pesquisas relacionadas à análise de assuntos em folhetos de cordel.

Assim, o *corpus* dessa pesquisa foi constituído por 10 folhetos de cordel de autoria de J. Borges disponíveis no Memorial J. Borges a saber:

- a) A chegada da prostituta no céu;
- b) A filosofia do peido;
- c) A moça que dançou depois de morta;
- d) A mulher que botou o diabo na garrafa;
- e) A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas;
- f) Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade;
- g) Nazaré e Damião, o triunfo do amor entre a vingança e a morte;
- h) O encontro de Pinto do Monteiro com Zé Limeira no céu;

- i) O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno;
- j) O verdadeiro aviso de Frei Damião.

6.3 Procedimentos Metodológicos

Fiorin (2006, p. 13) expressa que a semântica se define, como “estudo do significado” ou “teoria da significação”. Dessa maneira, considerando a assertiva de Guedes (2009) que avalia que

[...] a semântica discursiva baseia-se na análise do percurso de encadeamento figurativo e temático recorrentes no texto, permite analisar de forma mais abrangente o conteúdo da obra, possibilitando maiores referenciais ao profissional quanto à proposição do tema final, englobando na análise, maiores referenciais quanto ao contexto da obra.

Na semântica discursiva “examinam-se os temas, as figuras e as isotopias, elementos que concretizam as estruturas do nível anterior (o narrativo)” (LARA; MATTE, 2009, p. 69).

Podemos afirmar que a semântica discursiva se configura como ideal para a representação em textos em verso, pois é na discursivização que se comprovam os temas e figuras abordados no texto. Albuquerque (2011, p. 35) afirma que “A semântica discursiva tem como componente a tematização – elementos abstratos presentes no texto – e a figurativização – elementos concretos presentes no texto – que dão concretude ao tema”.

Através das figuras encontramos os temas, visto que as figuras estão em função dos temas que, apesar de serem concretos, são representados por ideias abstratas. Para Bertrand (2003, p.213) “a tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus elementos e uni-los num campo de valores cognitivos ou passionais”.

Algumas características inerentes à tematização e a figurativização são primordiais para a execução da análise realizada, como podemos observar na figura abaixo, na qual Gaudêncio (2014, p. 94) elenca os aspectos comparativos entre as características de figuras e temas.

Quadro 6 – Características das figuras e dos temas

FIGURAS	TEMAS
Elementos concretos presentes no texto. São as palavras ou expressões que correspondem a algo no mundo natural.	Elementos abstratos presente no texto. São as palavras ou expressões que não correspondem a algo no mundo natural.

É a palavra concreta presente no texto. Criado pelo autor da obra.	Criado pelo indexador, analista da obra a partir das figuras levantadas.
Não podem ser nomes próprios.	Não pode ser verbo. São substantivos adjetivados.
Linguagem natural	Linguagem artificial

Fonte: (GAUDÊNCIO, 2014, p. 94)

Ao analisarmos o quadro, percebemos que o percurso temático e figurativo contido na semântica discursiva, objetiva diminuir a subjetividade do texto, dessa maneira, contribui para a análise de assuntos de folhetos de cordel, sugerindo uma nova maneira de tratar o conteúdo desse material na Ciência da Informação.

A análise dos cordéis foi realizada de acordo com os passos a seguir identificados e visualizada através de quadros:

- 1) leitura integral dos cordéis;
- 2) identificação das figuras;
- 3) reprodução da sextilha, sétima ou décima onde a figura foi identificada, no quadro referente à obra;
- 4) enquadramento da figura ao tema pertinente.

Após a identificação dos folhetos a serem analisados, com base nos critérios descritos no quadro 6, as figuras foram analisadas sob a perspectiva da semântica discursiva. Para Fiorin e Savioli (1990, p. 72), as figuras

[...]são palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas[...]. Quando falamos em mundo natural, não estamos querendo dizer apenas o mundo realmente existente, mas também os mundos fictícios criados pela imaginação humana. Se imaginarmos um mundo em que as flores sejam de pedra, isso será também uma figura.

Nessa etapa, os elementos em linguagem natural e concretos do texto foram separados, a fim de levar a compreensão dos temas dos folhetos analisados. Para ampliar o escopo da

pesquisa, as sextilhas¹² e, setilhas¹³ e as décimas¹⁴ dos cordéis foram consideradas como macroestruturas a serem analisadas.

Os temas foram identificados por meio da tematização, que para Fiorin e Savioli (1990, p. 72) “são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que organizam, categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos. Por exemplo, humanidade, idealizar, privação, feliz, necessidade”. Nessa etapa, após a identificação e análise da figura, chegamos aos temas, estes por sua vez, tratam dos conteúdos dos folhetos analisados.

¹² Luyten (2007) ressalta que 80% dos cordéis vêm em forma de sextilha, assim chamada a estrofe ou estância de seis versos, seguindo o esquema ABCBDB (2º, 4º e 6º versos rimados).

¹³ Estrofes de sete versos de sete sílabas, criadas por José Galdino da Silva Duda, 1866 - 1931. (SILVA, 2005).

¹⁴ Estrofe de dez versos, com dez ou sete sílabas, cujo esquema de rimas, é geralmente, ABBAACDDC, é empregada, sobretudo na glosa dos motes, embora se use igualmente nas pelejas e, com menos frequência, no corpo dos romances. (MOTA, 2012).

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são expostas as análises dos folhetos utilizados na pesquisa, obtida através da metodologia, caracterizando uma abordagem qualitativa e indutiva. Os dados coletados foram submetidos à análise através da metodologia proposta por Albuquerque (2011) que estabelece em sua pesquisa, um mapa conceitual para cada classe temática identificada no âmbito da literatura de cordel, identificando as figuras e os temas.

A análise foi desenvolvida em dois momentos, onde o primeiro apresenta a leitura integral dos cordéis, a identificação das figuras e a reprodução da sextilha, sétima ou décima onde a figura foi identificada, no quadro referente à obra; e o segundo apresenta o enquadramento da figura ao tema pertinente.

7.1 Primeiro Momento da Análise

A seguir apresentaremos uma análise de cada cordel, trazendo um breve comentário (resumo da obra) e posteriormente, enfatizando através de um quadro, as sextilhas ou as décimas que trazem as figuras mais representativas, para depois relacioná-las aos temas ressaltando que as figuras orientam a escolha do tema que, por sua vez, atuam como descritores de assunto.

Para a identificação das figuras foi feita uma leitura integral dos folhetos com base na figurativização, observando as características necessárias para a extração de figuras: palavras e expressões que correspondem ao mundo natural, elementos concretos presentes no texto, palavras criadas pelo autor da obra, palavras que não são nomes próprios e em linguagem natural.

Para Cavalcanti (1978, p. 16), Linguagem Natural é: “Formada pela reunião de sinais utilizados e reconhecidos facilmente pelo homem. A fala, os olhares, a palavra escrita, por exemplo, são tipos de sinais empregados pelo homem para se comunicar com outro homem e para expressar suas ideias”. Cada um dos cordéis analisados será apresentado nas subseções a seguir.

7.1.1 Figurativização da obra: A filosofia do peido.

A obra é uma narrativa de anedotas a respeito do peido e das situações satirizadas que o envolvem. O cordel é composto por 30 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 7 – Sextilhas e figuras da obra “A filosofia do peido”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
Vários poetas escreveram o valor que o peido tem eu achei muito engraçado o peido é feito um trem tanto apita como ronca na hora que o peido vem	Engraçado	O peido é um desabafo para quem está empachado alivia o intestino deixa o cara aliviado mas pra quem recebe o bafo fica mais que enjoado	Bafo
Tem peido que fedo tanto que é de pedir socorro numa sala com muita gente quando ele fumaça o forro e sempre quem leva a culpa é um menino ou um cachorro	Fede	O peido dentro da água num poço ou numa piscina forma bolhas e vai a tona ninguém sente a fedentina fica a água poluída mas ninguém sente ruína	Fedentina
Num ônibus cheio de gente quando ele sai fedorento sai quente e se espalha com o calor do assento se o ônibus for fechado a catinga é cem por cento	Fedorento Catinga	O homem reclama menos a mulher reclama mais mais devido a amizade não fica ninguém voraz balança o lençol ligeiro a catinga se desfaz	Catinga
Tem gente que come muito e a noite vai para missa e no salão da igreja quando ali se espreguiça o peido sai apertado fedendo feito carniça	Fedendo	O peido é oportunista sempre sai numa risada num espirro ou numa tosse ou numa força puxada num salto ou numa côlega sempre ele vem na parada	Risada

Fonte: (A filosofia do peido).

7.1.2 Figurativização da obra: A chegada da prostituta no céu.

A obra é uma história satírica que envolve prostituição e religiosidade, onde uma prostituta “que todo mundo acredita que vai para o inferno foi parar no céu”. Borges (1985, p. 3). O cordel é composto por 31 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 8 – Sextilhas e figuras da obra “A chegada da prostituta no céu”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
---------------------	---------	---------------------	---------

Sabemos que a prostituta é também um ser humano que por uma ilusão fraquesa ou desengano o seu viver é volúvel sempre abraça ao engano	Prostituta Volúvel	Depois disso a prostituta foi fazendo o que bem quis botou gaia em São Pedro namorou com São Luiz tirou sarro com São Bento no beco do chafariz	Prostituta Tirou sarro
Vive metida em orgia e cheia de vaidade é raro uma que trabalha e usa honestidade por isso fica odiada perante a sociedade	Orgia	E não quis Santo Oscar por ser barbudo demais deixou ele na espera e foi dormir com São Brás Santo Oscar quando acordou falou e bem voraz	Foi dormir
Mas na carreira que iam o diabo e a prostituta passaram no purgatório e no sindicato das putas e lá no portão do céu foi que começou a luta	Prostituta Sindicato das putas	Disse ele: Hoje mesmo antes de tomar café eu vou contar a Jesus essa puta como é depois da sua chegada o céu virou cabaré	Cabaré
Perante a sociedade ela é marginalizada existe umas mais calmas e outras mais depravadas e quem tem mais ódio delas é a própria mulher casada	Depravadas	Mesmo com as prostitutas vive cheio de tarado correndo atrás das moças e mulher de homem casado se não houvesse prostituta qual seria o resultado?	Prostitutas
E entrou de braço dado com a mulherzinha singela com uma perna furada mas São Pedro tratou dela e deu apoio a prostituta que ninguém bulia nela	Prostituta	Aqui termino o livrinho em favor da prostituta para vender aos homens a rapaz, a corno e puta pessoas de baixo porte e a os de boa conduta	Prostituta

Fonte: (A chegada da prostituta no céu).

7.1.3 Figurativização da obra: O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu.

A obra descreve o encontro de dois cantadores no céu, onde estes são desafiados pelos demais moradores do firmamento a fazerem um desafio (como é chamado o duelo entre dois cantadores). Nesse desafio, os cantadores falam das suas experiências de vida. O cordel é composto por 6 sextilhas e 19 décimas e serão apresentadas aqui as sextilhas e as décimas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 9 – Sextilhas, décimas e figuras da obra “O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	DÉCIMAS DO CORDEL	FIGURAS
---------------------	---------	-------------------	---------

Zé Limeira perguntou e os companheiros vivos que estão fazendo lá com seus versos positivos Pinto disse então cantando e das violas cativos	Cantando	P- você não é cantador nem no céu nem na terra só canta falando em guerra não tem grau superior parece não ter amor com respeito a poesia valei-me a Virgem Maria hoje estou no paraíso mas não perdi o juízo de cantador que canta e cria	Canta
Juntaram-se os poetas Com Inácio da catingueira Zé Duda Dalvino Lima e Severino Ferreira pediram um desafio de pinto com Zé Limeira	Desafio	P- Hoje eu canto contigo igual eu cantei na terra em baixo do pé de serra todos cantavam comigo procurei ser bom amigo nos lugares que andei e nas casas que cantei sempre fiz muita amizade hoje só resta a saudade que para o povo eu deixei	Canto
Pinto disse agora mesmo pra isso eu tenho cachola vamos cantar um duelo sem mulher e sem viola só quero que o colega melhore sua bitola	Duelo	P- vou encerrar a cantiga estou um pouco cansado mas lhe faço convidado para termos outra briga de versos sem ter fadiga com amor a cantoria vamos cantar outro dia com calma e perseverança e daqui eu mando lembranças aos amantes da poesia	Briga de versos

Fonte: (O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu).

7.1.4 Figurativização da obra: Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte.

A obra é um romance que conta a história de um casal que vence a morte, a maldade e a vingança, para juntos viverem um grande amor. O cordel é composto por 154 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 10 – Sextilhas e figuras da obra “Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
Leitores vamos ouvir um romance de terror nele se vê as bravuras	Amor	Tenório fitou a moça já um tanto enfurecido ela disse: Deus me livre	Deus me livre

de um rapaz lutador arriscando a própria vida pra defender seu amor		ter o senhor como marido e mesmo o senhor deixou meu pai morto e estendido	
Na casa do tal Tenório tinha uma velha empregada tornou-se amiga da pobre vendo-a em prantos banhado disse tenha paciência que por mim és amparada	Prantos	Aí todos se abraçaram pelo reconhecimento Damião deu logo um beijo em Nazaré no momento disse: Não és minha irmã me aceite em casamento	Casamento
Regina disse: Maria eu sinto teu sufrimento não da teu saber ao povo espera pelo momento te defende de Tenório que ele é sangrento	Sufrimento	Ela disse: Agora mesmo te amo de coração mas é preciso você ter muita disposição pra enfrentar meu pai na grande revolução	Te amo
Deixo eles trabalhando volto a falar do bandido Tenório que ali era o cabra mais atrevido ficou mordido de raiva vendo que havia perdido	Raiva	Ela aí disse: Pai estou amando Damião Quando eu soube que ele não é nem foi meu irmã eu fiquei gostando dele prometi-lhe o coração	Amando
Damião naquela noite dormiu um sono inocente junto com uma criada em um quarto independente se acordando chorou de comover toda a gente	Chorou	O Damião escorou-se na parede da morada defronte o quarto que a moça estava há dias trancada só ouvi-la a soluçando ele aumentou a brigada	Soluçando
A mocinha disse a ele sai da minha tenção nunca casarei contigo não é seu meu coração e outra mais eu não caso com meu pai de criação	Nunca	Juntinho com Nazaré Ficou Damião contente Beijou ela sorridente O anjo de sua fé Reinava muita alegria Guardada em seu coração E de seus pais (de bênção) Se lembrava todo dia.	Juntinho

Fonte: (Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte).

7.1.5 Figurativização da obra: O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem.

A obra reúne trechos dos sermões do Frei Damião, onde o beato anuncia profecias e recomendações, e relata os castigos que serão impostos aos cidadãos sem virtude. O cordel é composto por 32 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 11 – Sextilhas e figuras da obra “O aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
E um aviso a vocês que Frei Damião mandou versado neste papel um bom romance formou quem não tiver apressado preste atenção com cuidado que apresenta-lo eu vou	Aviso	Do jeito que o mundo vai só Deus pode nos valer e parte do povo esquece de Deus o Santo poder agora convidado os meus vamos pedir força a Deus para todos nós vencer	Nos valer
Subiu ao céu e disse façam o caminho do bem sigam os 10 mandamentos que as tábuas de Moisés tem não causará prejuízos que o dia de juízo demora muito mais vem	Façam Sigam	Portanto peço a vocês que não encare o dinheiro que dar numa profecia pra também ser bom romeiro tem a salvação por certo e acha o caminho perto quem for para o Juazeiro	Profecia Salvação
Pra cada país do mundo deixou ele um conselheiro e para nosso Brasil veio ao Santo Juazeiro o padre Cícero Romão morreu e Frei Damião assumiu bem prazenteiro	Conselheiro	Aqui se despede o frade o conselheiro do bem envia esta oração e este aviso também segue gratuitamente bote na porta da frente pra se livrar do que vem	Aviso
Daqui pra 79 nesta hera que seguimos vamos pedir a Jesus mais do que nós já pedimos pra que mude as profecias que vamos ver nesses dias coisas que nós nunca vimos	Profecias	Segue a oração também que todos podem usar escrita no Juazeiro pra do mal nós se livrar só não compra estando liso recebe mais um aviso Frei Damião mandou dar.	Aviso

Fonte: (O aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem).

7.1.6 Figurativização da obra: Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade.

A obra descreve novos conselhos do frade capuchinho para a salvação de todos os católicos. O cordel é composto por 24 setilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 12 – Setilhas e figuras da obra “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”.

SETILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SETILHAS DO CORDEL	FIGURAS
Meus caros leitores, ouçam esta nova profecia falando diretamente na corrupção de hoje em dia os tempos se aproximando	Profecia	Aconselho ao bom filho para não ir de encontro aos pais não desobedeça as ordens dos conselhos paternais	Deus

e Frei Damião avisando aos filhos de Maria		a seus pais não façam guerra sendo bom filho na terra Deus lhe ajudará mais	
Aqui eu peço a vocês que perante a mim estão para ouvirem os conselhos do frade Frei Damião é quem pode aconselhar porque está no lugar do Padre Cícero Romão	Conselhos	Em nome de Deus eterno Frei Damião está pedindo em nome do Padre Cícero que o povo vá seguindo a santa religião que terá a salvação quando Jesus for bem vindo	Salvação
Para quem vive conflito ele aqui manda avisar a todos que são católicos e pretende se salvar que olhai para frente porque a era presente é ruim de atravessar	Salvar	Leitores estes conselhos ninguém deixa de tomar os tempos se aproximando vamos cuidar de rezar com a fé no coração que padrinho Cícero Romão não deixa a gente penar	Conselhos

Fonte: (Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade).

7.1.7 Figuratização da obra: A moça que dançou depois de morta.

A obra narra uma história mal-assombrada de uma moça que morreu por seus excessos e por não obedecer aos seus pais, que no carnaval encontra um rapaz, se diverte com ele e no fim da noite a deixa em casa. No dia seguinte ele volta na casa da moça e descobre que ela havia morrido meses antes do seu encontro. O cordel é composto por 38 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 13 – Sextilhas e figuras da obra “A moça que dançou depois de morta”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
Até que um certo dia esta moça faleceu sua mãe muito chorou pela filha que perdeu e os vizinhos lamentando pelo que aconteceu	Faleceu	Disse a mulher chorando a minha filha Corina há muito tempo que é morta pela sorte ou pela sina e a dor que sinto por ela o senhor não imagina	Chorando Dor
A sua mãe lamentava cheia de dor e saudade perdi minha filhinha no vigor da mocidade Deus que tome conta dela na santa eternidade	Lamentava	Disse ela tenho um retrato de Corina ainda nova o rapaz reconheceu e disse a foto me prova e se é que ela morreu eu quero ver sua cova	Cova
Ampliou um seu retrato e na parede botou		Disse a mulher ao moço isso só sendo um mistério	Mistério

lamentava a grande perda da filha que não tomou conselho de pai e mãe e tão nova se acabou		eu vou levar o senhor agora no cemitério e provar que minha filha vive no campo funério	
No sonho ele dizia: meu Deus aonde eu estou? a caveira gargalhando lhe beijou lhe apertou e lhe disse: eu já sou morta e o véio agora dançou.	Caveira	E saiu com o rapaz na catacumba chegou o isqueiro o rádio e a capa ele logo avistou ficou pasmado sem fala e pra falar demorou	Pasmado sem fala
Chegando lá parou o carro e bem forte bateu palma foi saindo uma senhora disse: moço tenha calma ele disse: cadê Corina? Disse ela: Só tem a alma	Alma	O rapaz ficou tristonho e isso nunca esqueceu e o povo todo falando do caso que aconteceu e a moça desde esse dia nunca mais apareceu	Tristonho

Fonte: (A moça que dançou depois de morta).

7.1.8 Figurativização da obra: O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno.

O texto recrimina as mulheres que vendiam seus cabelos (prática comum no sertão e no agreste em meados da década de 60, quando o folheto foi escrito). O autor, a partir de um olhar patriarcal e católico, utiliza a figura do diabo para atribuir caráter negativo à figura feminina. O cordel é composto por 30 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 14 – Sextilhas e figuras da obra “O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
E continuou doente abalaram a medicina todo remédio era contra e aumentando a ruína em quinze dias morreu para cumprir sua sina	Morreu	Vi um diabo cotó com um gancho de ferro quente botando o negociante pra dentro da chama ardente porque quando era vivo não pensava honestamente	Chama ardente
Assim que ela morreu deram logo andamento compraram um caixão funerário com todo seu ornamento e no outro dia cedo foi o seu sepultamento	Sepultamento	Homem que espanca mulher o castigo é horroroso vi a alma de um assassino em um fogo temeroso e ladrão comendo ferro quente com ponche amargoso	Castigo

E o viúvo ficou tristonhamente chorando e tinha horas que ele continuava pensando que talvez pelo cabelo ela estivesse pensando	Tristonhamente	Vi um ladrão de galinha bebendo um caldo quente moça de unha pintada arrancando prego de dente mulher que faz sobancelha sofrendo na chama ardente	Sofrendo
E com três dias depois ela em sonho lhe apareceu disse a ele me perdoe não tomei conselho seu já visitei o inferno e conto o que aconteceu	Apareceu	A mulher que vende os cabelos para fazerem peruca quando chega no inferno o satanás lhe cutuca eu por vender os meus hoje estou nesta arapuca	Cutuca
La eu vi tantos horrores que faz medo até dizer vi mulher falsa ao marido em fogo se derreter e os cabeludos em fila pra dançar o iê iê iê	Horrores	Aqui vou me retirando portanto esteja avisado nisto o homem despertou completamente assombrado sentindo ouvir a voz da sua esposa a seu lado	Assombrado

Fonte: (O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno).

7.1.9 Figurativização da obra: A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas.

Na obra se desenrola um “drama de corrupção” baseado na história de uma mulher vampiro que pune as pessoas que agem de má fé, que tem atitudes duvidosas e principalmente mulheres que se vestem de maneira provocativa. O cordel é composto por 32 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 15 – Sextilhas e figuras da obra “A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
Vou contar para vocês um caso que me refiro um drama de corrupção que isto muito admiro muita gente assassinada por uma mulher vampiro	Corrupção	Vou sagrar gente ruim que vive de anarquia mulher que vende o cabelo moça que vive em folia cabra que rouba no peso encontro com ele um dia	Rouba
Ela sempre diz assim ando em toda região visitou todas cidades da praia para o Sertão sangrando gente ruim que vive na corrupção	Corrupção	Protestante e pistoleiro não importa que se zangue mulher falsa e fofoqueira puxo pra dentro do mangue só solto quando tirar o último pingo de sangue	Fofoqueira
Eu mesmo como poeta já fiz minha obrigação de avisar ao povo	Corrupção	Vou pegar moça fogosa que não respeitam seus pais tiro o sangue que tiver	Ladrão

que se livre da aflição e as mulheres que usam os vestes da corrupção		levo para satanás ladrao de bolso e galinha desses eu gosto de mais	
Quem vende leite com água na minha volta se atola que as criancinhas comem e o leite não consola sangro ele e depois sangro o fiscal que come bola	Come bola	Muitas mulheres que usam vestido quem é o Pai pra que me deixou assim com a moda se distrai seu doutor ajeita ai de qualquer maneira vai	Moda
O sargento lhe falou quem é que você ajeita ela disse as mulheres que o marido não respeita as que usam frente única comigo se indireita	Frente única		

Fonte: (A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas).

7.1.10 Figurativização da obra: A mulher que botou o diabo na garrafa.

A obra conta a história de uma mulher maltratada pelo marido ciumento, que conseguiu engarrafar um demônio após ganhar uma aposta que fez com ele. O folheto faz uma ilusória crítica ao machismo, contudo apresenta a mulher como um ser diabólico, capaz de não só enganar o diabo como também a seu marido. O cordel é composto por 32 sextilhas e serão apresentadas aqui as sextilhas que exibem as figuras que mais se relacionam com o texto.

Quadro 16 – Sextilhas e figuras da obra “A mulher que botou o diabo na garrafa”.

SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS	SEXTILHAS DO CORDEL	FIGURAS
Havia lá no Sertão uma mulher bem casada com um homem ciumento desse que não vale nada desses machão que nunca deixa a mulher sussegada	Ciumento	Mas para isso é preciso eu ir contigo morar eu estando em tua casa você pode viajar e garanto que não deixo sua mulher namorar	Namorar
A mulher era fiel mas ele à tocaiva brigava sempre com ela ela chorando jurava mas de toda forma ele na mulher não confiava	Fiel	O homem abraçou ela e entrou em seu aposento a cabeça cheia de galha tinha até chifre cinzento mas é isso que merece o homem que é ciumento	Chifre Ciumento
Até que chegou um ponto dele espancar ela um dia ela apanhando e dizendo que aquilo não merecia e era de chegar a hora	Espancar	Foi essa mulher que botou o diabo na garrafa nos cabelos do marido não entra pente nem marrafa hoje é cornio chaleira	Cornio

que ela se vingaria		que aguentou chifre e abafa	
---------------------	--	-----------------------------	--

Fonte: (A mulher que botou o diabo na garrafa).

7.2 Segundo Momento da Análise

Para a identificação dos temas foram observadas as características necessárias para a sua extração: palavras e expressões que não correspondem ao mundo natural, elementos abstratos presentes no texto, palavras criadas a partir das figuras levantadas, palavras que sejam substantivos adjetivados e em linguagem artificial.

Criada pela humanidade para tornar a comunicação mais viável de acordo com o seu uso, a linguagem artificial representa bem o conceito de linguagem documentária, já que, por ser cunhada por humanos, a linguagem documentária se configura como uma linguagem artificial.

As linguagens documentárias, de acordo com Cintra et. al. (2002, p. 33),

[...] são linguagens construídas para a recuperação da informação, são linguagens de indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a traduzir os conteúdos dos documentos.

Embora os folhetos de cordel sejam diferentes dos documentos científicos padrão, por não apresentarem a maioria dos campos descritores como: resumo, introdução, sumário, apresentação, etc. Eles apresentam um título, e através dele, foi realizada uma correlação com a obra, já que o título é um dos principais pontos de apoio para especificação dos temas.

7.2.1 Tematização da Obra: A filosofia do peido.

No folheto “A filosofia do peido” o tema, como já proposto por Albuquerque (2011) em sua tese, é o **humor**, figurativizado pela palavra **engraçado**. Ainda de acordo com Albuquerque (2011, p. 279), o tema humor designa “uma forma de diversão e de comunicação humana, provocando o riso nas pessoas”.

Quadro 17 - Figuras e temas da obra “A filosofia do peido”.

FIGURAS	TEMAS
Engraçado	Humor
Fede	Odor
Fedorento	

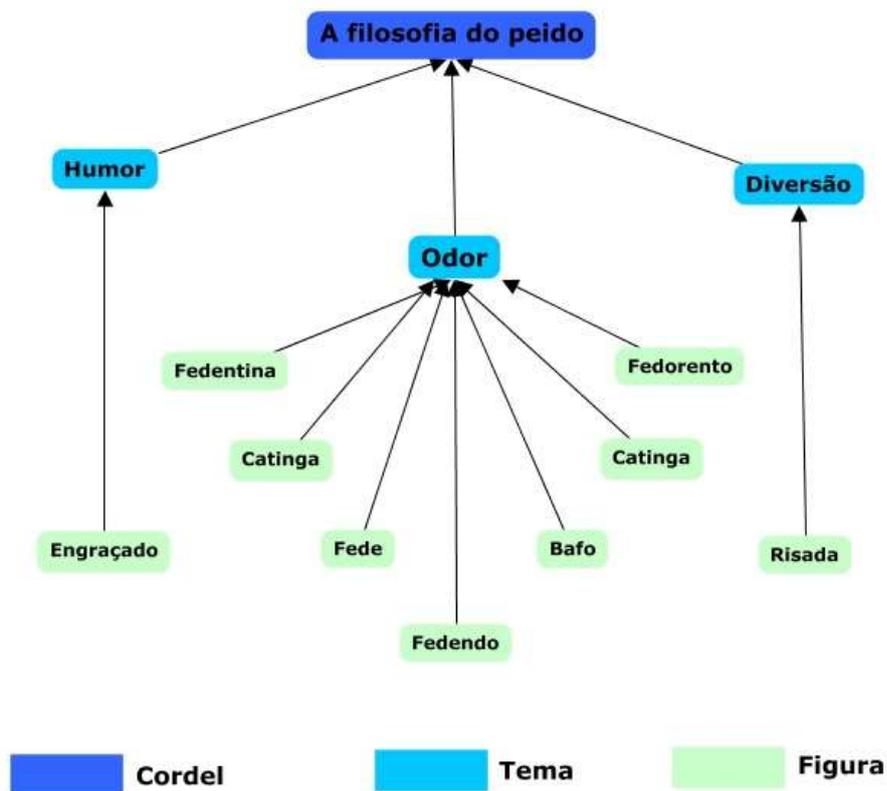
Fedendo	
Bafo	
Fedentina	
Catinga	
Risada	Diversão

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada a partir das sextilhas, surgiram outras figuras e temas como as palavras: **fedorento, fede, catinga, fedendo, bafo** e **fedentina** que figurativizam o tema **odor**, indicando o cheiro desagradável e a experiência em percebê-lo. A palavra: **risada** figurativiza o tema **diversão**, caracterizando um momento de descontração.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: humor, odor e diversão. A figura 4 apresenta o mapa conceitual do cordel A filosofia do peido.

Figura 4 – Mapa conceitual: Filosofia do peido.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.2 Tematização da Obra: A chegada da prostituta no céu.

No folheto “A chegada da prostituta no céu” o tema, como sugerido por Albuquerque (2011) é a **prostituição** figurativizado pelas figuras **cabaré**, **prostituta** e **prostitutas** e também pela expressão “**sindicato das putas**”. O tema **prostituição**, ainda conforme Albuquerque (2011, p.212), indica “troca de favores sexuais, numa relação comercial entre sexo e dinheiro”.

Quadro 18 - Figuras e temas da obra “A chegada da prostituta no céu”.

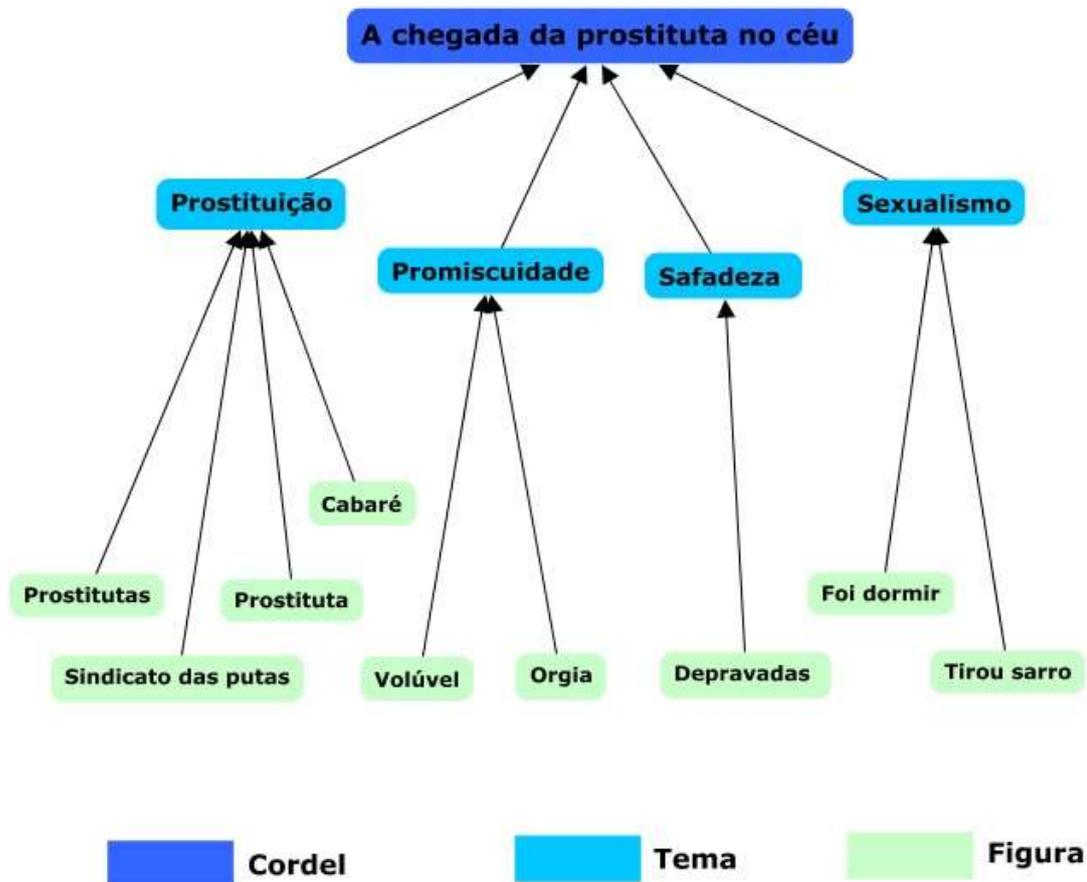
FIGURAS	TEMAS
Prostituta	Prostituição
Prostitutas	
Cabaré	
Sindicato das putas	
Volúvel	Promiscuidade
Orgia	
Depravadas	Safadeza
Tirou sarro	Sexualismo
Foi dormir	

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada com base nas sextilhas outras figuras e temas surgiram. As palavras: **volúvel** e **orgia** que figurativizam o tema **promiscuidade**, indicando um comportamento sexual libertino acentuado pela frequente troca de parceiros. As expressões: “**tirar o sarro**” e “**foi dormir**” figurativizam o tema **sexualismo**, indicando o ato sexual. A palavra: **depravada** figurativiza o tema **safadeza**, caracterizando um comportamento que indica pornografia, devassidão ou libertinagem.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Prostituição, Promiscuidade, Sexualismo e Safadeza.

Figura 5 – Mapa conceitual: A chegada da prostituta no céu.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.3 Tematização da Obra: O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu.

No folheto “O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu”, o tema é o **desafio**, figurativizado pela palavra **duelo**, caracterizando uma batalha de ideias entre duas pessoas.

Quadro 19 - Figuras e temas da obra “O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu”.

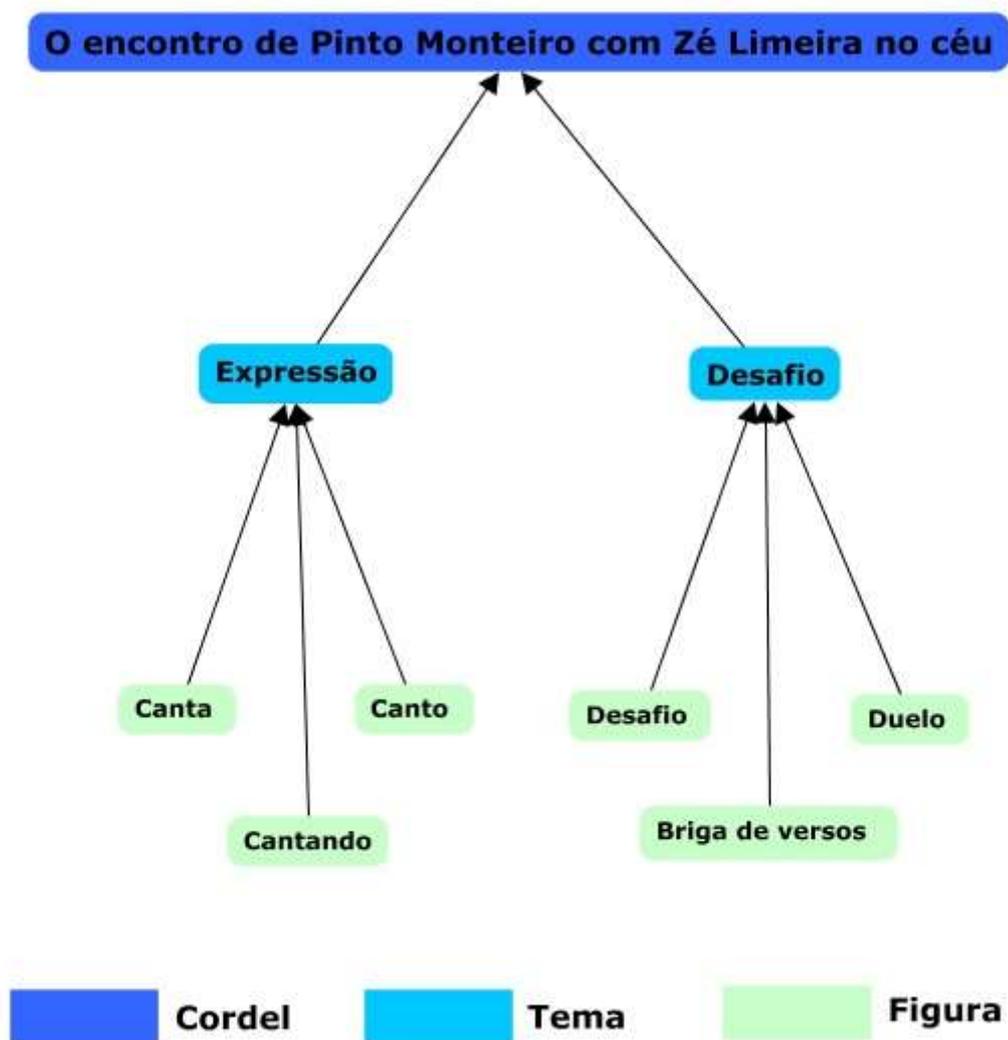
FIGURAS	TEMAS
Cantando	Expressão
Canta	
Canto	
Briga de versos	Desafio
Desafio	
Duelo	

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada com base nas sextilhas e nas décimas, outras figuras e temas surgiram. As palavras: **canta, canto e cantando** figurativizam o tema **expressão**, que, segundo Albuquerque (2011, p.234) designa a criação de versos de *repente*, caracterizada pela mistura entre poesia e música, predominante no nordeste brasileiro. As palavras: **desafio, duelo** e a expressão **briga de versos** figurativizam o tema **desafio**, caracterizando um chamado para uma competição, geralmente entre dois poetas, que envolve o improviso e o emprego de um tema.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Expressão e Desafio.

Figura 6 – Mapa conceitual: O encontro de Pinto Monteiro com Zé Limeira no céu.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.4 Tematização da Obra: Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte.

Na obra “Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte”, o tema é a **união**, figurativizado pelas palavras **casamento** e **juntinho**, o tema caracteriza o vínculo afetivo entre duas pessoas que culmina com o casamento.

Quadro 20 - Figuras e temas da obra “Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte”.

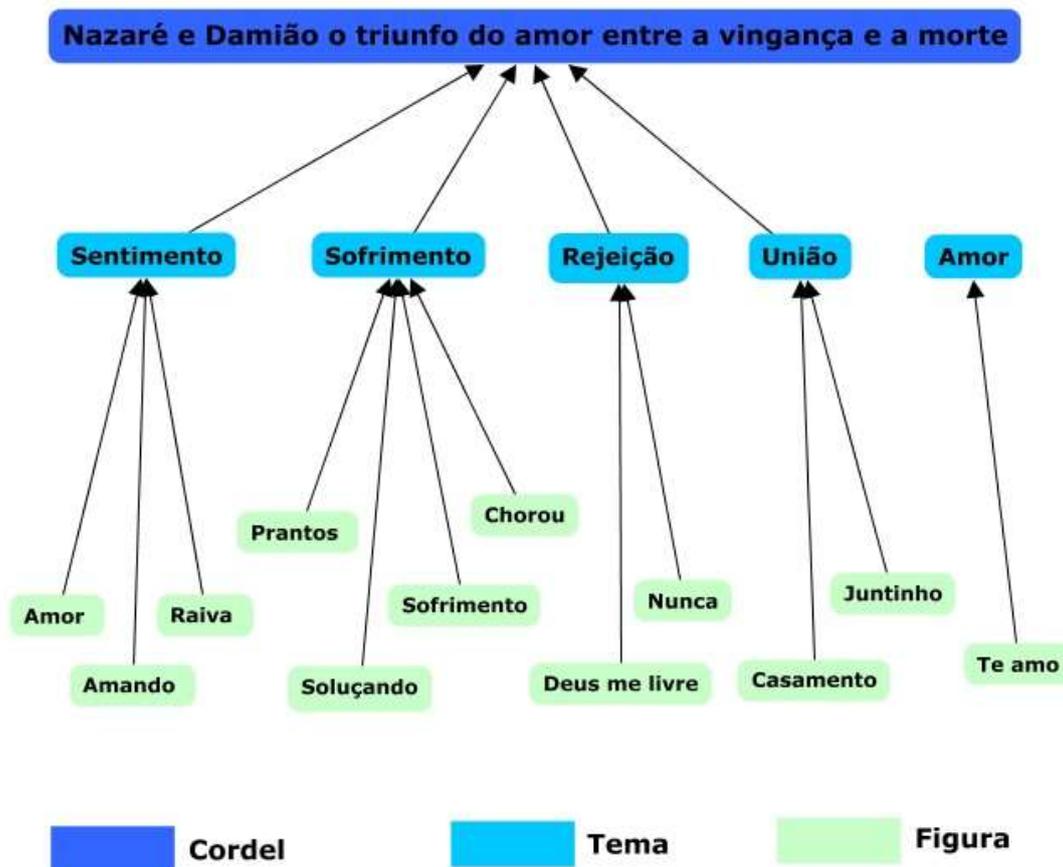
FIGURAS	TEMAS
Amor	Sentimento
Amando	
Raiva	
Prantos	Sofrimento
Sofrimento	
Chorou	
Soluçando	
Nunca	Rejeição
Deus me livre	
Casamento	União
Juntinho	
Te amo	Amor

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada a partir das sextilhas, outras figuras e temas emergiram. As palavras: **amor**, **amando** e **raiva** figurativizam o tema **sentimento**, caracterizando “estado ou condição psicológica, e suas manifestações, originadas das pulsões de afeto ou aversão” (HOUAISS, 2009). A expressão “**te amo**” figurativiza o tema **amor**, expressando a relação de afeição existente entre duas pessoas. A palavra **nunca** e a expressão “**Deus me livre**” figurativizam o tema **rejeição**, indicando a recusa de envolvimento amoroso de uma pessoa para outra. As palavras: **prantos**, **sofrimento**, **chorou** e **soluçando** figurativizam o tema **sofrimento**, caracterizando dor física, moral ou espiritual sentidas por uma pessoa

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Sentimento, Sofrimento, Rejeição, União e Amor.

Figura 7 – Mapa conceitual: Nazaré e Damião o triunfo do amor entre a vingança e a morte.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.5 Tematização da Obra: O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem.

No folheto “O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem”, o tema é o **aconselhamento**, figurativizado pelas palavras **aviso, façam, sigam e conselheiro**, o tema caracteriza a orientação de um indivíduo com o intuito de precaver ou resolver desvios ou problemas.

Quadro 21 - Figuras e temas da obra “O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem”.

FIGURAS	TEMAS
Aviso	Aconselhamento
Façam	
Sigam	
Conselheiro	
Profecias	Profecias
Profecia	
Nos valer	

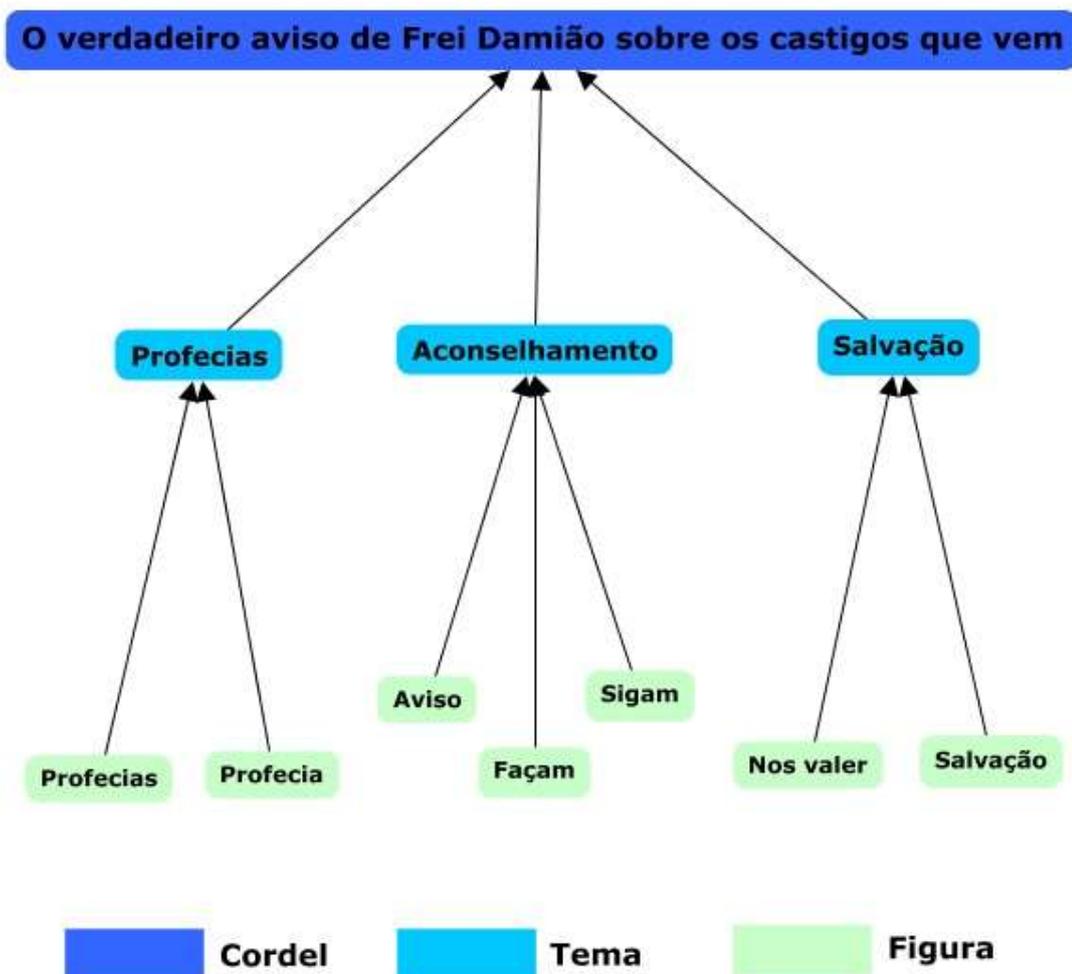
Salvação	Salvação
----------	----------

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada com base nas sextilhas, outras figuras e temas surgiram. As palavras: **profecias** e **profecia** figurativizam o tema **profecia**, designando um presságio de inspiração divina no qual pode se revelar o futuro. A palavra **salvação** e a expressão “**nos valer**” figurativizam o tema **salvação**, caracterizando a redenção ofertada por Deus ao homem que se arrepende dos seus pecados.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Aconselhamento, Profecia e Salvação.

Figura 8 – Mapa conceitual: O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.6 Tematização da Obra: Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade.

No folheto “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”, o tema é o **aconselhamento**, figurativizado pela palavra **conselhos**, o tema caracteriza a orientação de um indivíduo com o intuito de precaver ou resolver desvios ou problemas.

Quadro 22 - Figuras e temas da obra “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”.

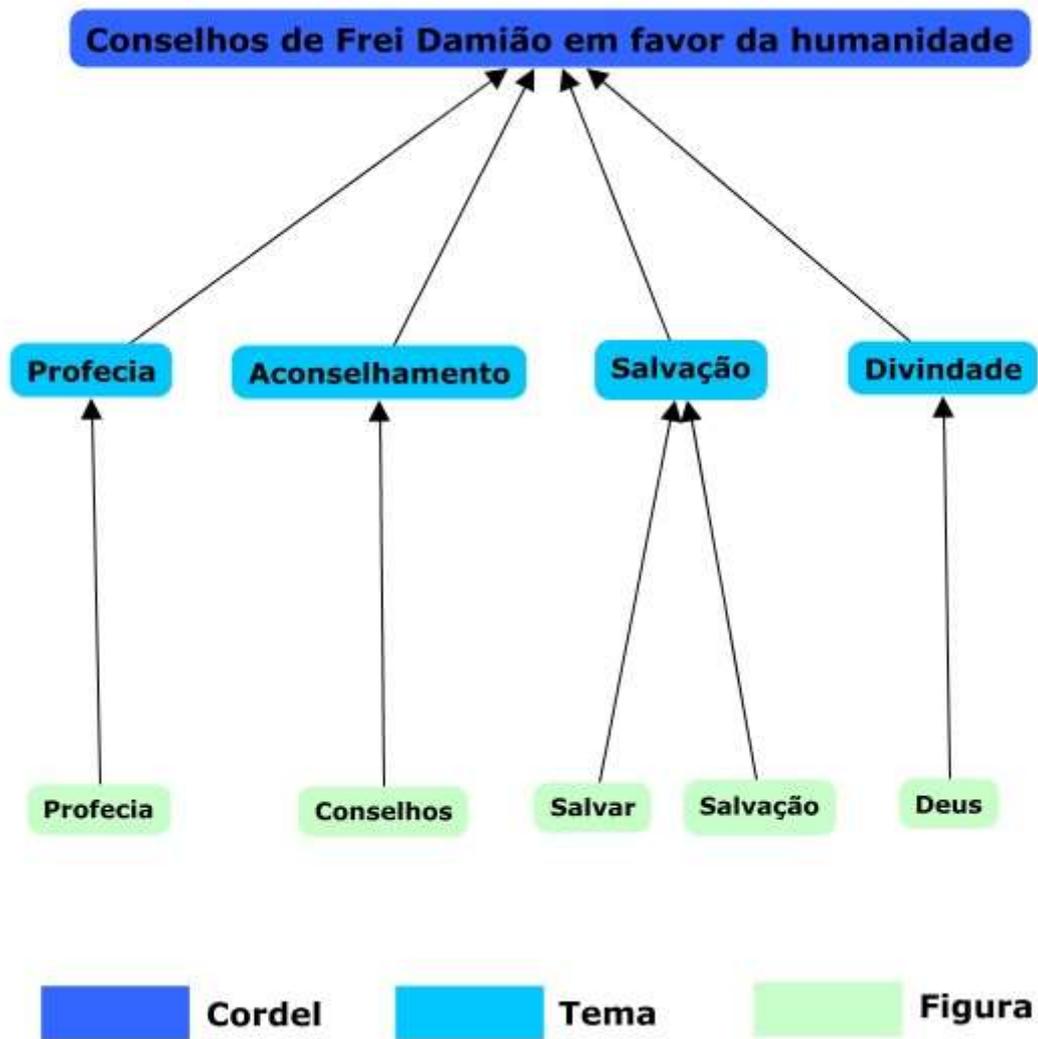
FIGURAS	TEMAS
Profecia	Profecia
Conselhos	Aconselhamento
Salvar	Salvação
Salvação	
Deus	Divindade

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada com base nas setilhas, outras figuras e temas surgiram. As palavras: **salvar** e **salvação** figurativizam o tema **salvação**, caracterizando a redenção ofertada por Deus ao homem que se arrepende dos seus pecados. A palavra **Deus** figurativiza o tema **divindade**, designando um ser com a qualidade de divino, que é adorado pelo homem por ter uma essência perfeita, sagrada; que não pode ser visto, mas segundo os que acreditam em sua existência, pode ser sentido. A palavra **profecia** figurativiza o tema **profecia**, designando um presságio de inspiração divina no qual pode se revelar o futuro.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Aconselhamento, Salvação, Divindade e Profecia.

Figura 9 – Mapa conceitual: Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.7 Tematização da Obra: A moça que dançou de pois de morta.

Na obra “A moça que dançou depois de morta”, o tema é **assombração**, figurativizado pela palavra **caveira** e pela expressão: “**pasmado sem fala**”, o tema caracteriza o medo gerado por algo que não se pode explicar, como o surgimento de seres etéreos ou fantásticos.

Quadro 23 - Figuras e temas da obra “A moça que dançou depois de morta”.

FIGURAS	TEMAS
Faleceu	Morte
Cova	
Lamentava	Sofrimento
Chorando	
Dor	

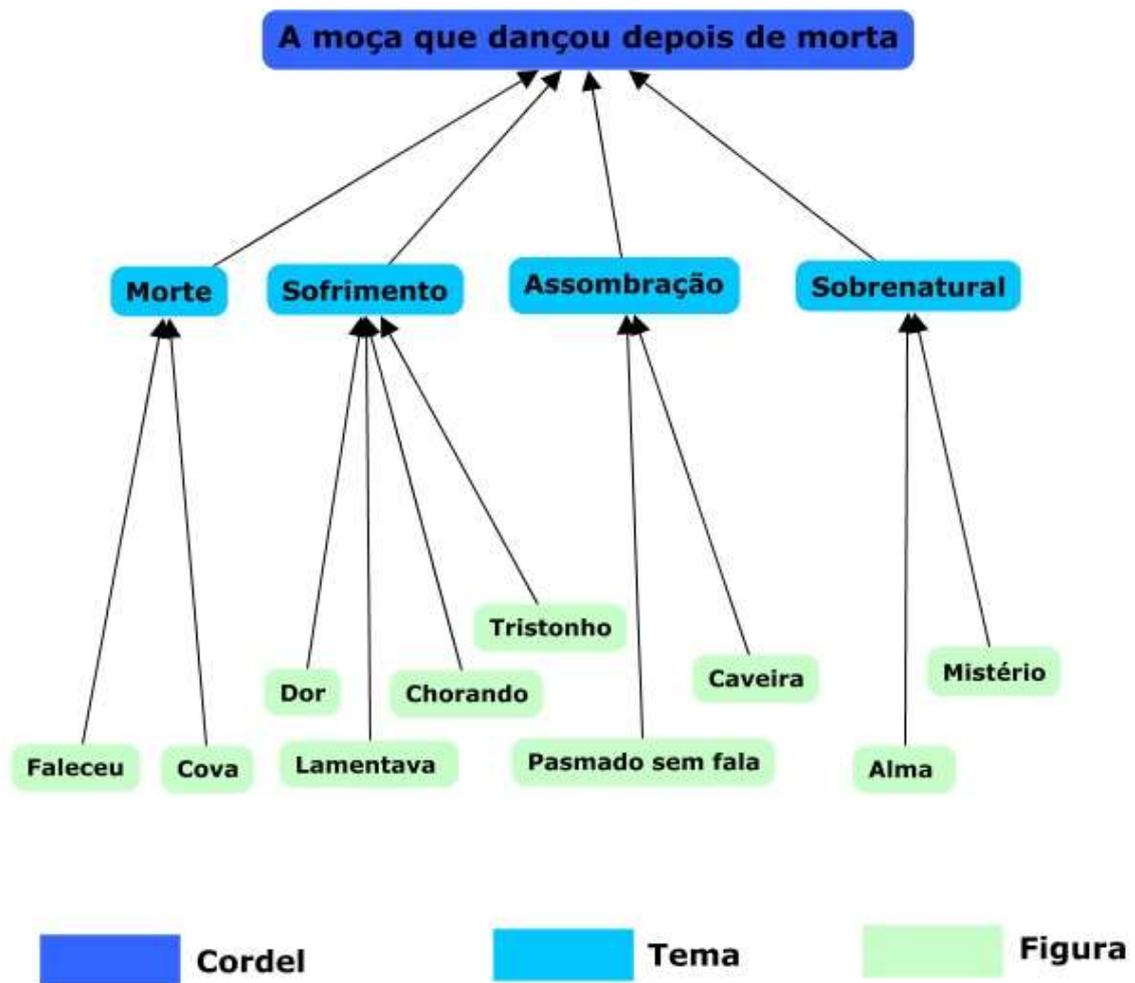
Tristonho	
Caveira	Assombração
Pasmado sem fala	
Alma	Sobrenatural
Mistério	

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada a partir das sextilhas, outras figuras e temas emergiram. As palavras: **alma** e **mistério** figurativizam o tema **sobrenatural**, caracterizando algo fora das leis naturais da vida, que não se consegue esclarecer. As palavras: **faleceu** e **cova** figurativizam o tema **morte**, designando a interrupção irrevogável da vida. As palavras: **lamentava**, **chorando**, **tristonho** e **dor** figurativizam o tema **sofrimento**, caracterizando dor física, moral ou espiritual sentidas por uma pessoa.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Assombração, Sobrenatural, Morte e Sofrimento.

Figura 10 – Mapa conceitual: A moça que dançou depois de morta.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.8 Tematização da Obra: O exemplo da mulher que vendeu os cabelos e visitou o inferno.

Na obra “O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou inferno”, o tema é a **punição**, figurativizado pelas palavras **cutuca** e **castigo** e pela expressão “**chama ardente**”, o tema caracteriza a aplicação de castigos aos que cometem algum tipo de falta, seja ela moral ou religiosa.

Quadro 24 - Figuras e temas da obra “O exemplo da mulher que vendeu os cabelos e visitou o inferno”.

FIGURAS	TEMAS
Morreu	Morte
Sepultamento	
Tristonhamente	Sufrimento
Horrores	

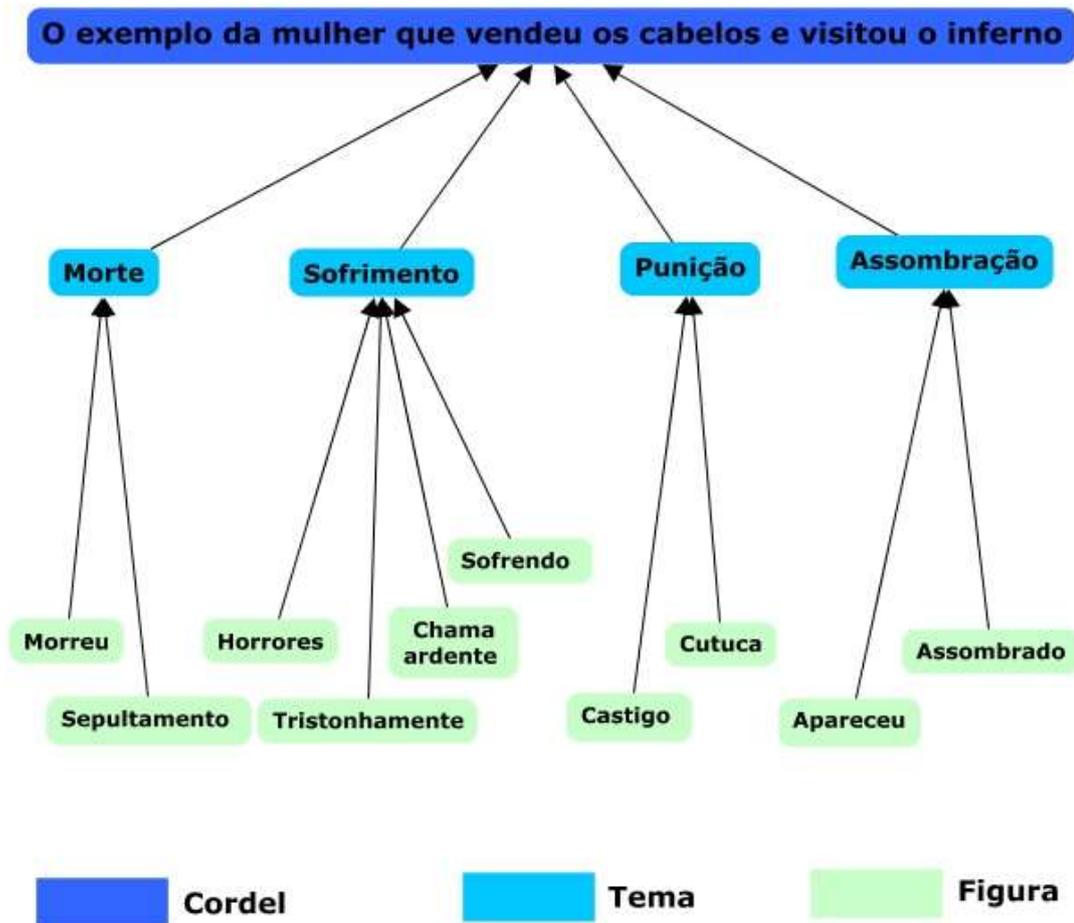
Sofrendo	Punição
Chama ardente	
Castigo	
Cutuca	Assombração
Apareceu	
Assombrado	

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada a partir das sextilhas, outras figuras e temas emergiram. As palavras: **apareceu** e **assombrado** figurativizam o tema **assombração**, distinguindo o medo gerado por algo que não se pode explicar, como o surgimento de seres etéreos ou fantásticos. As palavras: **tristonhamente**, **horrores** e **sofrendo** figurativizam o tema **sofrimento**, caracterizando dor física, moral ou espiritual sentidas por uma pessoa. As palavras: **morreu** e **sepultamento** figurativizam o tema **morte**, indicando a interrupção irrevogável da vida.

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Punição, Assombração, Sofrimento e Morte.

Figura 11 – Mapa conceitual: O exemplo da mulher que vendeu os cabelos e visitou o inferno.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.9 Tematização da Obra: A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas.

Na obra “A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas” o tema é a **corrupção** figurativizado pela palavra **corrupção** e pela expressão “**come bola**”, o tema caracteriza a deterioração dos valores morais da sociedade. Na análise realizada com base nas sextilhas, outras figuras e temas surgiram. A expressão “**frente única**” e a palavra **moda**, figurativizam o tema **estilo**, designando “o uso, costume ou modo de vestir segundo o estilo da época ou por vontade própria” (ALBUQUERQUE, 2011). As palavras: **rouba** e **ladrão** figurativizam o tema **infração**, caracterizando o descumprimento das normas ao cometer atos ilícitos. A palavra **fofoqueira** figurativiza o tema **fofoca**, caracterizando a partilha de algum segredo ou fato inverídico sobre alguém repassada a uma ou mais pessoas.

Quadro 25 - Figuras e temas da obra “A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas”.

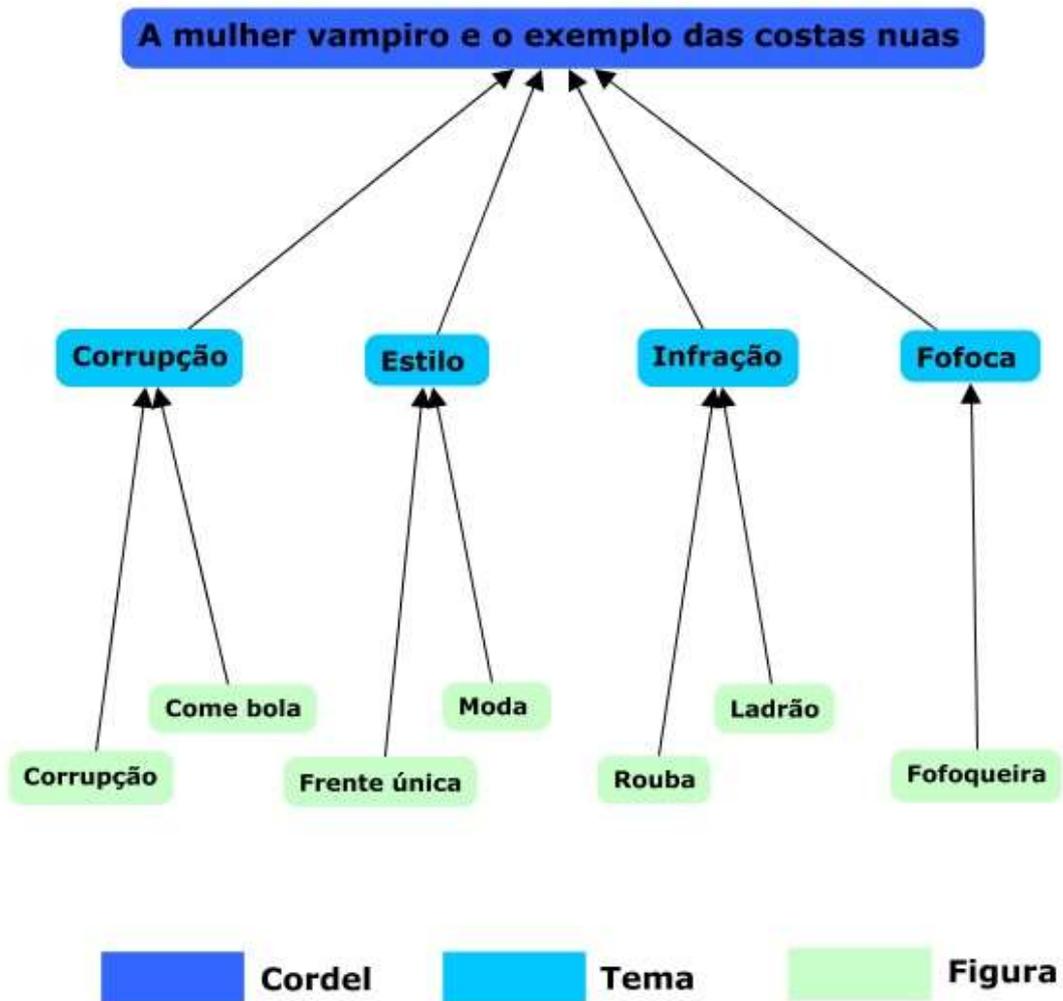
FIGURAS	TEMAS
---------	-------

Corrupção	Corrupção
Come bola	
Frente única	Estilo
Moda	
Rouba	Infração
Ladrão	
Foqueira	Fofoca

Fonte: (Dados da pesquisa).

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Corrupção, Estilo, Infração e Fofoca.

Figura 12 – Mapa conceitual: A mulher vampiro e o exemplo das costas nuas.



Fonte: (Dados da pesquisa).

7.2.10 Tematização da Obra: A mulher que botou o diabo na garrafa.

No folheto “A mulher que botou o diabo na garrafa” o tema é a **traição**, figurativizado pelas palavras **namorar**, **chifre** e **corno**. O tema caracteriza a ausência de fidelidade e confiança nas relações conjugais.

Quadro 26 - Figuras e temas da obra “A mulher que botou o diabo na garrafa”.

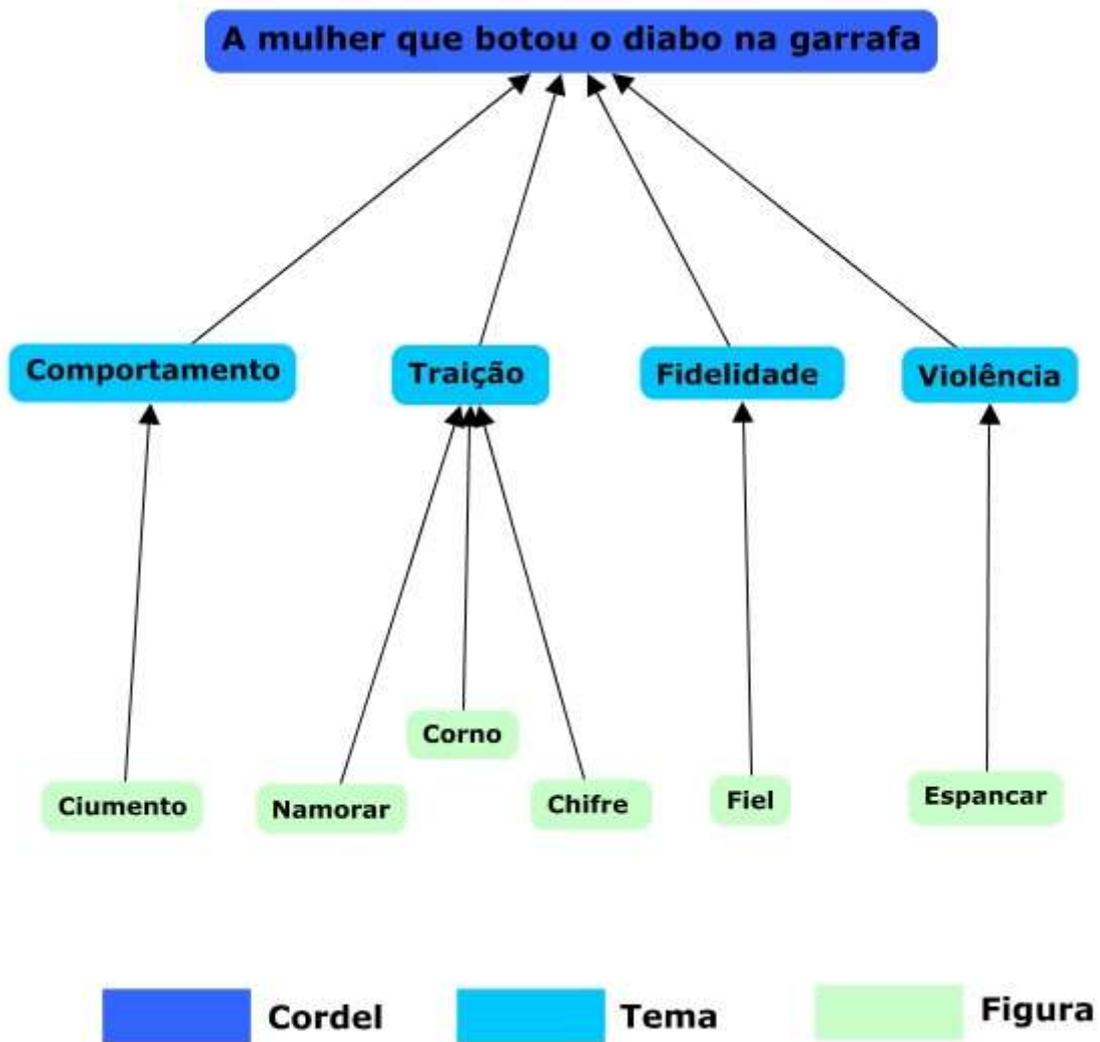
FIGURAS	TEMAS
Namorar	Traição
Chifre	
Corno	
Ciumento	Comportamento
Fiel	Fidelidade
Espancar	Violência

Fonte: (Dados da pesquisa).

Na análise realizada a partir das sextilhas, outras figuras e temas emergiram. A palavra: **ciumento** figurativiza o tema **comportamento**, caracterizando como um sujeito ou um grupo se comporta em sociedade. A palavra **fiel** figurativiza o tema **fidelidade**, designando o respeito pelo outro, o comprometimento de um indivíduo com outro. A palavra **espancar** figurativiza o tema **violência**, designando “Constrangimento, físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem” (MICHAELIS, 1998).

Desta maneira, a obra pode ser analisada tematicamente da seguinte maneira: Traição, Comportamento, Fidelidade e Violência.

Figura 13 – Mapa conceitual: A mulher que botou o diabo na garrafa.



Fonte: (Dados da pesquisa).

Diante das análises, compreendemos que os folhetos de cordel, geralmente, não apresentam um único tema, os diversos temas encontrados exercem o papel de termo descritor ou termo conceito, cabendo ao indexador, nos casos em que tenha que optar por um único conceito, escolher qual deverá utilizar.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promover a análise de assuntos da literatura de cordel a partir dos processos de tematização e figurativização é um desafio para autores, profissionais e estudiosos do tema. A extração dos termos com base na semântica discursiva requer uma perspectiva diferenciada do analista, o que pode incidir em certa dificuldade, já que os estudos convergindo a Ciência da Informação e a Linguística ainda estão em seu início.

Em contrapartida, folhetos de cordel se apresentam como significantes instrumentos de memória, por se propagarem por meio da memória coletiva, se firmando como um registro da cultura popular. Ademais, a ampliação do tratamento temático deste tipo de documento, nos faz reconhecer a importante função que a literatura de cordel exerce nas relações sociais, com suas histórias seja sobre política, seja sobre uma “assombração que deixe uma lição aos menos atentos”. Fazendo com que o cordel ainda hoje, mesmo em uma sociedade tão dinamizada, cumpra a sua função informativa.

Contudo, devemos considerar que essa dinamização social tem reflexo sobre como o conhecimento científico evolui na forma como atende às questões advindas das reflexões da sociedade, para que ele possa se estabelecer e dar retorno a esses questionamentos. Dessa maneira, abrem-se caminhos para renovações dos métodos aplicados com a finalidade de contribuir para o progresso de uma área.

A estrutura da literatura popular de cordel, por sua natureza rimada e metrificada, difere de outros gêneros textuais, como por exemplo, a narrativa de ficção científica. No caso de um texto narrativo, o percurso gerativo de sentido pode ser aplicado em sua totalidade. Já na literatura popular a utilização do percurso temático e figurativo, torna-se mais adequada, tendo em vista que a semântica discursiva se preocupa com o significado.

Com a semântica discursiva, as ambiguidades das palavras podem ser reduzidas, pois ao inserimos uma palavra em um contexto linguístico podemos interpretar essa palavra e perceber o seu sentido, se a palavra está isolada, sem contexto, as chances de ela ser interpretada com um significado “solto” que pode não corresponder sobre do que trata o texto é muito alta.

Por se utilizar de uma linguagem variada a literatura de cordel apresenta muitas palavras que são melhor interpretadas com o auxílio de um contexto, um sentido. Dessa maneira os processos de tematização e figurativização tornam-se uma alternativa adequada para a indexação desse tipo de documento, pois mesmo que o leitor-mediador seja levado a um tema equivocado, ele pode voltar ao texto, analisar o contexto da figura destacada e chegar ao tema correto. Pois a figura, por ser o que há de concreto no texto, aliada ao contexto evita que o tema,

advindo da abstração, deixe de ser apresentado, dessa maneira a questão da subjetividade na indexação fica resolvida.

Na pesquisa, no momento da análise das figuras e temas, foi desenvolvido o mesmo procedimento realizado na linguagem documentária, mas com o aporte da discursivização: com a figurativização, com seus elementos concretos, traduz-se a linguagem natural, e com a tematização, com seus elementos abstratos, a linguagem artificial.

Diante do exposto, com a utilização das premissas da semântica discursiva em conjunto com a análise de assunto, possibilitou-se realizar uma tradução mais eficaz do documento.

Foi feita uma análise integral dos cordéis, considerando como macroestruturas não apenas o título, mas as sextilhas, setilhas e décimas dos cordéis e foi possível considerar que em cada uma delas emergiram temas passíveis de indexação para além do título, ampliando o espectro de assuntos ali tratados e que podem ser recuperados em sistemas de informação.

Uma figura isolada no texto não tem muito significado, o seu entendimento surge da sua conexão com outras figuras, o tema dá o sentido às figuras tornando visíveis, a partir de elementos concretos, os significados abstratos. Para chegarmos ao assunto geral dos cordéis analisados, avaliamos o encadeamento dos diferentes temas distribuídos pelas sextilhas e décimas dos folhetos.

Considerar a aplicação da semântica discursiva nos procedimentos de representação da informação e do conhecimento estabelece uma alternativa à prática usual, abrindo espaço para um novo tipo de análise, pois é no sentido, na significação que as manifestações tomam forma, e a perspectiva que a semântica nos traz, nos auxilia a perceber melhor essas questões.

Dessa maneira, entendemos que o percurso temático e figurativo pode contribuir para a análise de assunto em literatura de cordel, pois ao identificarmos as figuras e os temas, estamos realizando um procedimento para a extração de assuntos.

Realizar a análise de assunto utilizando o aporte teórico-metodológico da semântica discursiva é um caminho a ser seguido, pois quando utilizada nesse processo a semântica greimasiana alcança níveis satisfatórios de redução da subjetividade, permitindo uma indexação mais precisa.

Concluimos assim, que na representação da informação em literatura de cordel, faz-se necessária a ampliação dos estudos inerentes ao que unam a semântica discursiva e os postulados da Ciência da Informação. Estes estudos contribuirão significativamente para possibilitar um novo olhar sobre a tradução dos termos entre os tipos de leituras utilizados na organização da informação.

Procuramos, através dos procedimentos de tematização e figurativização, na análise de assunto em literatura de cordel, produzir um estudo que seja útil como referência para pesquisas posteriores, contribuindo para o entendimento da relação entre Linguística e a Ciência da Informação.

Portanto, com as análises realizadas consideramos que os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, tendo em vista que a identificação dos temas permite uma indexação mais precisa para cada folheto de cordel analisado.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; SOIHET, R. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. 2011. 311 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

AMORIM, M. A. **Patrimônios vivos de Pernambuco**. Recife: Fundarpe, 2010.

ANTONIO, D. M. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias**. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**, 3.ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ARAÚJO, C. A. A. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 117-140, nov. 2006. ISSN 1518-2924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11n22p117/368>>. Acesso em: 09 set. 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 12676: Métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação**. Rio de Janeiro: 1992.

AZEVEDO NETTO, C. X. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação e Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1 - 13, 2002.

BARRETO, A. M. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul.-dez. 2007.

BARBOSA, A. P. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.

BARBOSA, J. L.; DESCARDECI, M. A. Percurso para compreender a semiótica: a cooperação entre a epistemologia e o histórico da semiótica. **Estudos Semióticos**, São Paulo,

v. 8, n. 1, p.124-137, jun. 2012. Disponível em:
<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe81/2012esse81_jlbarbosa.pdf>. Acesso em: 23 maio 2015.

BARROS, D. L. P. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

BATISTA, M. A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais. **Rev. De Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 25, p.60-68, jan/dez. 2003. Disponível em:
<<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art10.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Beleza. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss**. São Paulo: Objetiva, 2009.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2003.

BIÃO, A. J. C. **Teatro de cordel e formação para a cena: textos reunidos**. Salvador: P&a Gráfica e Editora, 2009.

BIZZOCCHI, A. O fantástico mundo da linguagem. In: GARSCHAGEN, D. M. **Pesquisas Especiais Barsa Society**, versão 2.1. Rio de Janeiro: Editora Barsa Planeta, 2001.

BORGES, J. F. **Memórias e contos de J. Borges**. [S.l]: Hedra, 2007. (Coleção Biblioteca de Cordel).

_____. **A Chegada da Prostituta no Céu**. Bezerros: Do autor, 1985.

BORGES, J. F. COIMBRA, Silvia R. **Poesia e gravura de J. Borges**. Recife: Ed. do Autor, 1993.

BORBINHA, J.L *et al.* Manifesto para preservação digital. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação: BAD**, Lisboa, n.2, 2002. Disponível em:

<<http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno22002/Borbinha.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.

BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASSIRER, E. Definição do homem em termos de cultura. In: _____. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CASTRO, C.A. Produção e circulação de livros no Brasil: os jesuítas (1550) aos militares (1960). **Encontros bibli: R.Eletrônica de BIBLIO. CI. Infor.** Florianópolis, n.20, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2005v10n20p92/305>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

CASCUDO, L. C. Cultura popular. In: **Civilização e cultura**: Brasília: José Olympio Editora, 1973.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v. 15, n. 2, p.28-35, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

CAVALCANTI, C. R. **Indexação & tesauro: metodologia & técnica**. Brasília: Associação de Bibliotecários do Distrito de Brasília, 1978.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.21, n.1/2, p.63-79, jan./jun. 1988.

CIACO, J. B.S. **Unissonância, bom senso e outros sentidos: uma abordagem semiótica da comunicação publicitária. Significação, Fabricação da Realidade e a Questão do-Outro**. 2000. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Fundação Getúlio Vargas Escola de Administração, São Paulo, 2000.

CINTRA, A. M. M., et.al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS (ICOMOS), **Carta de Burra**. Austrália: [s.n.], 1980. Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

COQUET, J-C. **Le discours e son sujet**. Tomo 1. Paris: Klincksieck, 1985.

CORDEL, Memórias do. **Xilógrafos Nordestinos #3: J. Borges**. 2013. Disponível em: <<http://www.memoriasdocordel.com.br/2013/08/xilografos-nordestinos-3-j-borges.html>>. Acesso em: 19 set. 2015.

CURRAN, M. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação ontem e hoje. In: conferência brasileira de classificação bibliográfica, 1, 1972, Rio de Janeiro. **Anais...** Brasília: IBICT/ABDF, 1979. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/dahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>. Acesso em: 16 mai. 2015.

_____. Knowledge Organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031

DIAS, E. W. Análise de assunto: percepção do usuário quanto ao conteúdo de documentos. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.9 n.2, p. 146-157, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_195e3033e5_0013202.pdf>. Acesso em: 16 mar 2015.

DIAS, E; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2007.

FIDALGO, A.; GRADIM, A. **Manual de Semiótica**. Beira Interior PT: UBI, 2005.

ECO, U. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Portugal: Instituto Piaget, 2001.

FIORIN, J. L. A noção de texto em Semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n.23, p. 163-173, 1995.

_____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Revista D.E.L.T.A.**, vol.15, nº 1, fev.1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501999000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2015.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.

FREIRE, I. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da ciência da informação. **Informação&Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.12 n. 1 p.1-14. 2002.

GALVÃO, A.M.O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GAUDÊNCIO, S. M. **Representação da Informação em blogs: uma análise sob a luz da semântica discursiva**. 2014. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/8/TDE-2014-08-07T105337Z-2868/Publico/arquivototal.pdf>. Acesso em: 4 set. 2015.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983. 544 p.

GUEDES, E. G. F. **O conceito aboutness na organização e representação do conhecimento**. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos->

Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/guedes_egf_me_mar.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1 n.1, p.77-99, jan./jun. 2008. Disponível em:< <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2761>>. Acesso em: 22 maio 2015.

_____. Análise documental de conteúdo de textos literários narrativos: em busca do diálogo entre as concepções de aboutness/meaning e do percurso temático/percurso figurativo. In: GASPAR, N.; ROMÃO, L. (Orgs.). **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2008, v., p. 35-45.

GUIMARAES, J. A. C.; SILVA, R. R. da. A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da organização do conhecimento: elementos para uma reflexão. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais...** Marília: ANCIB, 2006.

HÉNAULT, A. **História concisa da semiótica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

HJORLAND, B. Semantics and knowledge organization. **Annual Review of Information Science & Technology**, v.41, n.1, p. 367-405, 2007.

HERNANDES, N. **Curso Semiótica Narrativa e Discursiva**. Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2006.

IASBECK, L. A Semiótica Atomizada: unidades semióticas. **Comunicologia** Brasília, v. 1, p. 27-54, 2010. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/1715/1147>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

J. BORGES. Direção de Laurita Caldas. Produção de Laurita Caldas, Elisa Cabral. João Pessoa: Olho-poema Produções, 2003. (07 min.), son., color. Entrevista com J. Borges. Disponível em: <<http://curtadoc.tv/curta/artes/j-borges/>>. Acesso em: 4 set. 2015.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia**. 1994. 163 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1994.

KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, jun. 1987.

LARA, G. M. P.; BATISTOTE, M. L. F. Analisando mitos indígenas: uma abordagem semiótica. **Linguagem**, São Carlos, n. 8, maio 2009. Disponível em: <http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao08/artigos_lara_batistote.php#_ftn1>. Acesso em: 4 set. 2015.

LARA, G. M. P.; MATTE, A. C. F. **Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e memória**. 4. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 423-483.

LOPES, A. M.; SANTOS, M. A. C.; DUARTE, M. L. R. **Preservação da memória no ciberespaço**. 2010. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/preservacao-da-memoria-no-cibrespaco-erebd-2010.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

LUYTEN, J. M. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

_____. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 317).

MAI, J.-E. **The concept of subject: On problems in indexing**. 1997. Disponível em: <http://jenseriimai.info/Papers/1997_TheConceptOfSubjectOnProblemsInIndexing.pdf>. Acesso em: 30 maio 2015

MAIA, F. A. Direito à memória: o patrimônio histórico artístico e cultural e o poder econômico. **Movendo idéias**. Belém, v.8, n. 13, p. 39-42. jun. de 2003. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/214.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2015.

MALMBERG, B. **A língua e o homem**: introdução aos problemas gerais da linguística, Rio de Janeiro: Nórdica/São Paulo: Duas Cidades, 1976.

MARCHIORO, M. Santos e demônios dançando no carnaval nordestino: quatro cordéis escolhidos de J. Borges. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Usp, 2014. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/MarcioMarchioro.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2015.

MARQUES, J. J. D. A lenda de “O fantasma que pede boleia”(The vanishing hitchhiker) em dois folhetos de cordel brasileiros. In: MORUJÃO, I.; SANTOS, Z. C. (Org.). **Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil**: Homenagem a Arnaldo Saraiva. 1427. ed. Porto: Citcem, 2011. Cap. 3. p. 207-308.

MARTINS, G. K. **Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**. 2014. 184 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/114036>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MAXADO, F. **O que é literatura de cordel?** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MENDES, C. M. Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, Dourados, v. 5, n. 9, p.173-193, jan/jun. de 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/975/810>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

MENEZES, E. D. B. de. Das classificações temáticas da literatura de cordel: Uma querela inútil. **Revista de Letras da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 13, n. 1/2, p.41-53, jan/dez de 1988. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/revistavol13n1-2.htm>>. Acesso em: 13 maio 2015.

MEY, E.S.A. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995.

MILANI, S. **Humboldt, Whitney e Saussure**: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística. 2000, 168 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995.

MOTA, S. **O que é Literatura de Cordel?** 2012. Disponível em: <<http://silviamota-cordel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

MONTEIRO, S.D. Semiótica Peirceana e a questão da informação e do conhecimento. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v.2, número esp., Ago./Dez. 2006.

MORAES, J. B. E. **Análise dos elementos temáticos característicos do gênero literário crônica com vistas a sua hierarquização para fins classificatórios**. Marília, 2005. Relatório Trienal de Pesquisa (2005-2007) apresentado como parte das exigências de R.D.I.D.P.

_____. Perspectivas metodológicas para a identificação do aboutness em textos narrativos de ficção. **Scire**: representación y organización del conocimiento, Zaragoza, v. 18, n. 2, p.57-66, jul. 2012. Disponível em:

<<http://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/viewFile/3965/3707>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

NASCIMENTO, L. M. B. **Análise documental e análise diplomática**: perspectivas de interlocução de procedimentos. 2009. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Marília, 2009.

Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/nascimento_lmb_do_mar.pdf)

[Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/nascimento_lmb_do_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/nascimento_lmb_do_mar.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2015.

NEIVA, Ivany Câmara. Revisitando a Folhetaria de J.Borges: notícias do sertão. In: Congresso Brasileiro e Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Intercom, 2006. p. 1 - 15. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0382-1.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015.

NICOLAU, M. et al. Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. **Revista Eletrônica Temática**, João Pessoa, v. 6, n. 8, p.1-25, set. 2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/agosto/semiotica_peirce_nicolau.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

NONATO, R.S. **Teoria do conceito e hipertextos**: uma proposta para a determinação de relacionamentos em links conceituais. 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista projeto história**, São Paulo, v.10, p. 7-28. 1993.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007

OLIVEIRA, R. A. **Obras de arte e a memória imagética**: uma análise dos métodos de representação. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

OLIVEIRA, R. A. C. **Literatura de cordel e identidade cultural**: O olhar de alunos do ensino médio integrado ao curso de agropecuária do IFPE campus vitória de santo antão. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2011.

OLSON, H. A. **The power to name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

ORTEGA, Cristina Dotta. Do princípio monográfico à unidade documentária: exploração dos fundamentos da catalogação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 43-60, mar. 2011. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/download/402/263>>. Acesso em: 17 maio 2015.

PAVEAU, M.; SARFATI, G. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 2000.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHEIRO, R. V. R. **Os novos objetivos do catálogo de biblioteca**. 2009. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação, Universidade de Brasília.

PINHO, F. A. **Fundamentos da Organização e Representação do Conhecimento**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

RAMIRES, V.; DINIZ, M. B. M. Literatura de Cordel: História e Oralidade. **Cadernos do Tempo Presente**, Aracaju, n. 15, p.86-100, mar. /abr. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2813/2465>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

PINTO-MOLINA, M. **Análisis documental**: fundamentos y procedimientos. 2. ed. rev. ampl. Madrid: Eudema Universidad; Manueles, 1993.

REBOULET, L. B. A festa e a magia nas xilogravuras de J. Borges. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 91-105, nov. 2012.

RIBAS, C. S. C.; ZIVIANI, P. O profissional da informação: rumos e desafios para uma sociedade inclusiva. **Informação&Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.17, n.3, p.47-57, set./dez. 2007.

ROBREDO, J. **Documentação de Hoje e de Amanhã**: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas. 4. ed. Brasília DF: 2005.

ROMERO, S. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SALES, R.; GUIMARÃES, J. A. Los principios teóricos de Cutter, Kaiser y Ranganathan como elementos de interlocución en organización del conocimiento. **Scire**: representación y organización del conocimiento, Zaragoza, v. 16, n. 2, p. 21-29, 2010. Disponível em:<<http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114665/ISSN11353716-2010-16-02-21-29.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

SALLES, C. **A saga do cordel em poesia**. Rio de Janeiro: s.n, 2002. 20 p. Disponível em: <http://www.chicosalles.com.br/livros/cordel_a_saga_do_cordel.pdf>. Acesso em: 25 set. 2015.

SAMPAIO, A. M. M. Incentivo à leitura e preservação da cultura popular. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2008. p. 1 - 8. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3265.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

SANTAELLA, L. **A assinatura das coisas**: Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

_____. **Semiótica**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, M. J. Borges: a arte da xilogravura. **Revista Educação da Ung**. Garulhos, v. 4, n. 1, p.76-82, jan. 2009. Anual. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/465/572>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

SANTOS, I. O folheto do cordel. In: _____. **Memória das Vozes: Cantoria, romanceiro & cordel**. Tradução de Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2008, cap. 4, p. 59-78.

_____. A fé católica na literatura de cordel. **Horizonte Teológico**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p.33-57, jan/jun. 2014.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1, n.1, p.41-62, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

Sentimento. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss**. São Paulo: Objetiva, 2009.

SILVA, G. F. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. 3. ed. São Luís: Editora Rovellet, 2005.

SILVA, M. R. **Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/historias-ambulantes.html>>. Acesso em: 13 set. 2015

SILVEIRA, L.F. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

SMIRAGLIA, R. P. The progress of theory in knowledge organization. **Library Trends**, Champaign, v. 50, n. 3, p. 330-349, 2002.

STRAIOTO, A. C.; GUIMARÃES, J. A. C. A abordagem facetada no contexto da organização do conhecimento: elementos históricos. **Páginas a&b** (arquivos & bibliotecas), Lisboa, n. 14, p. 109-136, 2004.

TASSO, I.; BARBOSA, P. **Imagem e memória construindo sentidos no texto verbo-visual**. 2009. Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/058.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

Transformação. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss**. São Paulo: Objetiva, 2009.

UNESCO. **Anteprojeto da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

_____. **Relatório Mundial sobre Diversidade Cultural**. 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

UNISIST. Princípios de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.83-94, mar. 1981.

VAN DIJK, T. Text and context. **Explorations in semantics and pragmatics of discourse**. London: Longman, 1977.

_____. **The Porto Rico lectures on the structures and functions of discourse**. Amsterdam: 1978.

VIEIRA, I. **Entrevista J. BORGES**. 2015. Disponível em: <http://www.acasa.org.br/biblioteca_texto.php?id=532>. Acesso em: 6 set. 2015.

Violência In: MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. In: **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 159 - 179.